

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM PROPAGANDA – MONOGRAFIA**

O PROJETO GRÁFICO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS
Um estudo sobre o projeto gráfico da revista da FABICO/UFRGS

Raquel da Silva Castedo

Porto Alegre, 2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM PROPAGANDA – MONOGRAFIA**

**O PROJETO GRÁFICO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS
Um estudo sobre o projeto gráfico da revista da FABICO/UFRGS**

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski

Porto Alegre, 2005

A monografia intitulada **O PROJETO GRÁFICO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS - Um estudo sobre o projeto gráfico da revista da FABICO/UFRGS** foi apresentada pela acadêmica Raquel da Silva Castedo, como pré-requisito para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, no dia 13 de julho de 2005, às 10h, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, tendo sido aprovada com conceito “A” pela banca abaixo constituída.

Porto Alegre, 13 de julho de 2005.

Profa. Dra Ana Maria Dalla Zen

Profa. Dra. Marcia Benetti Machado

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski
Orientadora

AGRADECIMENTOS

À Universidade, pelo ensino diferenciado que me proporciona.

À minha orientadora e amiga, professora Ana Cláudia Gruszynski, por ter-me introduzido ao estudo em Design Gráfico, uma área inesgotável de pesquisa em Comunicação.

À Ângela Braun, pela colaboração na revisão deste trabalho.

A Gustavo Schossler, por seu companheirismo em todos os momentos, e por sua sensibilidade ao compreender a importância desse trabalho de conclusão para minha formação acadêmica.

À minha família, em especial a meus pais, Nestor e Ilda Castedo, pelo incentivo e apoio incondicional em todas as minhas empreitadas.

RESUMO

O presente trabalho estuda a relação entre projetos gráfico e editorial de periódicos na comunicação científica. Para isso, apresentam-se as características desse tipo de publicação – definição, tipologia, funções, histórico –, um levantamento sobre o modo como estes veículos vêm sendo avaliados, bem como as peculiaridades do processo de design editorial.

A partir dessas definições, parte-se para o resgate histórico sobre a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS e sobre a revista científica nela editada, concluindo com a análise dos projetos gráficos de cada volume da coleção.

Palavras-chave: Periódicos Científicos; Design Editorial; FABICO; Comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O PERIÓDICO CIENTÍFICO IMPRESSO.....	16
1.1 Definição.....	16
1.2 Tipologia.....	17
1.3 Funções.....	19
1.4 Histórico.....	20
1.5 Avaliação de periódicos científicos.....	28
2 O PROCESSO DE DESIGN EDITORIAL.....	32
2.1 Especificações do projeto – produção determinando a criação.....	37
2.2 O projeto gráfico de uma publicação periódica – elementos do design editorial.....	39
3 A REVISTA DA FABICO/UFRGS.....	45
3.1 Entrevista com as editoras.....	49
3.2 Análise dos volumes da revista.....	51
3.3 A coleção de revistas.....	116
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS.....	122

ANEXOS.....	125
GLOSSÁRIO.....	139

LISTA DE FIGURAS

Figura1 - Folha de rosto e primeira página de texto do <i>Journal de Sçavans</i> , volume 1.....	23
Figura 2 - Folha de rosto da revista <i>Philosophical Transactions</i> da Royal Society, volume 1.....	24
Figura 3 – Diagrama/Grid.....	40
Figura 4 – Fatores associados à legibilidade.....	42
Figura 5 – Capa do volume 1.....	52
Figura 6 – Página 2 do volume 1.....	54
Figura 7 – Página 3 do volume 1.....	55
Figura 8 – Página 6 do volume 1.....	56
Figura 9 – Páginas 14 e 15 do volume 1.....	57
Figura 10 – Capa do volume 2.....	58
Figura 11 – Ficha catalográfica e dados sobre a UFRGS e a FABICO no volume 2.....	60
Figura 12 – Dados sobre os envolvidos na edição e produção do volume 2.....	61
Figura 13 – Sumário do volume 2.....	62
Figura 14 – Página de abertura dos artigos no volume 2.....	63
Figura 15 – Página em que entraram referências, em um dos artigos no volume 2.....	64
Figura 16 – Gráfico da página 46 do volume 2.....	65

Figura 17 – Fotografia extraída da página 51 do volume 2.....	65
Figura 18 – Capa do volume 3.....	66
Figura 19 – Página 2 do volume 3.....	68
Figura 20 – Página onde se encontra o sumário da edição.....	69
Figura 21 – Página 4 do volume 3.....	70
Figura 22 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos.....	71
Figura 23 – Exemplo de página com referências no volume 3.....	72
Figura 24 – Exemplo de página com ilustração no volume 3.....	73
Figura 25 – Contracapa, lombada e capa do volume 4.....	74
Figura 26 – Ficha catalográfica do volume 4.....	76
Figura 27 – Sumário do volume 4.....	77
Figura 28 – Página 4 do volume 4.....	78
Figura 29 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 4.....	79
Figura 30 – Exemplo de página com ilustração no volume 4.....	80
Figura 31 – Contracapa, lombada e capa do volume 5.....	81
Figura 32 – Ficha catalográfica do volume 5.....	83
Figura 33 – Sumário do volume 5.....	84
Figura 34 – Página 4 do volume 5.....	85
Figura 35 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 5.....	86
Figura 36 – Exemplo de página com referências dos trabalhos no volume 5.....	87
Figura 37 – Contracapa, lombada e capa do volume 6.....	88
Figura 38 – Ficha catalográfica e expediente do volume 6.....	90
Figura 39 – Sumário do volume 6.....	91
Figura 40 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 6.....	92
Figura 41 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 6.....	93

Figura 42 – Contracapa, lombada e capa do volume 7.....	94
Figura 43 – Ficha catalográfica e expediente do volume 7.....	96
Figura 44 – Sumário do volume 7.....	97
Figura 45 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 7.....	98
Figura 46 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 7.....	99
Figura 47 – Exemplo de página com imagem no volume 7.....	100
Figura 48 – Contracapa, lombada e capa do volume 8.....	101
Figura 49 – Ficha catalográfica e expediente do volume 8.....	103
Figura 50 – Sumário do volume 8.....	104
Figura 51 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 8.....	105
Figura 52 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 8.....	106
Figura 53 – Contracapa, lombada e capa do volume 9 número 1.....	107
Figura 54 – Ficha catalográfica e expediente do volume 9 número 1.....	109
Figura 55 – Sumário do volume 9 número 1.....	110
Figura 56 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 9 número 1.....	111
Figura 57 – Exemplo de página apresentação de tabela no volume 9 número 1.....	112
Figura 58 – Contracapa, lombada e capa do volume 9 número 2.....	113
Figura 59 – Ficha catalográfica e expediente do volume 9 número 2.....	114
Figura 60 – Exemplo de ilustração usada no volume 9 número 2.....	115

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Especificações do projeto do volume 1.....	52
Tabela 2 – Especificações do projeto do volume 2.....	58
Tabela 3 – Especificações do projeto do volume 3.....	66
Tabela 4 – Especificações do projeto do volume 4.....	74
Tabela 5 – Especificações do projeto do volume 5.....	81
Tabela 6 – Especificações do projeto do volume 6.....	88
Tabela 7 – Especificações do projeto do volume 7.....	94
Tabela 8 – Especificações do projeto do volume 8.....	101
Tabela 9 – Especificações do projeto do volume 9 número 1.....	107
Tabela 10 – Especificações do projeto do volume 9 número 2.....	113

INTRODUÇÃO

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência.

Arthur Jack Meadows, 1999

Para Arthur Jack Meadows, a comunicação científica é tão importante quanto a própria pesquisa, pois a legitimidade desta passa pela análise e aceitação do que foi realizado pelos pares. Além disso, a comunicação científica é relevante na medida em que as pesquisas necessitam de apoio e recursos financeiros. Para que não se desperdice todo esforço e empenho no seu desenvolvimento, publicá-las possibilita o acesso a seus resultados por parte dos interessados. A comunicação eficiente, portanto, é essencial para o processo de investigação científica.

Nesse sentido, todo processo de comunicação que se pretende eficaz, depende do entendimento de basicamente três elementos: o veículo utilizado para transferência das informações, a natureza dessas informações e o público que se deseja atingir (MEADOWS, 1999). Dentre os veículos utilizados na comunicação científica, percebe-se a existência de dois grandes grupos: o meio impresso, foco do presente estudo, e o eletrônico.

Dentro do processo de comunicação científica por meio impresso, os periódicos científicos¹ são veículos importantes para os serviços de referência, pois através deles são

¹ No presente trabalho, serão utilizados os termos periódicos científicos e revistas científicas como equivalentes. No capítulo um, trataremos de sua definição de modo mais aprofundado.

divulgados os resultados das pesquisas mais atuais sobre uma determinada área do conhecimento. Apresentados por Stumpf (1998) como o principal veículo de comunicação do saber, são o arquivo da ciência e o principal meio para conferir prestígio e reconhecimento aos pesquisadores.

Criada ainda no século XVII, a revista científica se tornou a forma mais utilizada para transmissão de conhecimento nessa área por ser um meio de fácil produção e distribuição. O aumento acelerado do número de títulos de revistas científicas em todas as áreas do conhecimento no último século vem constituindo preocupação para os profissionais que se interessam pela qualidade da informação científica. Internacionalmente, críticas vêm sendo feitas com relação aos critérios de qualidade, desperdício de esforços e de recursos financeiros, no status de organizações científicas ou instituições, que envolvem a publicação de tais periódicos.

No panorama brasileiro, a falta de recursos financeiros para a publicação de periódicos científicos leva os editores de revistas à busca por verbas de apoio junto às agências financiadoras do país. Essa ajuda, segundo Krzyzanowski e Ferreira (1998), é praticamente impossível para todas as publicações que existem na atualidade. Dentro desse quadro, as agências vêm investindo em programas de apoio com políticas que pretendem contribuir para a permanência de revistas de boa qualidade, já que é junto a elas que pesquisas financiadas pelas próprias agências são divulgadas.

Procurando definir um padrão de qualidade para os periódicos científicos, os programas de avaliação desses veículos existentes no Brasil tratam de analisar inúmeros aspectos em relação à sua publicação. Contudo, apesar do aprimoramento da avaliação da qualidade de seu conteúdo ter crescido de maneira mais acelerada nos últimos anos, a preocupação com a qualidade do projeto gráfico dos periódicos ainda é bastante insipiente. Que elementos do projeto gráfico poderiam qualificar os periódicos científicos? É, pois, nessa perspectiva que esta monografia se insere.

Buscando melhor compreender a relação entre os projetos gráfico e editorial de periódicos científicos, com vistas à qualificação das publicações, a presente pesquisa tem como

objetivo geral estudar a Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FABICO/UFRGS sob o ponto-de-vista de sua programação visual. Como objetivos específicos, o trabalho tem: (1) compreender as particularidades do periódico científico impresso, sua história, função e os critérios utilizados na sua avaliação; (2) sistematizar as etapas do processo de design, avaliando sua relação com a produção de periódicos; (3) levantar e organizar dados sobre a trajetória da revista da FABICO, analisando a coleção publicada até o momento de realização deste trabalho sob a perspectiva do planejamento gráfico.

Para atingir os objetivos propostos, realizou-se, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica. Através dela, compreendeu-se os principais aspectos relacionados ao problema de pesquisa, sistematizando categorias importantes para posterior análise e discussão. Durante o percurso da pesquisa, pareceu importante ampliar as informações acerca do objeto de estudo, a Revista da FABICO. Realizou-se, então, entrevistas com as editoras que passaram pela publicação. Os depoimentos foram obtidos através de entrevistas pessoais. Utilizando apenas um roteiro base para desencadear o diálogo, a entrevista não foi padronizada para que o entrevistador tivesse liberdade para desenvolver cada situação na direção que considerasse adequada. Com as entrevistas, buscou-se averiguar os fatos, descobrir como aconteceram, além de conhecer a opinião e o sentimento dos entrevistados sobre eles².

O primeiro capítulo compreende a pesquisa sobre os periódicos científicos impressos. Nele, apresenta-se definição, tipologia, funções e histórico dos periódicos científicos, desde sua criação, até os dias atuais, além do levantamento sobre o modo como estes veículos vêm sendo avaliados. No capítulo dois, encontra-se a descrição do processo de design de periódicos, bem como dos elementos nele envolvidos. Neste capítulo, encontram-se diversos termos técnicos que originaram um glossário que pode ser consultado no final deste trabalho. Apenas os termos não explicados neste capítulo receberam definição no glossário. Por fim, o capítulo três resgata o

² Este modelo de entrevista é sugerido por Lakatos e Marconi (1991).

histórico da revista da FABICO – e um pouco da história da própria Faculdade – e agrega os dados obtidos através das entrevistas com as editoras. Nele, encontramos também a análise do projeto gráfico das várias edições impressas, trazendo apontamentos importantes sobre problemas na normalização proposta pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, no que diz respeito à legibilidade da publicação.

A escolha deste tema de estudo parece relevante por permitir o resgate de parte da história da FABICO, relacionada à sua produção científica. Nesse sentido, a digitalização das capas dos volumes e algumas páginas exemplares, bem como a construção de quadros descritivos, sistematizam e analisam dados que compõem parte da memória da Instituição, gerando um documento que ficará à disposição para futuros estudos. Além disso, as proposições feitas nesse estudo podem vir a motivar as instituições competentes a repensarem a normalização proposta para os periódicos científicos, fazendo que a qualificação comunicacional das publicações seja alcançada.

Do mesmo modo, a opção por um tema ligado à Faculdade demonstra o interesse em retribuir de alguma maneira os anos de formação diferenciada oferecidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em especial, este trabalho de conclusão de curso é o resultado da união entre a experiência singular de atuar junto à produção de conhecimento científico dentro da UFRGS, e ao trabalho na área de planejamento gráfico de publicações que realizo no mercado. Essas experiências foram adquiridas através de atividades de pesquisa no Núcleo de Pesquisa em Mídia, atual Núcleo de Comunicação e Práticas Culturais, e Laboratório Eletrônico de Arte e Design, ambos núcleos de pesquisa da FABICO/UFRGS, bem como, através dos trabalhos desenvolvidos no Atelier Design Editorial onde atuo.

1 O PERIÓDICO CIENTÍFICO IMPRESSO

1.1 Definição

As várias denominações existentes para periódicos científicos dificultam uma definição precisa para esse termo. Segundo Stumpf (1998), termos como revistas científicas, publicações periódicas, publicações seriadas, entre outros, são freqüentemente utilizados como sinônimos. A fim de esclarecer as diferenças e semelhanças entre os usos dessas palavras, partiu-se em busca das conceituações estabelecidas tanto por entidades de normalização quanto por autores nacionais e internacionais.

A rede *International Standard Serial Number* (ISSN), tendo como centro nacional no Brasil o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), considera as publicações seriadas ou *serials* como categoria maior, utilizando como base o conceito extraído da ISO 3297, que estabelece: "Publicação que utiliza qualquer tipo de suporte, editada em partes sucessivas com designações numéricas ou cronológicas destinada a ser continuada indefinidamente", definição que abrangeria tanto publicações impressas quanto eletrônicas.

Machlup; Lesson e outros, também propõem que as publicações seriadas deveriam ser consideradas como a categoria maior, tendo sido definidas por eles como: "...um termo abrangente para publicações editadas em partes sucessivas, apresentando indicação numérica ou

cronológica e com a intenção de continuar indefinidamente” (MACHLUP; LESSON e outros, 1978 apud STUMPF, 1998, p.1). Essa categoria incluiria periódicos, jornais, anuários, anais de sociedades científicas, entre outros. Desta forma, os periódicos constituiriam uma das categorias das publicações seriadas, tendo a periodicidade como principal característica.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT –, órgão responsável pela normalização técnica no Brasil, apresenta, além da periodicidade, outras características ao termo publicação periódica (NBR 6023-2002): “publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas e destinada a ser continuada indefinidamente”.

A partir da verificação das características encontradas em cada uma das definições citadas, assume-se a definição sugerida pela autora Denise H. Farias de Souza, que reúne de maneira mais ampla as conceituações apresentadas:

Periódicos são publicações editadas em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico, aparecendo a intervalos regulares ou irregulares, por um tempo indeterminado, trazendo a colaboração de vários autores, sob a direção de uma ou mais pessoas mas geralmente de uma entidade responsável, tratando de assuntos diversos, porém dentro dos limites de um esquema mais ou menos definido. (SOUZA, 1992, p.19)

1.2 Tipologia

Segundo Souza (1992), publicações periódicas compreendem periódicos em geral: revistas, jornais, boletins informativos científicos ou de divulgação, atas, anuários, etc. Quanto à periodicidade, podem ser: diários, semanais, mensais, bimensais, etc. Em relação ao conteúdo dessas publicações, encontramos propostas em Lambert (1985), Souza (1992) e Stumpf (1998). Estas não se excluem, podendo ser consideradas complementares.

Lambert divide os periódicos científicos em duas categorias: publicações primárias e publicações secundárias, enquanto Souza utiliza uma classificação semelhante que une a essas duas categorias uma terceira: a das publicações terciárias. As revistas científicas primárias ou

primary journals, para Lambert (1985), são o primeiro veículo para a publicação de uma pesquisa em ciência ou tecnologia, tendo assim, como característica principal apresentar conteúdo inédito. A segunda categoria apresentada por Lambert é a das revistas científicas secundárias ou *secondary journals*, que tem como atividades principais divulgar, comentar e interpretar as pesquisas que foram publicadas nas revistas científicas primárias. Seguindo a mesma linha, Souza caracteriza os três tipos de periódicos, incluindo uma categoria a mais que de certa forma une a primeira e a segunda: a) **publicações primárias**, seriam aquelas que publicam artigos ou matérias originais; b) **publicações secundárias**, publicam resumos ou sinopses de matérias originais; e c) **publicações terciárias**, publicam revisões, sintetizando os conhecimentos sobre uma determinada matéria, a partir dos diversos elementos originais ou não. Ainda segundo Souza (1992), os periódicos poderiam se enquadrar apenas em uma das categorias, se tomarmos como exemplo uma publicação composta apenas por artigos inéditos, ou ainda, poderiam pertencer a duas ou às três categorias, se tivermos como exemplo uma revista que publica artigos originais, comenta e resume livros e inclui ainda uma síntese dos conhecimentos sobre uma determinada matéria.

Já Stumpf (1998), apresenta uma divisão diferente para as publicações periódicas, proposta por um grupo de pesquisadores do IBICT. Para eles, existiriam outras três categorias possíveis para os periódicos em geral: a) **científicos**, aqueles que dedicam mais de 50% de seu conteúdo a artigos assinados – resultantes de atividades de pesquisa – identificados através de descrições internas denominadas “Método”, “Metodologia”, “Resultados”, “Conclusões”, entre outros; b) **técnicos**, aqueles que dedicam mais de 50% de seu conteúdo a artigos assinados, emitindo opiniões, pontos de vista, etc. de especialistas sobre determinado assunto, ou seja, artigos assinados mas não resultantes de atividades de pesquisa; e c) **divulgação**, aqueles que dedicam mais de 50% de seu conteúdo a notícias curtas, informes, entre outros, ou seja, matéria não assinada. Uma vez que as revistas brasileiras apresentam artigos resultantes de pesquisa básica e aplicada ou de desenvolvimento tecnológico, bem como análise e debate de questões políticas e

éticas, Stumpf (1994) considera mais apropriado dividir os periódicos nas categorias **técnico-científicos e de divulgação**.

Deste modo, a partir das classificações aceitas pelas fontes citadas, a divisão dos periódicos pode ser feita em (a) categorias referentes à originalidade do conteúdo publicado nos periódicos e em (b) categorias referentes à procedência dos textos que compõem as publicações estar relacionada à atividade de pesquisa ou não.

1.3 Funções

As revistas científicas são veículos importantes para os serviços de referência, pois através delas são divulgados os resultados das pesquisas mais atuais sobre um determinado assunto. A partir da leitura de Stumpf (1998), que toma como referência King e outros, Campello; Campos, Lambert (1985) e Schwartzman, definem-se três principais funções dos periódicos científicos: a) são **o arquivo** da ciência, porque registram as descobertas científicas de maneira permanente. Por essa razão, a periodicidade regular das revistas é de grande importância, uma vez que mantém a memória da ciência em constante reabastecimento; b) são o principal **veículo de comunicação** do saber, pois é através dos periódicos científicos que os resultados da ciência se tornam públicos; e c) são **o meio para conferir prestígio e reconhecimento** aos pesquisadores, já que os textos são lidos e avaliados por colegas da comunidade científica antes de serem publicados. Deve-se dar atenção especial a essa última função relacionada, chamada por Subramanyan (apud STUMPF, 1998) de função social, porque as revistas, sendo instituições sociais que reúnem pessoas, conferem prestígio e reconhecimento a quem as produz e utiliza. Além disso, é com a publicação de suas pesquisas que os autores podem provar a paternidade de uma nova idéia ou resultado.

1.4 Histórico

Segundo Meadows (1999), ninguém pode afirmar quando começou a se fazer pesquisa científica e, por conseguinte, quando, pela primeira vez, houve comunicação científica. É possível que as atividades mais remotas que tiveram impacto na comunicação científica moderna foram as dos antigos gregos. Este tipo de pesquisa poderia ser comunicada de várias formas, sendo que as duas mais importantes seriam a oral e a escrita. Os gregos dominavam ambas, de maneira que as discussões “acadêmicas” modernas remontariam à Academia, o lugar na periferia de Atenas onde as pessoas se reuniam nos séculos V e VI a.C. para debater questões filosóficas (MEADOWS, 1999).

Em relação à tradição da pesquisa comunicada pela forma escrita, foram ainda as obras gregas, tendo à frente Aristóteles, que mais tiveram a contribuir. Seus debates, conservados precariamente em manuscritos copiados repetidas vezes, influenciaram a cultura árabe e mais tarde a Europa ocidental. Nesse processo de disseminação do conhecimento científico, a introdução da imprensa na Europa no século XV, facilitou a produção de livros em série, representando um passo importante em direção a uma difusão melhor e mais rápida das pesquisas. A diminuição do tamanho dos livros pela troca gradual do método de produção manuscrita pelo uso da imprensa³, possibilitou um melhor transporte do material na Europa, por exemplo.

À existência de muitos correios oficiais no século XV que percorriam caminhos regulares, em viagens a serviço do Estado, levando geralmente correspondência particular, se deve a distribuição de inúmeros livros impressos diretamente de seus pesquisadores para bibliotecas de diversos lugares da Europa. No século XVI, entretanto, o transporte de correio com caráter não-governamental assumiu características cada vez mais formais. A partir daí, começaram a surgir,

³ A tipografia, arte de produzir textos em tipos/caracteres, foi criada em 1450 por Johannes Gutenberg com o fim comercial de concorrer com os copistas, produzindo livros mais depressa e a um menor custo (Ribeiro, 2003).

no sentido como hoje o entendemos, os sistemas de postais. Inicialmente, o impacto disso na ciência foi de pouca relevância, embora existissem pesquisadores como o astrônomo dinamarquês Tycho Brahe, que, segundo Meadows (1999), em meados do século XVI, procurava montar uma rede de correspondentes em astronomia, onde esse tipo de serviço se tornaria de extrema importância.

O que esses serviços estimularam, destaca Meadows (1999), foi a difusão de notícias. Pode-se afirmar que os sistemas postais e os jornais surgiram juntos. Com o surgimento da tipografia na Europa, começaram a ser produzidas folhas noticiosas, de caráter oficial ou não-oficial, que descreviam acontecimentos de particular interesse, dependendo do público ao qual se dirigiam. No início do século XVII, a distribuição esporádica de folhas noticiosas tornou-se mais regular. A publicação resultante dessas iniciativas viria a ser o ancestral do jornal moderno, que serviria também de modelo para a criação da revista científica.

Apesar dos avanços, a transição da forma manuscrita para a forma impressa não se daria instantaneamente. Noticiários manuscritos, principalmente quando se destinavam a um número reduzido de interessados, continuaram a ser produzidos durante todo o século XVII até o século XVIII. Além disso, as cartas enviadas pelos homens de ciência a seus amigos para relatar suas descobertas mais recentes continuaram por muito tempo a circular entre pequenos grupos de interessados, que as examinavam e discutiam criticamente, diz Stumpf (1998). Sua divulgação era bastante direcionada, uma vez que seus autores dificilmente as enviavam àqueles que podiam refutar suas idéias ou rejeitar seus experimentos.

Além da troca de informação entre cientistas por cartas, eram utilizadas atas ou memórias na comunicação e conservação das informações de reuniões. Essas informações consistiam em relatos dos encontros de uma determinada sociedade, que mais tarde viriam a ser impressos de maneira resumida para servirem de fonte de consulta e referência aos membros dessas sociedades. As cartas e as atas foram veículos de divulgação de experimentos que acabaram por influenciar o surgimento das revistas, que com o passar dos anos, obtiveram o papel de principal

meio de divulgação das investigações, sem que a comunicação por cartas e atas deixasse de existir. O que acabou ocorrendo foi uma definição de papel entre os diversos canais de divulgação científica da época. A correspondência passou a assumir um caráter de comunicação pessoal entre os pesquisadores, enquanto as atas, também conhecidas como memórias ou anais, passaram a se definir como um documento de registro dos estudos apresentados nas reuniões científicas e profissionais. (MEADOWS, 1999)

As duas primeiras revistas científicas das quais se tem notícia surgiram no ano de 1665. Segundo Bernard Houghton (1975), O *Journal des Sçavans* é geralmente citado como o primeiro periódico científico. Foi fundado por Denis de Sallo, um conselheiro da corte do parlamento francês. De Sallo teria mantido dois homens transcrevendo as passagens mais significativas que encontrava em suas leituras. Os resumos e anotações feitas por escritores da corte francesa eram incorporados ao *Journal des Sçavans*, cujo primeiro volume foi publicado em cinco de janeiro de 1665. Este volume consistia em vinte páginas, incluindo dez artigos, algumas cartas e anotações. Incluía também decisões legais e teológicas em suas seções, bem como apresentava um necrológico de cientistas famosos. A proposta do periódico era:

[. . .] catalogar e dar informações úteis sobre livros publicados na Europa e resumir seus trabalhos, fazer conhecidas experiências em física, química e anatomia que possam servir para explicar fenômenos naturais, descrever máquinas ou invenções, úteis ou curiosas, registrar dados metereológicos, citar as principais decisões civis e das cortes religiosas e críticas de universidades, transmitir aos leitores todos os eventos em curso dignos da curiosidade dos homens⁴. (HOUGHTON, 1975, p. 13)

⁴ Todas as traduções do inglês foram realizadas pela autora.

LE
JOURNAL
DES
SÇAVANS,

De l'An M. DC. LXV.

Par le Sieur

DE HEDOUVILLE.



A AMSTERDAM,

Chez PIERRE LE GRAND.
M. DC. LXXXIV.

I.
JOURNAL
DES SÇAVANS,

Du Lundy 5 Janvier, M. DC. LXV,

Par le Sieur DE HEDOUVILLE.

Victoris Vitenfis, & Vigiliis Tapscensis, Provincia. Bisacena Episcoporum Opera; Edente R. P. Chiffetio, Soc. Jesu Presb. in 4. Divisione.



Le seul ouvrage qui nous reste de Victor Vitenfis est l'histoire de la persecution d'Afrique sous les Waudales. On voit par le commencement de cette histoire qu'il l'escrivit l'an 487. Nous avons déjà cet ouvrage dans la Bibliothéque des Peres, sous le nom de Victor Vitenfis: mais tous les sçavans demeurent presentement d'accord, qu'il est de Victor Vitenfis. De plus, cette histoire estoit defectueuse dans la Bibliothéque des Peres: car on n'y voit point la liste des Evéques d'Afrique qui se trouverent enveloppez dans cette persecution. Cependant c'est une piece excellente, & qui peut beaucoup servir à l'éclaircissement de plusieurs difficultez de l'histoire Ecclesiastique. C'est pourquoy cette

1665.

A 5

édi-

Figura1 - Folha de rosto e primeira página de texto do *Journal de Sçavans*, volume 1.

Fonte: HOUGHTON, 1975, p. 13.

A popularidade da revista atraiu a atenção do governo, e o periódico ficou por um curto espaço de tempo sob repressão por publicar material considerado ofensivo pela coroa. O privilégio dado por ela que permitia a sua publicação foi revogado por um período no primeiro ano da revista (MEADOWS, 1999). O periódico, entretanto, obteve sua licença novamente no ano seguinte com variações de sua periodicidade até 1816, quando a grafia de seu nome foi atualizada para *Journal des Savants*, passando a ser um periódico de natureza literária.

A primeira revista científica inglesa foi publicada apenas poucos meses após a criação da revista francesa. Um dado interessante resgatado por Meadows (1999) é o fato de apenas seis dias após a primeira publicação do *Journal des Sçavans*, a onze de janeiro de 1665, a Royal Society de Londres já ter tido contato com o conteúdo da revista francesa em uma de suas reuniões, o que

dá uma boa indicação da velocidade de comunicação entre centros importantes naquela época. Aparentemente, isso consolidou a idéia do conselho da Royal Society acerca da publicação de uma revista científica porque, em março de 1665, ele determinava:

[. . .] que as *Philosophical Transactions* sejam impressas na primeira segunda-feira de cada mês, caso haja matéria suficiente para isso, e que o texto seja aprovado pelo Conselho, sendo antes revisto por alguns de seus membros⁵. (KATZEN, 1980, p.184 apud MEADOWS, 1999, p.6)

As referências sobre a data precisa da primeira publicação da revista *Philosophical Transactions* são divergentes. Segundo as pesquisas de Stumpf (1998) seria seis de março de 1665. Entretanto, segundo Houghton, a data seria seis de maio de 1665. Apesar dessas divergências, se adotarmos qualquer uma das referências, podemos perceber o curtíssimo espaço de tempo entre a criação dos dois periódicos, o que revela uma necessidade comum percebida pelos cientistas dos dois centros envolvidos.

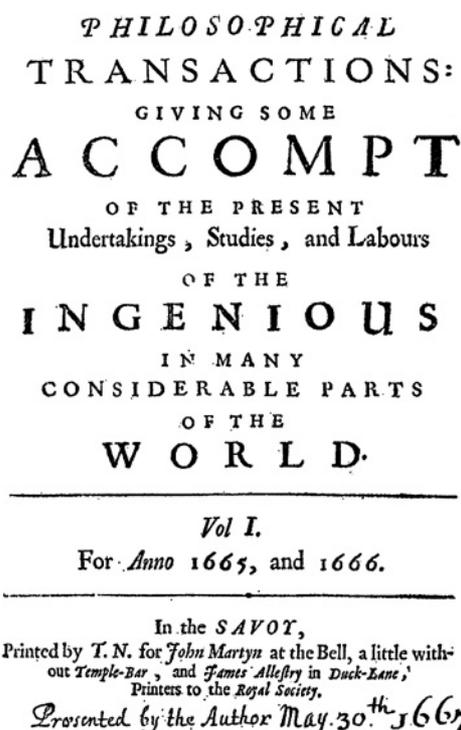


Figura 2 - Folha de rosto da revista *Philosophical Transactions* da Royal Society, volume 1.

Fonte: HOUGHTON, 1975, p. 15.

⁵ O trecho citado por Meadows (1999) foi originalmente extraído de: The Changing Appearance of Research Journals in Science and Technology: an analysis and a case study. In: A. J. Meadows. **Development of Science Publishing in Europe**. Elsevier Science Publishers, Amsterdam; 1980. p. 184.

A revista inglesa teria começado como uma iniciativa pessoal de Henry Oldenburg, um dos dois secretários da *Royal Society*, para divulgar, de maneira mais ampla, as observações e pesquisas originais dos membros da instituição. Em relação à publicação francesa, os membros da Sociedade decidiram que o periódico inglês necessitava de um teor mais científico, excluindo a seção legal e a teológica. A *Philosophical Transactions* daria mais ênfase à publicação dos relatos de experimentos realizados pelos cientistas.

Journal de Sçavans e o *Philosophical Transactions* contribuíram como modelos diferentes para a literatura científica: o primeiro influenciou o desenvolvimento das revistas dedicadas à ciência geral, sem comprometimento com uma área específica, e o segundo se tornou modelo das publicações das sociedades científicas, que apareceram em grande número na Europa, durante o século XVIII. (STUMPF, 1998, p.8)

Meadows (1999) aponta várias razões para o surgimento dos periódicos científicos na segunda metade do século XVII. Algumas mais específicas, como a expectativa de seus editores de que teriam lucro com as revistas, algumas gerais, como a crença de que para fazer novos descobrimentos era preciso que houvesse um debate coletivo. Entretanto, o motivo principal, segundo o autor, encontra-se nessa necessidade de comunicação, do modo mais eficiente possível, com uma clientela que crescia rapidamente interessada em novas realizações. Apesar da introdução da revista científica impressa ser um passo lógico para a época, isso suscitava implicações notáveis para a ciência, uma vez que significava a formalização do processo de comunicação científica. O que aconteceu no século XVII foi que os canais existentes para a comunicação científica – principalmente a comunicação oral, a correspondência pessoal e os livros – foram todos, em certa medida, modificados ou até mesmo substituídos gradativamente com o surgimento desse novo canal formal constituído pelos periódicos.

Nos séculos que sucederam à criação do periódico científico, este novo meio de comunicação da ciência se espalhou por toda a Europa, quase sempre voltado às sociedades e academias científicas. Ainda no século XVIII, diz Stumpf (1998), surgiram periódicos científicos especializados em campos específicos do conhecimento como a Física e a Química. Apesar dessa

tendência em relação à especialização dos títulos, isso não ocorria de maneira generalizada, uma vez que as revistas continuavam a ser, em sua maioria, não especializadas.

Apesar de o formato das revistas científicas, de maneira geral, ter se mantido inalterado nos últimos séculos, Meadows (1974 apud STUMPF, 1998) apresenta algumas diferenças entre os primeiros periódicos e seus sucessores: a prática de publicar o mesmo trabalho em várias revistas e o uso do latim como a língua na qual muitos artigos científicos eram escritos, ampliando significativamente o número de leitores desses artigos.

Passados vários anos, foi somente a partir da segunda metade do século XX que, com o avanço da tecnologia, o formato das revistas começou a mudar efetivamente. Na década de 60, o uso de microfimes em substituição às cópias em papel, surgiu como opção para obtenção das revistas, barateando o custo das assinaturas e da remessa, além de diminuir o espaço de armazenamento (STUMPF, 1998). A alternativa não foi bem aceita, nem por assinantes particulares nem pelos usuários das bibliotecas, sendo hoje utilizada apenas como uma forma de obtenção de volumes antigos.

Ainda segundo Stumpf (1998), o computador teve mais sucesso, como alternativa à revista científica impressa para consulta de artigos. A partir da década de 70, os avanços da editoração eletrônica foram capazes de trazer maior qualidade e rapidez na editoração dos periódicos. Entre as tentativas de informatizar todo o processo editorial, se destacariam os projetos de *Editorial Processing Centers* (EPC), desenvolvido nos Estados Unidos, e *Birmingham and Loughborough Eletronic Network Development* (BLEND), da Inglaterra.

O conceito de EPCs – Centros de Processamento Editorial – teve início nos anos 70, sob os auspícios da National Science Foundation. Constitui-se num empreendimento cooperativo entre publicadores, com a finalidade de oferecer suporte automatizado para todas as etapas envolvidas na produção das revistas, visando o barateamento dos custos. Essas etapas vão desde a submissão do trabalho pelo autor e a avaliação pelos pares, até a editoração, impressão e administração das revistas. As dificuldades encontradas para a viabilização desses centros foram referentes à compatibilização dos equipamentos e processadores de textos dos autores e dos árbitros. (STUMPF, 1998, p. 9)

Enquanto os projetos EPCs pretendiam automatizar o processo de produção das revistas, o projeto BLEND, desenvolvido a partir da década de 80, ia um pouco mais a frente. Além de automatizar todas as etapas do processo, o projeto financiado pela *British Library* se constituiu numa alternativa de substituição total do impresso pelo armazenamento eletrônico das informações dos periódicos e, conseqüentemente, seu acesso. Devido ao seu alto custo de manutenção e dificuldade de compatibilização de equipamentos e programas, a nova ferramenta não obteve aceitação total entre seus avaliadores, dentro das próprias universidades envolvidas, tendo se percebido que a revista impressa ainda permaneceria como principal fonte de consulta por algum tempo.

A grande mudança, a partir da década de 90, começou a ocorrer através das redes de telecomunicações para a transmissão eletrônica de artigos. A partir da difusão do uso da Internet como meio aparentemente inesgotável de troca de informações, se estabelece um novo modo de comunicação entre cientistas e seus centros de estudo. Assim, do uso da Internet para troca de cartas de teor científico até a criação do periódico científico eletrônico foi um passo. Deste modo, como ocorreu na história dos primeiros periódicos científicos impressos, a história que origina os periódicos científicos eletrônicos vem da adaptação de antigos veículos de comunicação como cartas (*e-mails*) e pequenos jornais dirigidos (*newsletters*) para a criação de um novo veículo. Este se origina de seus antecessores, porém sempre se apresenta de uma forma própria, com características que se definem no momento em que se extrai o melhor aproveitamento desse novo veículo.

Faz-se relevante para este breve histórico sobre os periódicos científicos impressos, apresentá-los como uma forma de comunicação que vem sendo muito importante para a ciência há mais de três séculos. Assim como todos os veículos utilizados na comunicação científica sofrem transformações ao longo dos anos influenciados pela criação de novas necessidades, as revistas sofrem as influências das novas práticas de comunicação que nascem a cada dia entre os cientistas. As mudanças são lentas e graduais, por isso, a invenção de uma nova forma de troca de

informações não determina necessariamente o fim das outras. O que acontece é o rearranjo dessas formas existentes. Assim, o processo de crescimento de revistas científicas originadas na Internet, apesar de bastante recente, certamente já está influenciando o futuro dos periódicos científicos impressos.

1.5 Avaliação de periódicos científicos

Como visto anteriormente, os periódicos científicos existem como tal desde o século XVII. Por ser um meio de fácil produção e distribuição, essa forma de comunicação se tornou a mais utilizada para transmissão de conhecimento científico. Deste modo, o aumento acelerado do número de títulos de revistas, no último século, em todas as áreas do conhecimento vem sendo preocupação para os profissionais que se interessam pela qualidade da informação científica, dizem Krzyzanowski e Ferreira (1998). Segundo as autoras, críticas vêm sendo feitas, em nível mundial, em relação à publicação de revistas “[. . .] sem critérios de qualidade e para as quais vêm se perdendo esforços, material publicado, recursos financeiros e até prestígio de organizações científicas ou instituições” (KRZYKANOWSKI e FERREIRA, 1998, p.165). Entre algumas dessas críticas, as autoras apontam cinco fatores que afetam a qualidade das revistas internacionalmente: 1) falta de regularidade na publicação e distribuição dos periódicos; 2) problemas com a avaliação de conteúdo, falta de corpo editorial; e 3) falta de normalização dos artigos científicos e dos periódicos como um todo; 4) pouca penetração da língua portuguesa no exterior; e 5) baixo índice de novidade e ineditismo que envolvem os artigos científicos publicados.

No panorama brasileiro, a falta de recursos financeiros para a publicação de periódicos científicos leva os editores de revistas à busca por verbas de apoio junto às agências financiadoras do país. Essa ajuda, segundo Krzyzanowski e Ferreira (1998), é praticamente impossível para todas as publicações que existem na atualidade. Dentro desse quadro, as agências vêm investindo

em programas de apoio que possuem políticas que pretendem contribuir para que as revistas de boa qualidade perdurem, já que, junto a elas, as pesquisas financiadas pelas próprias agências são divulgadas.

Contudo, apesar do aprimoramento da avaliação da qualidade do conteúdo das revistas científicas ter crescido de maneira mais acelerada apenas nos últimos anos, essa não é uma preocupação recente.

A partir da década de 60, instituições internacionais como a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), regionais como o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação e Ciências da Saúde (BIREME) e nacionais como o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), e mais recentemente a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre outras, passaram a desenvolver programas de avaliação de revistas com diferentes abordagens e metodologias. (STUMPF, 2003, p. 27)

As pesquisas quantitativas vêm sendo muito utilizadas tanto em nível nacional quanto internacional. A avaliação de mérito pelos pares ainda é o princípio que direciona essa metodologia, a partir de parâmetros pré-determinados pelos responsáveis das avaliações. Outras características das metodologias existentes dizem respeito ao uso de categorias que avaliam o conteúdo dos periódicos (mérito), também chamado aspectos intrínsecos ou intelectuais, e a forma (desempenho), também conhecido como aspectos extrínsecos ou materiais. Apesar de razoavelmente definidas, essas categorias de avaliação nem sempre dão conta do fato das qualidades internas de uma publicação muitas vezes se misturarem às suas qualidades externas. Assim, a literatura internacional tem dado maior atenção ao estudo do processo de avaliação dos originais pelos pares, por acreditar que é dessa maneira que o padrão de qualidade das revistas científicas é assegurado (STUMPF, 2003).

Em relação aos aspectos intrínsecos dos periódicos, Stumpf (2003) apresenta dois tipos de parâmetros para avaliação do conteúdo: 1) diretos, que contestam a qualidade dos textos que o periódico publica; e 2) indiretos, que estão relacionados à reputação da instituição publicadora

perante à comunidade científica, à abrangência na composição do conselho editorial que avalia as contribuições, à maneira como é feita a seleção dos originais, à origem institucional ou procedência dos colaboradores, ao nível de difusão e circulação dos periódicos, à indexação por sistemas bibliográficos no país e no exterior, a medidas de citações e ao seu fator de impacto.

Como já mencionado antes, tende a ser mais apurada a avaliação dos aspectos intrínsecos, ou do que os pesquisadores chamam de conteúdo das revistas. Com respeito aos aspectos extrínsecos, a autora levanta uma série de itens que podem ser investigados. Entretanto, deixa claro que os critérios dependem da área que se está analisando, para que estes sejam aplicados de maneira mais rígida ou mais branda. Deste modo, podem ser analisados elementos como: periodicidade, regularidade da publicação, respeito às normas de apresentação (padronização aceita dentro e/ou fora do país), duração, tiragem, quantidade média de artigos recebidos e publicados em cada volume, bem como a apresentação visual, entre outros.

É interessante observar que alguns dos aspectos apresentados acima como sendo relacionados ao conteúdo das revistas, como indexação e difusão, por exemplo, tendem a ser considerados como elementos que fazem parte das características que dizem respeito à forma dos periódicos científicos, como é possível visualizar no roteiro elaborado por Krzyzanowski e Ferreira (anexo1).

Em relação à forma dos periódicos científicos, é importante ressaltar que, apesar de citado em alguns roteiros de avaliação, o item “apresentação visual” é pouco descrito. Não há uma categorização dos elementos que a compõem dificultando, deste modo, uma avaliação precisa.

Assim, por constituírem um campo de estudo em crescimento, os modelos de avaliação⁶ ainda passam por revisões sistemáticas, fazendo com que itens que pareciam ter pouco valor em metodologias anteriores passem a ter diferentes pesos e tratamentos na avaliação das publicações.

⁶ Atualmente integro o projeto de pesquisa “Os Elementos Comunicacionais dos Periódicos Científicos e a Relação com os Suportes Impresso e *On-line*: estudo piloto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul” como bolsista voluntária, que relaciona-se também a este objetivo.

Trabalhando no sentido de trazer subsídios para a formulação de um roteiro de avaliação que seja capaz de apresentar as principais características do projeto gráfico de um periódico científico de modo mais definido, será descrito, a seguir, o processo de design editorial e os elementos nele envolvidos.

2 O PROCESSO DE DESIGN EDITORIAL

Inserido no processo de comunicação visual por meio impresso está o designer gráfico. Atuando como articulador visual de mensagens que são concebidas preliminarmente por autores – pesquisadores, no caso do design de periódicos científicos – e dirigidas a leitores específicos, este profissional é um mediador no processo de comunicação (GRUSZYNSKI, 2000). Deste modo, o trabalho do designer editorial está estreitamente ligado ao processo de edição de uma publicação. A definição da linha editorial de um periódico está associada à definição da linha conceitual que determina seu projeto gráfico, que deve facilitar o acesso do leitor – objetivo principal de qualquer edição, e essencial para uma publicação acadêmica (MARTINS FILHO, 2001). Assim, para avaliar o projeto gráfico de uma determinada revista científica, faz-se importante primeiramente entender como se dá o processo de design editorial.

Na busca da resposta à questão proposta pelo cliente, o designer segue um caminho que se mostra recorrente em seus projetos. Seria como seguir um roteiro passo a passo que sistematiza o processo. A Associação dos Designers Gráficos – ADG Brasil – propõe sete etapas, em linhas gerais, para o processo de design. São elas: 1) *briefing*, 2) pesquisa, 3) conceituação e solução, 4) avaliação e reconceituação, 5) desenvolvimento, 6) pré-produção e produção e 7) balanço e desdobramentos.

O *briefing* é um documento muito importante no processo, uma vez que é o ponto de partida de todo projeto. No caso do projeto gráfico de publicações, esta etapa está fortemente ligada à definição da própria linha editorial do periódico. A definição do público a que se destina a publicação, por exemplo, é um dado que já deve constar no *briefing*, por ser fator determinante na criação do projeto. O orçamento e o prazo disponíveis para a realização do planejamento gráfico também são informações relevantes para a solução do problema de comunicação. São estes dois elementos que mostrarão os primeiros limites impostos ao designer. Deste modo, pode-se dar encaminhamentos diferentes para um mesmo trabalho, conforme a definição de orçamentos e prazos maiores ou menores.

A pesquisa, ou levantamento de dados, é o passo a ser dado em seguida ao *briefing*. Nesse momento é feita uma análise a fundo do problema, buscando compreendê-lo sob os mais diferentes ângulos. A duração e a complexidade dessa etapa variam muito. Há casos, segundo Melo, nos quais os dados importantes para a solução são poucos, muitas vezes já informados no ato do *briefing*. Há outros, em que o designer despense um longo período no qual realiza visitas para levantamento de dados históricos, entrevistas com especialistas, pesquisas sobre o público-alvo do projeto, todos dados importantes para o entendimento preciso do problema. Somente após este levantamento, mais ou menos detalhado, conforme os dados obtidos, é possível passar para a próxima etapa: a conceituação e solução.

A partir do entendimento amplo do problema, são estabelecidas 1) uma diretriz conceitual, que seria uma síntese das premissas para solucioná-lo, e 2) uma diretriz visual, também chamada de partido, que seria o princípio norteador da linguagem gráfica adotada. Melo afirma que este é o coração do processo de design. Retratado muitas vezes como um instante mágico da criação, é na verdade o resultado de um esforço analítico de avaliar, refletir, tentar ver o problema de inúmeras formas, sendo as diretrizes estabelecidas o modo particular do designer montar a equação e resolvê-la. Não raro, a conceituação proposta traz como consequência um

redimensionamento do problema, ou seja, uma nova proposição sobre bases diferentes das registradas inicialmente no *briefing* (MELO, 2000).

Após a conceituação e solução do problema, o designer apresenta as diretrizes ao cliente, e caso aprovado seu trabalho, segue para a próxima etapa. Não raro, um protótipo da publicação projetada é produzido para que o cliente tenha uma idéia mais precisa do projeto. Caso o trabalho não agrade o cliente, volta-se ao *briefing* para que se tente localizar onde está a dificuldade no entendimento do problema, e se tenta chegar a um acordo, que pode levar à reformulação das diretrizes, passando por uma reconceituação. O designer somente seguirá para o próximo estágio, uma vez aprovada a proposta.

A etapa de desenvolvimento é o momento em que as diretrizes apresentadas e aprovadas vão enfrentar o problema em todas as suas escalas e minúcias. Este desenvolvimento integral do projeto é uma atividade que reserva surpresas que muitas vezes fazem com que o designer tenha que repensar decisões anteriores, tidas como definitivas. Caso a proposta para apresentação visual da publicação seja aprovada, este é o início da distribuição dos textos finais nas páginas, seguindo o estilo proposto pela conceituação gráfica

Faz-se importante aqui destacar a separação entre criar o projeto gráfico de uma publicação, ligado ao ato de conceituá-lo graficamente, e diagramar⁷ o conteúdo da mesma, ligado ao ato de distribuir os textos finais nas páginas já projetadas. Deste modo, é possível projetar uma publicação, mas não diagramá-la, ou diagramar uma edição que não se projetou. É aqui que reside a diferença no processo de design de periódicos em relação ao design de outras peças. A definição da etapa de conceituação gráfica de uma publicação, estando intimamente ligada à definição de seu projeto editorial, faz com que um mesmo projeto gráfico sirva para a diagramação de inúmeros volumes, tantos quantos estiverem ligados à proposta editorial inicial. Isto acelera e otimiza o processo de edição de periódicos, além de dar unidade visual às coleções.

⁷ Atividade a qual também se dá o nome de editoração eletrônica, que será melhor explicada na seção 2.2.

Uma parte relevante na etapa de desenvolvimento do projeto é a interlocução do designer com profissionais de outras áreas, que inclui tanto fazer-se entender, quanto entender os demais. Na posição de um profissional de interlocução, o designer precisa estar em sintonia com o editor do periódico que projeta, para que a publicação assuma também visualmente sua posição editorial. Após a disposição do conteúdo nas páginas a partir do estilo definido, parte-se para a próxima fase.

A impressão e organização de modelos, protótipos ou provas é uma maneira importante de avaliação do projeto, tanto pelo designer, quanto pelo cliente, ou até mesmo pelos usuários. Com as provas, é possível passar pelas correções e alterações que encaminham o projeto, ainda na etapa de desenvolvimento, para o fechamento do material para a próxima fase.

A partir da etapa de pré-produção e produção, o projeto transforma-se em um produto concreto, realmente palpável. Até então, sua materialidade se limitava à informação armazenada no computador, que se apresentava de modo visual no monitor da máquina, e às provas. Para que o projeto venha a se mostrar em sua versão final, são necessárias impressoras, papéis, tintas e uma infinidade de recursos técnicos relacionados às mídias envolvidas no trabalho. O sucesso de todo processo depende destas etapas. Aqui trabalham especialistas nas modalidades técnicas envolvidas. A função do designer fornecer a eles as especificações detalhadas dos serviços a serem prestados e sempre que possível acompanhar o trabalho até sua finalização (MELO, 2003).

A pré-produção é normalmente realizada por empresas especializadas em processar arquivos eletrônicos fornecidos pelo designer. No caso de design de impressos, é a fase na qual são feitos os fotolitos que servirão na gravação das matrizes. Inclui também a digitalização e a edição de imagens de alta resolução, dependendo da complexidade do projeto. Já a produção é a execução propriamente dita do projeto. Inicia-se com a gravação das chapas (matrizes) e encerra-se com o trabalho de acabamento, que inclui tudo aquilo que é posterior à impressão e anterior ao empacotamento das peças para distribuição. A partir da fase de produção, a princípio, não é

possível alterar qualquer elemento do projeto. O designer passa então a ser um fiscal no processo, ficando a cargo dele garantir que serão seguidas as especificações acordadas, apesar de, em muitos casos, ocorrerem imprevistos que o obrigam a nova tomada de decisão.

Em alguns processos, quem assume a responsabilidade pela pré-produção e produção é o produtor, profissional especializado no conhecimento dos condicionantes técnicos dos serviços a serem realizados, assim como dos fornecedores disponíveis. O produtor, uma vez contratado, assume a responsabilidade pelo andamento dessa etapa. Nesse caso, designer e produtor devem atuar em parceria, sempre bastante afinados, para que o projeto ganhe vida mantendo as intenções originais do designer.

A última etapa descrita pela ADG Brasil é a de balanço e desdobramentos. Visa tirar conclusões, sedimentar convicções, abrir espaço para novas perspectivas (MELO, 2000). A partir da avaliação do processo de projeto gráfico da publicação pelo designer e também pelo cliente, é possível extrair elementos que são capazes de enriquecer a visão do profissional sobre sua maneira particular de fazer design. No caso de projetos que tendem a se repetir num futuro próximo com características muito semelhantes, como é o caso de um projeto para uma publicação periódica, essa avaliação traz também um afinamento entre designer e cliente, uma vez que pequenas alterações no processo podem ser discutidas.

Este roteiro com sete etapas foi assim definido por se mostrar importante para a organização e bom andamento do processo. Nem sempre todas as etapas fazem parte de todos os processos de design, o que pode vir a acarretar em perda de qualidade do trabalho.

2.1 Especificações do projeto – produção determinando a criação

Alguns dos elementos definidos no início do processo de design, ainda na etapa de *briefing*, que acabam por determinar os rumos da etapa de conceituação e solução, são as chamadas especificações do projeto. Essas especificações constituem um grupo de características estabelecidas ora pelo cliente, ora pelo designer, que em uma situação ideal não deveriam ser engessadas pela falta de verba. Fora dessa situação ideal, é ela que, de um modo geral, diminui as opções do designer. Segundo Márcia Signorini (2003) no momento de se estabelecer as especificações do projeto, deve-se responder com a maior clareza possível às questões: 1) Por quê? 2) O quê? 3) Como? 4) Quando? 5) Quanto?⁸

- 1) Por quê? – definirá a finalidade daquilo que se vai projetar. No caso do projeto de uma revista científica, deve-se levar em conta que esta publicação terá como local de consulta bibliotecas e que uma mesma peça passará pelas mãos de inúmeros usuários. Esta finalidade vai determinar a tiragem, o formato e o tipo de acabamento que a revista receberá.
- 2) O quê? – definirá se esta é uma peça isolada, ou se faz parte de um conjunto de peças. Aqui, deve-se prever se a publicação impressa terá alguma outra peça que a acompanhe, como um cd-rom, por exemplo. Neste caso, o projeto deve garantir a unidade do conjunto (cores, imagens, detalhes de acabamento), prevendo que as peças serão feitas em diferentes suportes e impressas em sistemas de impressão diversos.
- 3) Como? – será definido a partir das respostas de *por quê?* e *o quê?*. “Há várias alternativas de produção para cada tipo de produto. Em geral, a tiragem que atende à finalidade da peça é o fator principal na escolha do sistema de impressão” – diz Signorini (2003). Dentro das opções de sistemas existentes, deve-se escolher o que

⁸ Os exemplos utilizados neste capítulo serão de projetos de periódicos científicos.

melhor atende à tiragem definida. Para uma revista com tiragem de dez mil exemplares, por exemplo, a impressão offset⁹ com alimentação por folhas seria a mais indicada, segundo a autora. O formato da chapa de impressão (folha inteira ou meia folha) condiciona a montagem dos cadernos, e esta, o formato e o número de páginas da publicação. Se, em outra situação, for definida uma tiragem de cem mil exemplares para o mesmo volume, a impressão poderá ser feita em offset rotativa, com alimentação de papel por bobina. A largura da boca associada ao giro do cilindro definiria, nesse caso, a montagem dos cadernos, e, conseqüentemente, o formato e o número de páginas da publicação. Pode-se considerar ainda uma outra opção de processo, este para a impressão de uma tiragem bem reduzida: o processo eletrográfico. A eletrografia também utiliza uma matriz plana, porém aqui as áreas que serão impressas são determinadas a partir de fenômenos eletrostáticos e não físico-químicos. São exemplos de eletrografia: a impressão digital, a eletrofotografia e a xerografia.

- 4) Quando? – estabelecerá a periodicidade de produção da peça e o prazo para conclusão desta etapa. No caso de periódicos, a repetição é um elemento fundamental a ser considerado. O uso de um papel importado especial, por exemplo, no primeiro volume de uma publicação periódica, pode se tornar um problema para as edições posteriores, uma vez que sua reposição dependerá do mercado de importação (SIGNORINI, 2003). É importante optar por uma tabela de papéis consagrada, para que se diminua ao máximo as chances de que o papel escolhido deixe de ser fabricado. O prazo também direciona decisões importantes. Se a data limite para a distribuição dos volumes está muito próxima, a escolha por um tipo de acabamento mais demorado se faz inviável. Por outro lado, dependendo do número de páginas

⁹ Processo de impressão que utiliza uma matriz plana (planográfico). É através de fenômenos físico-químicos de repulsão e atração que a tinta se aloja nas áreas gravadas para reprodução no suporte (Oliveira, 2000).

previstas para a publicação, uma encadernação mais demorada (com cola, costura, tela) talvez se faça necessária, forçando o alargamento do prazo de produção.

- 5) Quanto? – mostrará os recursos que se pretende investir na produção da peça. Uma estimativa de custos em comparação à verba destinada à produção se faz muito importante na definição desta etapa. Se os recursos para impressão de uma determinada publicação forem escassos, provavelmente será mais difícil exigir rapidez de produção. Por outro lado, custos altos nem sempre são sinônimo de qualidade. De modo geral, na negociação de preço, prazo e qualidade, o designer terá de priorizar até dois desses itens, visto que, dificilmente, conseguirá ao mesmo tempo o menor preço, o prazo mais curto e a melhor qualidade.

Depois de ponderar e responder às cinco perguntas acima relacionadas, o designer deverá ter especificado necessariamente os seguintes itens: a) tiragem, b) formato fechado e aberto, c) número de páginas, d) tipo de papel, gramatura e cor do miolo, e) tipo de papel, gramatura e cor da capa, f) número de cores de impressão, g) acabamentos especiais (refilo, corte/vinco, vernizes, laminações, etc), encadernação (capa dura, flexível, brochura, grampeado, tipo de lombada, marcador de fita, etc) e h) prazo máximo para a execução.

2.2 O projeto gráfico de uma publicação periódica - elementos do design editorial

No projeto gráfico de uma publicação periódica alguns elementos fundamentais devem ser pensados. No presente estudo, detalharam-se três elementos principais: o uso de *grid* ou diagrama, a escolha tipográfica e o uso de ilustrações/imagens.

Os meios impressos utilizam como base formal a *grid* ou diagrama, que serve de guia, agilizando o processo de produção. No diagrama devem ser definidos o número de colunas por página, o espaço entre as colunas e as margens da página. “Um diagrama (*grid*) é uma solução planejada para determinados problemas, sem contudo se basear num conjunto preestabelecido de proporções.” (HURLBURT, 1986, p.82) É a partir dele que o designer organiza um conteúdo específico em relação ao espaço que irá ocupar na página. Quando funciona, o diagrama permite ao profissional criar diferentes *layouts* contendo diversos elementos, sem fugir da estrutura pré-fixada. No caso do projeto de uma publicação periódica, a principal função do diagrama é proporcionar um sentido de seqüência, de unidade, mesmo que existam variações consideráveis de conteúdo de um volume para outro.

Diagrama/grid

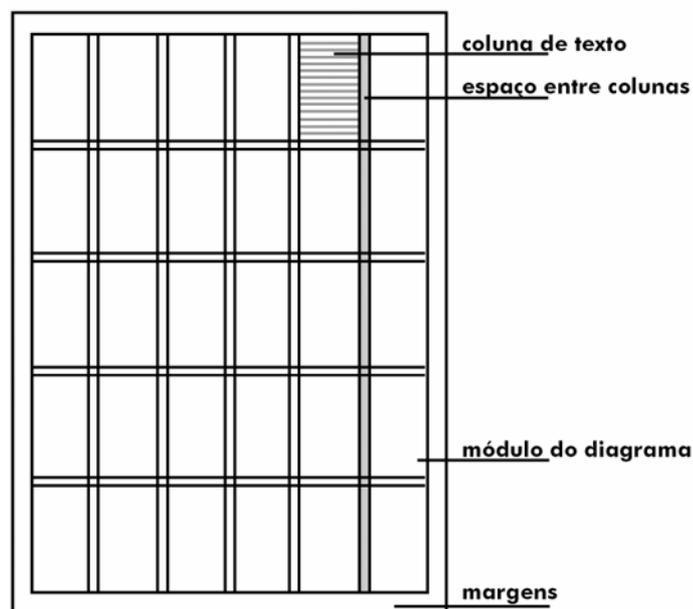


Figura 3 – Diagrama/Grid

Fonte: HOELTZ, 2001.

À ação de ordenar, de combinar elementos nestes espaços gráficos dá-se o nome de “diagramação”. Sobre as atividades do diagramador, Mirela Hoeltz observa:

A preocupação do diagramador, e, conseqüentemente, sua tarefa específica, é dotar as mensagens da devida estrutura visual, a fim de que o leitor possa discernir, rápida e confortavelmente, aquilo que para ele representa interesse. Essas decisões são claramente influenciadas pelo tipo de mensagem a ser veiculada, pelo tipo de consumidor dessa mensagem e pelo grau de interesse que a mensagem pretende proporcionar. (HOELTZ, 2001)

É a partir da decisão sobre o diagrama, que o designer define o primeiro elemento estrutural de uma publicação periódica. Assim, o próximo passo a ser tomado é escolher a tipografia a ser utilizada.

As letras, os números e os sinais de pontuação são chamados de caracteres. Cada um desses caracteres representa o que se conhece por tipo, palavra que deu origem ao termo tipografia. A tipografia tem como objetivo básico comunicar uma informação por meio da letra impressa. O termo foi empregado pelos chineses desde o século XI até a invenção da imprensa propriamente dita no século XV, quando Gutenberg substituiu as tábuas xilográficas por tipos móveis com caracteres gravados em metal. As letras maiúsculas são chamadas de caixa alta e as minúsculas de caixa baixa¹⁰.

O termo fonte designa um alfabeto completo com letras maiúsculas e minúsculas, números e sinais de pontuação, todos baseados em um mesmo padrão de desenho. O conjunto de todos os tamanhos dos caracteres, reunindo a variação de estilos de um desenho de tipo (romanos, itálicos, negritos, largos, condensados e outros), é chamado de família de tipos.

Os tipos podem ser apresentados em tamanhos diversos. É o chamado corpo de letra, ou seja, sua dimensão, que é medida em pontos¹¹. O seu tamanho é que vai determinar o espaço entre uma linha e outra na composição gráfica.

¹⁰ As duas terminologias, caixa alta e caixa baixa, foram assim convencionadas, pois, no passado, os tipógrafos tinham como hábito guardar as matrizes dos tipos em compartimentos de madeira ou ferro, em um cavalete. Nas partes superiores eram colocados os caracteres de letra maiúscula e nas inferiores os de letra minúscula.

¹¹ A altura do retângulo onde está inscrito o olho da letra chama-se corpo, que representa o seu tamanho, sempre identificado por um número que engloba a quantidade de pontos gráficos que ele contém.

Existem ainda, na escolha tipográfica para uma publicação, fatores associados à legibilidade que devem ser considerados. Entre eles, Gruszynski (2000) destaca os seguintes (figura 4): 1) presença ou não de serifa, 2) características particulares do design da fonte, 3) composição em letras maiúsculas e minúsculas, 4) espaço entre letras maiúsculas e minúsculas, 4) espaço entre letras (*Kerning*), 5) espaço entre palavras, 6) espaço entre linhas, 7) extensão da linha (largura da coluna), 8) alinhamento dos parágrafos e 9) relação figura (elemento tipográfico) e fundo.

Fatores associados à legibilidade

Sugerido por Ana Cláudia Gruszynski (2000)

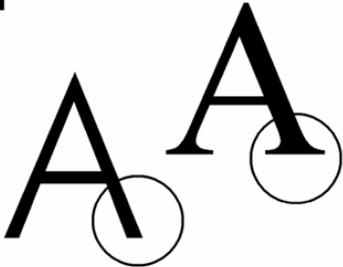
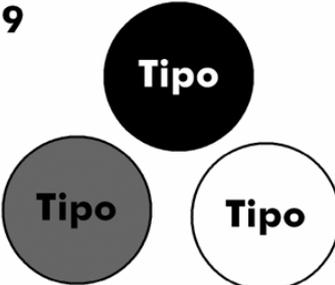
<p>1</p> 	<p>2</p> 	<p>3</p> <p>Tipo TIPO tipo tiPo</p>
<p>4</p> <p>Tipo Tipo Tipo T i p o</p>	<p>5</p> <p>Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo</p>	<p>6</p> <p>Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo Tipo</p>
<p>7</p> <p>Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p> <p>Tipo tipo tipo Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p>	<p>8</p> <p>Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p> <p>Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p> <p>Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p> <p>Tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo tipo</p>	<p>9</p> 

Figura 4 – Fatores associados à legibilidade, segundo Ana Cláudia Gruszynski (2000).

O vocabulário técnico mantém – na língua inglesa – uma diferença entre *readability* e *legibility*, segundo Gruszynski (2000). A primeira palavra refere-se à facilidade de ler textos longos,

associando-se assim ao arranjo tipográfico. A segunda estaria ligada ao rápido reconhecimento dos tipos, relacionando-se a textos curtos, e assim ao design tipográfico.

Sobre o tema *readability* e *legibility*, Rob Carter, em seu livro *Experimental Typography*, reuniu orientações que não são “absolutas ou definitivas, mas que são representativas de um conjunto firme, testado no tempo, de regras tipográficas” (CARTER, 1997 apud GRUSZYNSKI, 2000, p.59). Essas orientações indicam maneiras de se aproximar da máxima legibilidade possível. Entre elas, destacam-se algumas: 1) texto composto todo em maiúsculas retarda consideravelmente a leitura – o uso de caixa alta e baixa alternadamente proporciona *readability*, 2) para corpo de texto, o uso de espaço consistente entre letras e palavras ajuda a criar uma textura parelha, ininterrupta, 3) linhas de texto muito longas ou muito curtas rompem o processo de leitura e 4) no corpo de texto, deve-se usar espaço entre linhas que conduza facilmente o olhar de uma linha para a seguinte¹². Deve-se enfatizar que estes princípios apresentados, para a busca da máxima legibilidade, são importantes no projeto gráfico de uma revista científica, na medida em que a preocupação do designer, neste caso, é retirar todas as barreiras – ruídos – que possam impedir o acesso à mensagem do autor.

A partir da preocupação em definir uma unidade visual ao periódico científico, são criados padrões próprios para cada tipo de entrada textual. Assim, para facilitar a leitura e as alusões que ajudam o leitor a encontrar as informações que procura, definem-se estilos fixos para o corpo do texto, os títulos e subtítulos, as entradas de capítulo, as notas de rodapé, as legendas e referências, etc. Estes estilos trazem as especificações da fonte utilizada em cada situação (seu nome e o tamanho do corpo), bem como o espaço entre letras e entre linhas que devem ser usados em cada parágrafo, os recuos para entrada de texto, enfim, tantas especificações em relação aos caracteres e parágrafos quantas forem necessárias.

¹² Em relação ao tamanho do espaço entre linhas, considera-se um espaço entre linhas normal quando possui um tamanho de dois pontos maior que o corpo da fonte. Espaços menores e maiores que o normal são considerados, respectivamente, condensado e expandido.

Uma vez definidos os estilos tipográficos da publicação, é importante pensar no possível uso de imagens. No caso do projeto gráfico de uma revista científica, é importante prever o uso de ilustrações.

Segundo a ABNT¹³, dá-se o nome de ilustração a qualquer imagem utilizada como apoio ao texto, podendo aparecer na forma de desenhos, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos, e outros. No campo do Design Editorial, segundo Luís Camargo (1995), ilustração é toda e qualquer imagem que acompanha um texto. Assim, por perceber-se um consenso no uso do termo ilustração referindo-se às imagens que acompanham textos, tanto para as normas técnicas utilizadas em publicações periódicas quanto para o estudo em Design Editorial, segundo a perspectiva aqui trabalhada, serão utilizados nesta pesquisa os termos ilustração e imagem como equivalentes.

A utilização de imagens em um periódico científico depende principalmente da área do conhecimento na qual a publicação está inserida. Fotografias e infográficos se fazem de grande importância na área das Ciências Biológicas, por exemplo, uma vez que apenas com a visualização do objeto de pesquisa é possível entender determinados procedimentos. Do mesmo modo, desenhos na forma de croquis são mais usuais nos textos da área de Arquitetura e na forma de mapas em trabalhos da Geociências.

Em uma revista da área de Comunicação, também é importante contar com o uso de imagens, visto que, nela, podem ser publicados artigos, que estudam o próprio uso destas, como elemento de comunicação visual. Considerando que o objeto de estudo do presente trabalho é uma revista dessa área, tratar-se-á de conhecer melhor suas características e o contexto em que se insere. No capítulo a seguir, então, o foco será dado à revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

¹³ NBR 14724: 2002.

3 A REVISTA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UFRGS

A revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação completa 19 anos em 2005. Desde seu lançamento, em 1986, foram editados 10 volumes. Os dados apresentados a seguir foram extraídos de artigos sobre a FABICO/UFRGS e sobre sua revista, do site da Universidade e de entrevistas exploratórias feitas com as professoras Rosa Nívea Pedroso – editora da publicação do primeiro ao sétimo volume – e Jussara Pereira Santos – editora do oitavo ao décimo volume.

A Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) foi criada quando a UFRGS já passava dos 35 anos de sua fundação, ocorrida a 28 de novembro de 1934. Naquela época, a Universidade tinha o nome de UPA – Universidade de Porto Alegre. Nos primeiros 39 anos (1895-1934) a instituição englobou a Escola de Farmácia e Química, a Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito, primeiro curso da área humanística a ser oferecido pela Universidade.

Em 28 de novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrada inicialmente pelas Escola de Engenharia, com os Institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e pelo Instituto de Belas Artes. (Disponível em: <http://www.ufrgs.br>. Acesso em: 30 mar. 2005)

Fundada somente em 1º de setembro de 1970, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação foi o resultado da junção do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e a Escola de Biblioteconomia e Documentação. A reforma universitária da época foi o fator desencadeante para a criação da Faculdade, uma vez que causou profundas modificações na estrutura organizacional das universidades brasileiras. As áreas de Comunicação e Biblioteconomia teriam sido aproximadas mais por imposição política do que propriamente por afinidades (SANTOS; SILVEIRA, 2000).

Os cursos de Biblioteconomia e Comunicação já existiam antes de 1970, entretanto compunham outras Unidades. O Curso Livre de Biblioteconomia foi reconhecido em 4 de dezembro de 1950 e inicialmente ocupou o prédio da Faculdade de Economia e Administração, dizem Santos e Silveira (2000). Em outubro de 1958, o Curso Livre é transformado em Escola de Biblioteconomia e Documentação, de nível superior. Essa mudança não acarretou em uma mudança no local da Faculdade, que continuou dividindo espaço com a Faculdade de Ciências Econômicas por falta de ambiente próprio. Somente oito anos depois, em 1966, é criada a Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFRGS, uma entidade com independência e autonomia.

Já o curso de Jornalismo, área da Comunicação, passou a existir em 1953 instalado na Faculdade de Filosofia no Campus Central da Universidade. A junção com a Escola de Biblioteconomia e Documentação (que em 1999 veio a se chamar Departamento de Ciências da Informação), criando a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação em 1970, coincidiu com a implementação do currículo de quatro anos do curso. Em 1984, em projeto proposto pela Comissão de Carreira de Comunicação Social, o currículo do curso foi novamente alterado, sendo criadas assim as seguintes habilitações do curso de Comunicação: Jornalismo, Propaganda e Publicidade e Relações Públicas. Essas alterações só passaram a vigorar a partir do segundo semestre de 1985, quando ocorreu a transferência para o atual Campus da Saúde da UFRGS, onde a Faculdade funciona até hoje (SANTOS; SILVEIRA, 2000).

Os cargos de direção nos primeiros anos da FABICO foram de Zenaira Garcia Marques e Jahyra Corrêa Santos (gestão 1970-1976). Na ocasião da publicação do primeiro volume da revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, constituíam a direção da Unidade os professores Lourdes Gregol Fagundes da Silva e Blásio Hugo Hickman (gestão 1984-1988). Seu lançamento ocorreu no final do ano de 1986, com o nome de *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*. Foi elaborada a partir de um projeto pedagógico, desenvolvido dentro da disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo, coordenada pelos professores Rosa Nívea Pedroso, coordenadora editorial e editora, e Rubens Weyne, planejador gráfico (Pedroso, 2000).

Devido à grande repercussão da primeira edição, a então diretora da Faculdade, Profa. Lourdes Gregol Fagundes da Silva, lançou um desafio aos dois recém chegados professores: “Vocês fazem uma revista que seja da Faculdade e eu batalho pelos recursos para a impressão!”. O desafio foi aceito e a Revista se desvinculou da disciplina do Curso de Jornalismo e passou a ser uma publicação da Faculdade, abrangendo os Cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Biblioteconomia. (PEDROSO, 2000, p.291)

O periódico teve o seu segundo volume publicado no final de 1987, trazendo como complemento para o seu nome anterior: *Publicação anual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS*. Os dois volumes seguintes, referentes aos anos de 1988 e 1989, trouxeram o mesmo complemento para o nome original, confirmando a periodicidade anual da revista, sendo que a partir de 1989 o IBICT indexou o título no ISSN. Nessa mesma edição, a Revista foi indexada pelo Accessions List: Brasil, Alerta: Sumários correntes de Biblioteconomia, Bibliografia Brasileira de Comunicação e Sumários de Periódicos e Biblioteconomia (FABICO/UFRGS). Desde então, a publicação passou a ter contribuições de artigos de pesquisadores de instituições nacionais (PEDROSO, 2000).

A edição de 1990 trouxe a etapa de internacionalização do periódico, através de seu ingresso na *Red Iberoamericana de Revistas de Comunicación y Cultura* e a criação do Sistema Nacional e Internacional de Permuta de Periódicos.

Depois disso, a revista voltou a ser publicada somente em 1994, quando deixou de ser chamada “anual”. Naquele ano, passou a ter patrocínio do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos da UFRGS.

A sétima edição, de 1996, última editada pela professora Rosa Nívea Pedroso, trouxe a constituição de um Conselho Editorial Internacional, sendo assim publicados os dois primeiros artigos internacionais no periódico.

Correspondendo ao período de janeiro a dezembro de 2000, o volume 8 da revista é lançado “com a missão de comemorar os 30 anos de existência da nossa Faculdade” (SANTOS, 2000, p.5). A partir desse ano, a publicação passa a ser editada pela professora do Departamento de Ciências da Informação Jussara Pereira Santos, trazendo na edição contribuições de servidores vinculados diretamente à Faculdade, tanto docentes, quanto técnico-científicos. Além disso, é a partir do primeiro semestre de 2000, com a implantação do Curso de Arquivologia na FABICO, que começa a se dar atenção à necessidade de reformulação do nome da revista, já que o nome *Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação* excluía de certa forma o novo curso.

Passado três anos, em 2003, após longas discussões acerca de um título diferente para o periódico que incluísse a nova área e ao mesmo tempo fosse o mais exclusivo possível, a revista da Faculdade muda de nome, passando a se chamar *Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*. Este volume 9, esteve dividido em números 1 e 2, tendo sido lançado o primeiro referente ao período de janeiro a junho e o segundo referente ao período de julho a dezembro de 2003. A partir desta edição, a revista passa a se mostrar claramente interessada em ser reconhecida por assegurar a qualidade das contribuições nela publicadas. Além disso, passa a buscar uma regularidade que a diferencie no processo de avaliação de periódicos.

Nosso periódico pretende manter uma Comissão Editorial e uma equipe de consultores *ad hoc* que atue de forma rigorosa na avaliação dos documentos encaminhados, assegurando a qualidade das contribuições publicadas. A regularidade da publicação será objeto de especial cuidado, fazendo com que os colaboradores sintam-se estimulados a enviar seus trabalhos. (SANTOS, 2003, p.3)

A busca pelo reconhecimento na avaliação de periódicos científicos veio no ano de 2004, quando a revista recebeu do programa Qualis a classificação Qualis A Local¹⁴. A partir desse volume, passou a ser disponibilizado o conteúdo da revista na *internet*, para que este fosse baixado no formato do projeto impresso. Deste modo, não se considera que a revista tenha efetivamente uma versão eletrônica.

Os artigos da revista colocados à disposição *on-line* é relevante, na medida em que amplia a visibilidade da publicação. Por outro lado, a existência do periódico impresso é ainda mais importante, já que a revista é trocada por outras 65 publicações, que ficam no acervo da Biblioteca da FABICO, pelo sistema de permuta com outras Instituições.

3.1 Entrevista com as editoras

De modo a aprofundar o conhecimento sobre o processo de produção da revista, buscaram-se os depoimentos das editoras que nele trabalharam. Estes relatos complementam os registros históricos formais apresentados anteriormente, facilitando a compreensão das causas de alguns dos problemas que serão descritos no capítulo de análise.

As entrevistas com as professoras editoras da revista foram realizadas separadamente, iniciando com a solicitação de que falassem, primeiramente, das conquistas para a publicação no período como editoras e, em seguida, sobre as dificuldades e problemas enfrentados. De maneira geral, constatou-se que as conquistas relatadas pelas professoras coincidiram com as informações apresentadas no histórico formal coletado nos próprios volumes do periódico. Deste modo,

¹⁴ “Qualis é o resultado do processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Tal processo foi concebido pela Capes para atender a necessidades específicas do sistema de avaliação e baseia-se nas informações fornecidas pelos programas pelo Coleta de Dados. A classificação é feita ou coordenada pelo representante de cada área e passa por processo anual de atualização. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós graduação são enquadrados em categorias indicativas da qualidade - A, B ou C e do âmbito de circulação dos mesmos - local, nacional ou internacional. As combinações dessas categorias compõem nove alternativas indicativas da importância do veículo utilizado, e, por inferência, do próprio trabalho divulgado”. (Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2005)

optou-se pela inclusão nesta seção dos dados sobre as dificuldades encontradas por elas na edição da revista, principalmente no que diz respeito a seu projeto gráfico.

A professora Rosa Nívea Pedroso foi a primeira a ser entrevistada. Segundo ela, são três os principais problemas enfrentados no período como editora: (1) falta de apoio político da Faculdade e da Universidade à revista, (2) falta de verba – ocasionando a falta de estrutura, recursos humanos e demora na produção da revista – e (3) burocracia – fazendo com que as etapas de editoração e produção se tornassem ainda mais demoradas. A professora Rosa Nívea aponta separadamente as dificuldades do período antes da informatização do processo de edição e o período pós-informatização.

Antes da informatização do processo, a fotocomposição, revisão de provas e impressão da revista, feitas dentro da gráfica da UFRGS, demoravam pelo menos um ano e meio para ficarem prontas. Enquanto isso, em uma gráfica externa à Universidade, que contasse com melhores recursos técnicos, estas mesmas etapas eram concluídas em no máximo dois meses. Deste modo, apesar do interesse que o periódico fosse impresso fora da Universidade por parte da editora, esbarrava-se na burocracia da época. Para que fosse liberada verba para a produção dos exemplares em gráfica externa, era necessária abertura de licitação por parte da UFRGS, etapa que demorava em média seis meses para ser concluída. Cada edição da revista impressa dentro dessas condições demorava de um ano a um ano e meio para ser produzida, fato que justificaria, em certa medida, a inconstância na periodicidade da revista.

No período de informatização, a falta de verba continuou a ser a maior dificuldade enfrentada. Sem apoio, faltavam no processo de edição microcomputadores, impressoras, cartuchos, disquetes, papel para impressão, entre outros. Além disso, a ausência de recursos para contratação de pessoal na realização de algumas etapas importantes do processo preocupava Rosa Nívea Pedroso. Desde os primeiros volumes, não poder arcar com a contratação de um planejador gráfico constituía um grande problema. Segundo a professora, a existência de todos os volumes por ela editados deve-se à colaboração voluntária dos alunos.

No relato de Jussara Pereira Santos, a professora aponta, como principal problema enfrentado, a falta de pontualidade na publicação do periódico. Segundo ela, mais uma vez, o que afeta negativamente a periodicidade da revista é a falta de verba para infra-estrutura e para a contratação de um grupo que operacionalize as ações no processo de edição.

3.2 Análise dos volumes da revista

A partir da descrição dos elementos envolvidos no processo de projeto gráfico de uma publicação, será feita a análise do design dos volumes da revista da FABICO/UFRGS. Na definição das páginas de cada exemplar a serem analisadas, destacaram-se alguns elementos principais que se apresentam repetidamente em todos os volumes. Deste modo, serão avaliadas as seguintes partes que compõem o periódico: 1) capa, 2) ficha catalográfica, 3) expediente, 4) sumário, 5) página de abertura de artigos, resumos, ensaios, etc, 6) página de texto de artigos, resumos, ensaios, etc, e 7) página final de artigos, resumos, ensaios, etc.

A análise realizada para cada um dos volumes foi feita com detalhamento técnico relativo à área de projeto gráfico. Na medida em que se relaciona a um conhecimento bastante específico, em vários momentos, torna-se cansativa e, de certo modo, repetitiva. Optou-se, contudo, em apresentá-la desse modo por seu caráter documental, sistematizando dados técnicos que caracterizam a materialidade do suporte impresso.

A reprodução de algumas páginas das edições permite uma interlocução entre o que está se discutindo e o que pode ser visualizado nas imagens¹⁵. Ao final da análise das edições, serão sistematizados os elementos comuns e diversos observados ao longo do que foi detalhado.

¹⁵ Todas as capas analisadas (do volume 1 ao 9) estão reproduzidas ao final deste estudo (anexo 2), em tamanho maior do que aparecem neste capítulo.

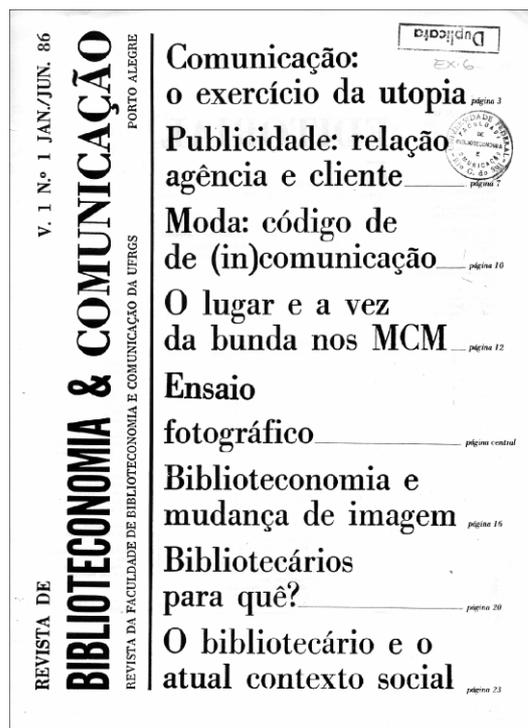


Figura 5 – Capa do volume 1

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 1, n. 1, jan./jun. 1986.		
Volume 1	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	21,2 cm X 28,8 cm	21,2 cm X 28,8 cm (fechada) 42,4 cm X 28,8 cm (aberta)
Número de páginas	28 páginas (contando a capa)	—
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Idem miolo
Número de cores de impressão	1X1	Idem miolo
Acabamentos especiais e encadernação	Não há	Idem miolo

Tabela 1 – Especificações do projeto do volume 1

O primeiro volume da revista, editado e impresso em 1986, teve o projeto gráfico desenvolvido pelo aluno Abnel de Souza Lima Filho sob a orientação do professor Rubens

Weyne, durante a disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo II (Universidade). A disciplina era ministrada em conjunto com a professora Rosa Nívea Pedroso.

Em relação às especificações do projeto gráfico, chama a atenção o fato da revista ter a capa em um papel de gramatura semelhante ao miolo. Isso prejudica a conservação da peça, uma vez que, por se tratar de um periódico científico, passa pelas mãos de inúmeros leitores nas bibliotecas onde está disponível.

A capa do primeiro volume traz chamadas para todo o conteúdo da revista e o número das páginas onde estão localizados os trabalhos. Desta forma, a capa assumiu a função do sumário. Apresenta ainda o nome do periódico escrito na vertical, em uma coluna à esquerda do espaço reservado para as chamadas, onde se encontra também o volume, o número e o ano da publicação. Assim, o diagrama da capa está organizado em duas colunas¹⁶.

O uso tipográfico na capa apresenta fonte com serifa, que facilita a leitura das chamadas mais extensas. No número da página indicado ao lado dos títulos, é utilizada uma fonte itálica para diferenciá-la dos outros estilos. O nome da revista, também em uma fonte serifada, aparece todo em caixa alta, o que, segundo as máximas da legibilidade, torna a sua leitura mais lenta.

Os espaços entre letras e entre linhas usados nos textos de capa aparecem em um tamanho que permite uma leitura encadeada dos caracteres. Apesar disso, o espaço entre parágrafos não aparece diferenciado corretamente. Na leitura dos títulos dos trabalhos, aparecem dificuldades para discernir onde começa e onde termina cada um deles.

¹⁶ Com uma mancha de 18,7 centímetros de largura, por 25,5 centímetros de altura e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,4 centímetros, 1,1 centímetros, 1,1 centímetros e 2,2 centímetros, respectivamente.



Figura 6 – Página 2 do volume 1

A página seguinte à capa tem seu diagrama dividido em três colunas: duas colunas estreitas separadas por uma coluna mais larga no centro. Nas colunas mais estreitas, encontramos os dados sobre a UFRGS, a FABICO e os professores e alunos envolvidos na edição da revista. Na coluna central, apresenta-se o editorial e a ficha catalográfica do volume¹⁷.

Na escolha tipográfica para as colunas estreitas, percebe-se o uso de uma fonte sem serifa. Os nomes da Universidade, da Faculdade e da própria revista aparecem escritos por extenso, sem abreviaturas, com todos os caracteres em caixa alta, o que, aliado à falta de serifa da fonte, diminui a velocidade de leitura dos caracteres. Na coluna central, encontra-se o uso de fonte com serifa no corpo do texto. Associado à escrita que alterna a utilização de caracteres em caixa alta e baixa, garante-se o bom encadeamento do olhar de um tipo para o outro. Para a ficha catalográfica desta edição foi escolhida uma fonte sem serifa. Por ser composta de textos curtos,

¹⁷ Nesta página (figura 6), tem-se uma mancha de 17,5 centímetros de largura, por 19,2 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,9 centímetros, 1,8 centímetros, 4,4 centímetros e 5,2 centímetros, respectivamente.

o uso de uma fonte não serifada aqui não chega a prejudicar a leitura, uma vez que o espaço entre letras e entre linhas é apropriado para guiá-la rapidamente.

Em relação à formação das linhas de texto nesta página, percebe-se que apesar das colunas se apresentarem em um tamanho que facilita a passagem do olhar de uma linha para a seguinte, o espaço entre elas poderia ser mais largo, deixando a mancha de texto mais leve.



Figura 7 – Página 3 do volume 1

Na páginas de abertura dos artigos (figura 7), encontra-se a utilização de um diagrama composto de três colunas de 5,5 centímetros cada uma, dois espaços entre as colunas de 0,5 centímetros cada, totalizando uma mancha de 17,6 centímetros de largura, por 25,8 centímetros de altura¹⁸.

¹⁸ As margens esquerda, direita, superior e inferior, nestas páginas, correspondem a: 1,8 centímetros, 1,8 centímetros, 1,6 centímetros e 1,4 centímetros, respectivamente.

Os títulos dos trabalhos encontram-se escritos com uma fonte com serifa, com corpo que facilita a leitura. Centralizados e no topo dessas páginas, são de rápida localização. Os dados sobre o pesquisador/autor de cada um dos textos aparece sempre logo abaixo do título, na coluna mais à esquerda. Em relação às informações de página, a numeração encontra-se sempre na margem inferior externa dessas páginas, e as demais aparecem na margem inferior interna das mesmas. O texto em geral apresenta-se com fontes serifadas, com alternância entre uso de caixa alta e baixa. O único caso de utilização de escrita apenas em caixa alta dá-se no nome dos capítulos (ou entre títulos). A separação entre linhas nas páginas de abertura é considerada eficiente na condução da leitura.



Figura 8 – Página 6 do volume 1

As páginas de texto que se seguem à abertura mantiveram mesma *grid*, com colunas e espaços entre as colunas semelhantes às anteriores, mesma mancha e margens. Além dos elementos do projeto gráfico comentados no parágrafo anterior, encontra-se o uso de destaques

no meio do bloco de texto. São partes do corpo de texto destacados por dois fios pretos que ficam acima e abaixo, com uso de fonte de corpo maior que o do bloco de texto, sem serifa e em itálico. Esses recursos criam uma área mais clara no meio da mancha, gerando um ponto de forte atração visual (figura 8).

Ao final de cada trabalho, encontram-se dados sobre as referências do trabalho. No mesmo estilo do nome dos capítulos, a palavra “Bibliografia” aparece toda em caixa alta, o que como viu-se anteriormente dificulta a *readability* dos caracteres.



Figura 9 – Páginas 14 e 15 do volume 1

O uso de ilustrações nesse volume aparece somente na apresentação de um ensaio fotográfico nas páginas centrais da revista (figura 9). A resolução das imagens é ideal para o tipo de impressão utilizado, uma vez que as fotografias estão nítidas.



Figura 10 – Capa do volume 2

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 2, 1987.		
Volume 2	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	15,9 cm X 22,5 cm	15,9 cm X 22,5 cm (fechada) 32,4 cm X 22,5 cm (aberta)
Número de páginas	104 páginas	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 120g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	1X1
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos costurados e colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 2 – Especificações do projeto do volume 2

O projeto gráfico da capa e do miolo do volume dois da revista, lançado em 1987, foi feito pelo professor Rubens Weyne. A partir desse ano, a publicação deixa de estar vinculada a uma disciplina.

Em relação ao projeto anterior, o formato diminuiu e o número de páginas aumentou. A capa desta edição aparece um papel de gramatura maior que a do volume anterior, e com acabamento de laminação fosca, o que dá maior durabilidade às páginas do periódico.

Além da mudança de papel e formato, a capa deixa de ser impressa em preto para receber tinta de cor verde. Uma tarja dessa coloração é utilizada no topo da capa, onde são escritos o nome da revista – agora acompanhado de um símbolo à esquerda onde aparece uma corneta sobre um livro aberto – o volume e o ano da publicação. Abaixo desta tarja, que vai de ponta a ponta da página, encontram-se chamadas para todo o conteúdo da edição, mas desta vez sem o número da página onde se localizam. A mancha da capa passa a ser sangrada, sem que seja possível, deste modo, medir as margens.

A escolha tipográfica deste volume muda em relação à feita para o anterior. Ainda na capa, o nome da revista é escrito com o uso de fontes completamente diferentes do volume um. As chamadas são escritas todas em caixa alta, em linhas muito extensas e com o entre linhas bastante apertado. Deste modo, além da falta de unidade visual entre uma edição e outra, percebe-se que a velocidade de leitura dos caracteres só diminui com a mudança da tipografia.

A definição pelo uso de uma encadernação com lombada quadrada neste volume, se dá principalmente por seu grande número de páginas. A existência de mais este espaço para informação na publicação deveria ter sido pensada, apesar disso, não há nada além do fundo branco do próprio papel na lombada.

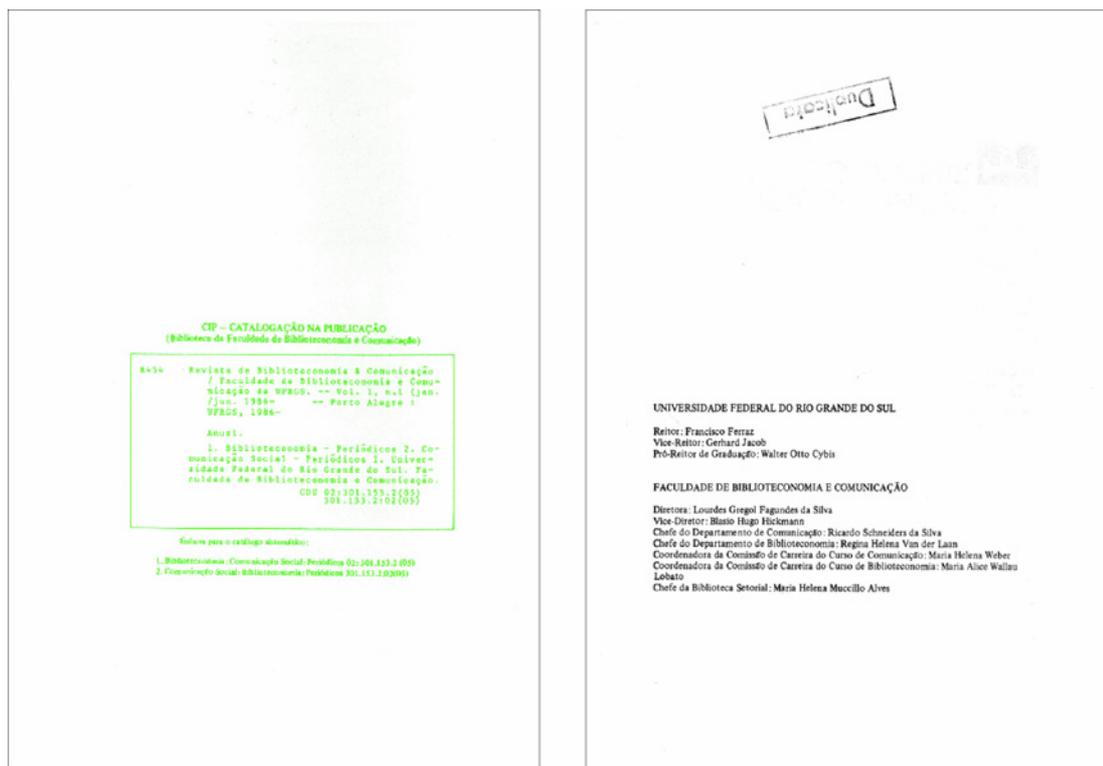


Figura 11 – Ficha catalográfica e dados sobre a UFRGS e a FABICO no volume 2

A ficha catalográfica desta edição encontra-se na parte interna da capa¹⁹ (figura 11). Os dados sobre a Universidade e a Faculdade, de modo diferente da edição anterior, encontram-se separados da ficha catalográfica, primeira página segundo a numeração do periódico²⁰. Assim, as duas páginas descritas acima têm um diagrama composto de apenas uma coluna.

A escolha tipográfica destas duas páginas também não coincide com aquela feita na edição anterior. Para a ficha catalográfica, utilizou-se desta vez uma fonte serifada. Porém, o uso de um espaçamento entre letras muito separado prejudica a *readability*. Nos textos com os dados sobre a UFRGS e a FABICO, percebe-se o uso de uma fonte também com serifa. Apesar disso, como visto no volume anterior, os nomes das instituições em caixa alta continuaram a dificultar a velocidade da leitura.

¹⁹ Com mancha de 9,8 centímetros de largura por 7,7 centímetros de altura, esta página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 3,6 centímetros, 2,5 centímetros, 9,2 centímetros, 5,6 centímetros, respectivamente.

²⁰ Esta página possui mancha de 11 centímetros de largura, por 5,6 centímetros de altura, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2 centímetros, 2,9 centímetros, 11,5 centímetros, 5,4 centímetros, respectivamente.

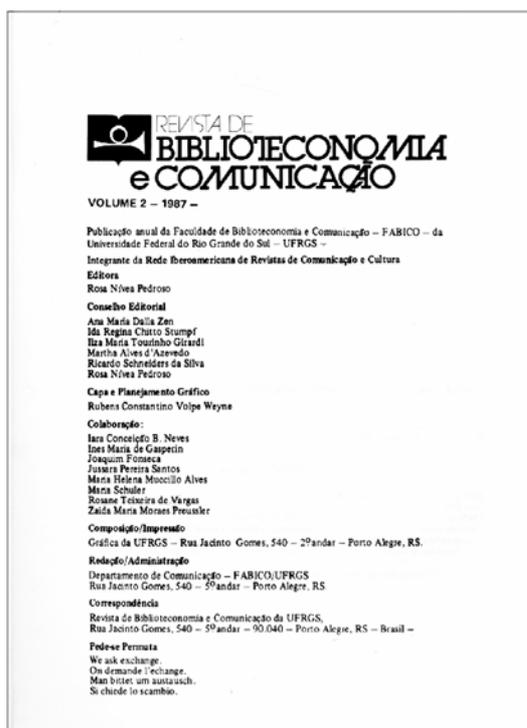


Figura 12 – Dados sobre os envolvidos na edição e produção do volume 2

Na página de número dois da revista, encontram-se as informações sobre as pessoas envolvidas na edição e produção da revista (figura 12), em diagrama composto apenas por uma coluna, com medidas diferentes das encontradas na edição anterior²¹. Aqui, a utilização de uma fonte com serifa tem o papel de guiar de maneira mais eficiente a leitura, porém, o uso de um corpo pequeno para os caracteres e o espaço entre linhas apertado diminuem a velocidade de leitura.

Além do expediente da revista, encontramos no topo da página o nome da publicação escrito com uma fonte semelhante à utilizada na capa, acompanhado pelo símbolo da corneta e do livro, anteriormente descritos. A partir daqui, será dado o nome de logotipo a esta junção particular do nome com o símbolo.

²¹ O diagrama dessa página conta com uma mancha de 10,5 centímetros de largura, por 17 centímetros de altura, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,3 centímetros, 3,1 centímetros, 3,7 centímetros, 1,8 centímetros, respectivamente.



sumário

Apresentação	3
Mercado de Trabalho em Relações Públicas: Martha Alves d'Azavedo	6-12
Mercado de Trabalho para Bibliotecários no RGS: Ida Regina Chitto Stampf	13-20
Notas sobre as Condições de Legitimação da Imprensa: Rosa Nívea Pedroso	21-23
Uma Concepção Curricular de Formação de Bibliotecários para a Mudança: Ana Maria Dalla Zen	24-31
Avaliação: Provocação da Aprendizagem: Maria Helena Weber	32-35
Biblioteca como Laboratório do Processo Ensino-Aprendizagem: uma experiência em Cursos de Extensão Universitária em Porto Alegre: Inês Rosito Pinto Krul e Rêlla Maria Falcofa da Silveira	36-41
Imprensa e Poder: relação onde a derrota é do leitor: Pedro Maciel	42-46
Fotoreportagem: Luciano Correa	47-51
O Livro e a Leitura no Brasil: algumas idéias alternativas: Lara Ferreira de Macedo	52-57
Considerações acerca dos Veículos de Informação Impressos do Movimento Sindical/Operário: Luiza Colente Modélin	58-61
A Feira do Livro como Mecanismo de Integração Curricular do Curso de Biblioteconomia da UFRGS: Elvira S. Machado, Maria da Graça da Silva, Mônica Nodari, Verônica Uberti e Ana Maria Dalla Zen	62-68

Figura 13 – Sumário do volume 2

A seção analisada em seguida é o sumário (figura 13), que neste volume aparece separado da capa. O diagrama da página de abertura desta seção é composto de uma coluna²². A palavra “sumário” está escrita em uma fonte serifada, com o uso de caracteres todos em caixa baixa. Os nomes dos trabalhos, bem como os números das páginas, estão escritos também em fonte com serifa. Aqui, o entre linhas utilizado é ideal para proporcionar uma boa leitura, além de deixar a mancha de texto menos pesada. O único problema de leitura dessa página se dá pelo pequeno corpo escolhido para a fonte utilizada.

²² Tendo mancha de 12 centímetros de largura, por 13,3 centímetros, está página é composta de margens esquerda, direita, superior e inferior com: 2,4 centímetros, 1,5 centímetros, 5,7 centímetros, 3,5 centímetros, respectivamente.

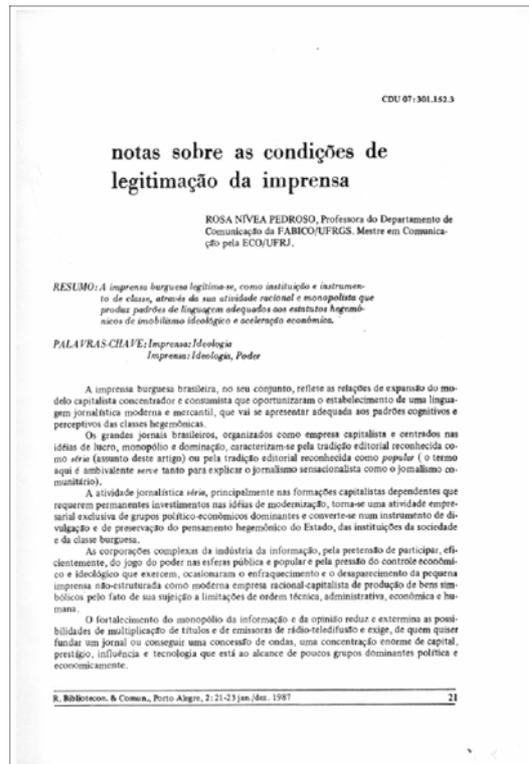


Figura 14 – Página de abertura dos artigos no volume 2

Na página de abertura dos trabalhos (figura 14), o diagrama é composto também de apenas uma coluna. Apesar disso, os tamanhos de mancha e margens são alterados²³. No centro da coluna, no topo, encontra-se o título do trabalho em fonte com serifa, escrito todo em caixa baixa. Logo abaixo, localiza-se o nome do autor, com a mesma fonte, porém todo em caixa alta. Encontra-se ainda nesta página o resumo e as palavras-chave do artigo, escritas em fonte com serifa e itálica. Para o corpo do texto, utiliza-se também a mesma fonte do título, mas em um corpo menor, considerado de difícil leitura pelo tamanho dos caracteres e pelo espaço entre linhas muito estreito. Os nomes dos capítulos, como no volume anterior, aparecem na fonte do corpo de texto, só que em caixa alta, o que, como visto anteriormente, reduz a velocidade de encadeamento entre um tipo e outro.

²³ Com uma mancha de 12 centímetros de largura, por 17,9 centímetros de altura, as margens esquerda, direita, superior e inferior aparecem com: 2,4 centímetros, 1,5 centímetros, 2,7 centímetros, 1,9 centímetros, respectivamente.

Na base da página de abertura, encontram-se notas de rodapé, em fonte semelhante à do texto, porém em um corpo ainda menor, e as informações da revista, como numeração de páginas, ano de publicação, etc.

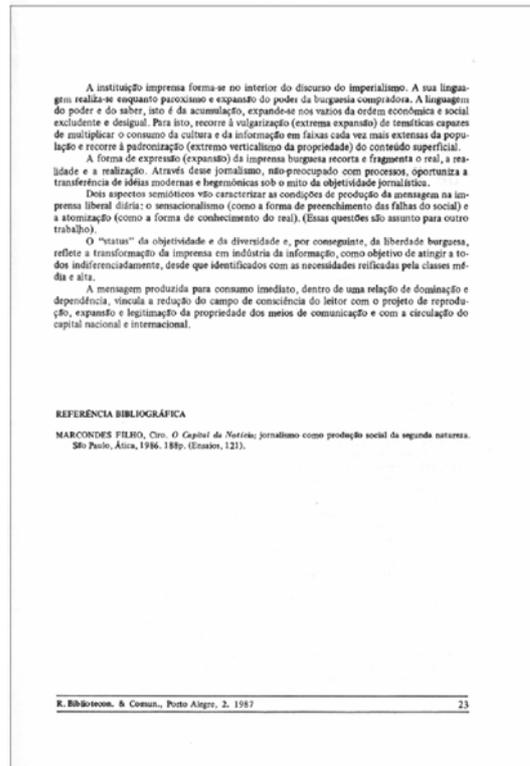


Figura 15 – Página em que entraram referências, em um dos artigos no volume 2

As páginas de texto que se seguem têm o mesmo padrão visual das anteriormente descritas, com diagrama e escolha tipográfica semelhantes, com exceção à escolha tipográfica encontrada para as referências (figura 15), que aparecem escritas com a mesma fonte do texto, porém em corpo de tamanho menor.

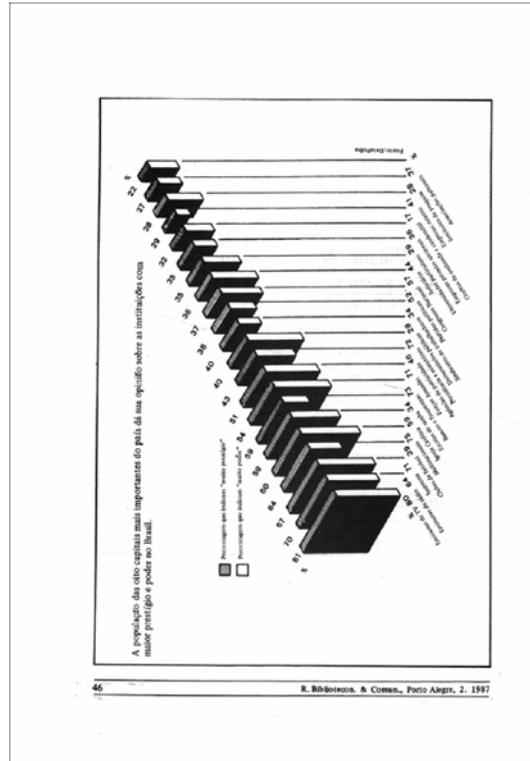


Figura 16 – Gráfico da página 46 do volume 2

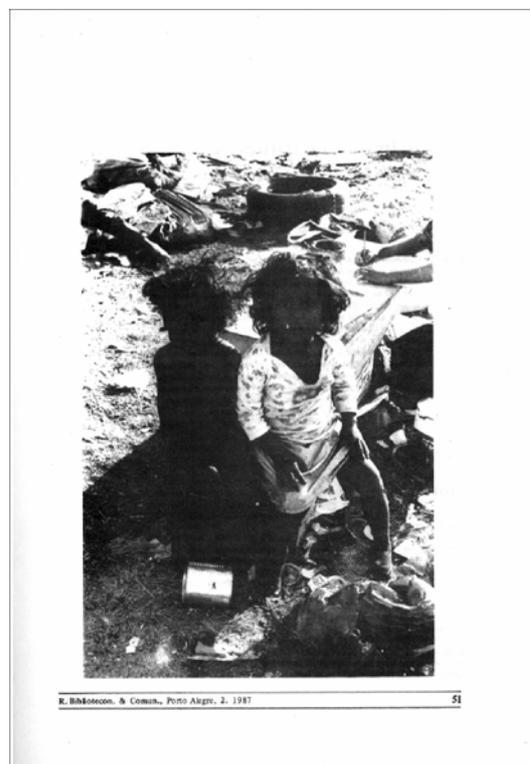


Figura 17 – Fotografia extraída da página 51 do volume 2

Em relação à utilização de imagens neste volume, encontra-se o uso de tabelas, gráficos e fotografias. Nas tabelas, a escolha tipográfica varia entre tipos de corpo ideal para a leitura e tipos de corpo muito pequenos. O único gráfico (figura 16) utilizado possui legendas escritas também em tipo com corpo de difícil leitura. A apresentação de fotografias nesta edição (figura 17) ficou prejudicada pelo escurecimento das imagens, principalmente dos retratos.

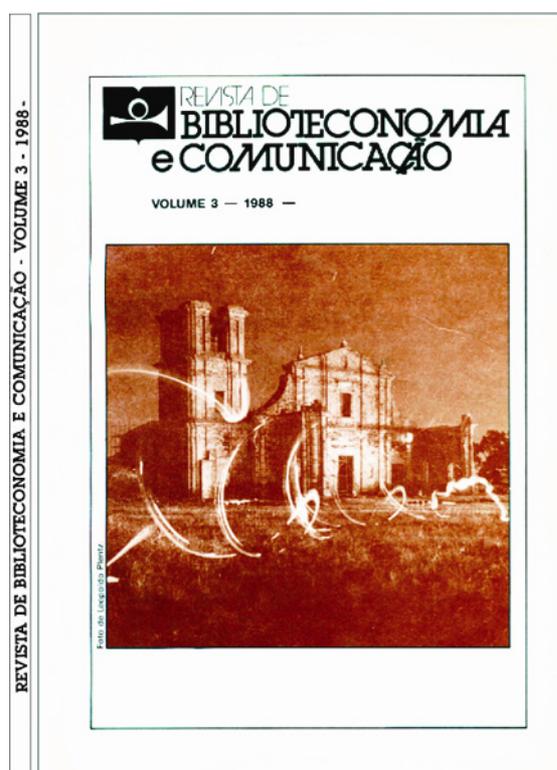


Figura 18 – Capa do volume 3

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 3, 1988.		
Volume 3	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	15,5 cm X 22,8 cm	15,5 cm X 22,8 cm (fechada) 31,6 cm X 22,8 cm (aberta)
Número de páginas	96 páginas	—

Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 180g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X1
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 3 – Especificações do projeto do volume 3

Lançado em 1988, o projeto gráfico da capa (figura 18) e do miolo do terceiro volume da revista foi feito novamente pelo professor Rubens Weyne. Ao invés do projeto gráfico anterior ter sido aproveitado nesta edição, modificações significativas foram feitas na apresentação visual da publicação. Apesar da capa desta edição aparecer em um papel de gramatura e acabamento semelhantes aos do volume anterior, o formato foi alterado, tendo sido diminuída a largura e aumentada a altura.

Além da mudança no formato, a capa deixa de ser impressa em verde e passa a ser impressa em marrom e preto. A tarja utilizada no topo da capa da edição anterior desaparece, mas o logotipo é mantido. As chamadas também desaparecem, dando lugar a uma fotografia. Fechando a área da mancha da capa, é utilizado um fio preto. Deste modo, o diagrama aqui utilizado pode ser medido, por não ser sangrado²⁴.

A escolha tipográfica para a capa deste volume mantém-se em relação à feita para a edição anterior. A manutenção do uso de uma encadernação com lombada quadrada desta vez, traz a utilização da lombada como espaço importante do projeto. Aqui, o nome da revista, o volume e o ano de sua publicação, são escritos todos em caixa alta, em fonte serifada.

²⁴ Sua área total, que corresponde à mancha, é de 13 centímetros de largura, por 19,5 centímetros de altura, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 11,4 centímetros, 1,1 centímetros, 1,9 centímetros e 1,4 centímetros, respectivamente.

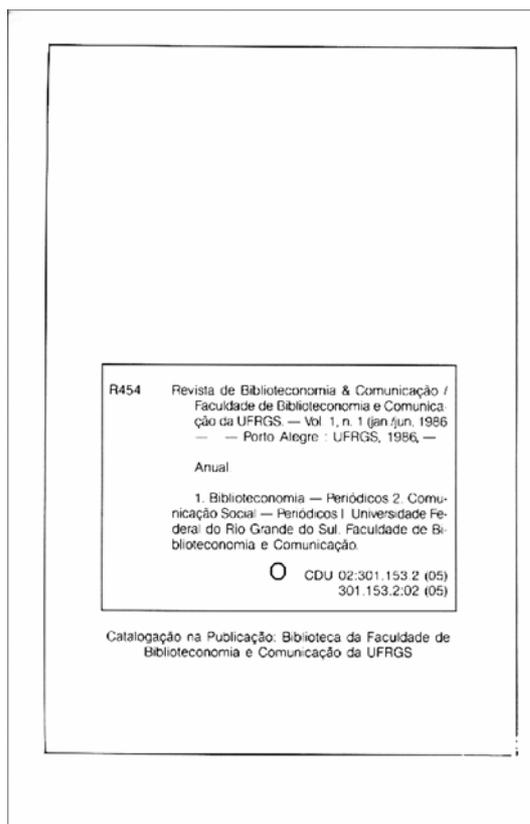


Figura 19 – Página 2 do volume 3

A ficha catalográfica desta edição encontra-se na página de número dois da revista²⁵ (figura 19). Nesta edição, a fonte utilizada para as informações da ficha volta a ser sem serifa, desta vez em um corpo maior e entre linhas apropriado.

²⁵ Com mancha de 13 centímetros de largura por 19,5 centímetros de altura, esta página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,2 centímetros, 1,3 centímetros, 1,1 centímetros e 2,3 centímetros, respectivamente.



SUMÁRIO

Apresentação	5
A Imprensa Alternativa Revisitada Sérgio Caparelli	7
Estudo de Comunidades Visando à Criação de Bibliotecas Ida R. C. Stumpf	17
Um Instrumento para Pesquisa de Mercado: Coleta de dados junto a crianças Walter Nique e Maria Schuler	25
O Uso de Periódicos em uma Biblioteca Universitária: visão docente e discente Mônica F. Soares	39
Cinco Visões de São Miguel Leopoldo Pientz	47
Natureza da Produção do Fato Jornalístico Rosa Nivea Pedroso	53
Comunicação e Mudança Organizacional Ana M. E. da Fonseca	59
Evasão no Curso de Biblioteconomia da UFRGS, 1979-86 Inês R. P. Krueel	67
Os Sete Pecados da Burguesia Sérgio Kleinsorge	79
O Silêncio na Biblioteca Escolar Mária Orinda H. Ramalho	87
A Criatividade de um Plano de Relações Públicas: um caso prático Antonio L. M. e Frellas	91

Figura 20 – Página onde se encontra o sumário da edição

Na página ao lado desta, encontra-se o sumário (figura 20), em local deslocado em relação ao volume anterior²⁶. De maneira diferente da edição anterior, a palavra “sumário” é escrita em fonte sem serifa, toda em caixa alta e apresenta-se centralizada na mancha. Os nomes dos trabalhos, bem como os números das páginas, estão escritos também em fonte sem serifa, com alternância entre caixa alta e baixa, com corpo de tamanho considerado adequado para a leitura. Aqui, o entre linhas utilizado é razoável, colaborando na *readability*.

²⁶ Com diagrama composto por mancha de 13,8 centímetros de largura, por 13,5 centímetros de altura, a página onde está localizado o sumário possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 0,9 centímetros, 0,8 centímetros, 4,6 centímetros e 4,6 centímetros, respectivamente.

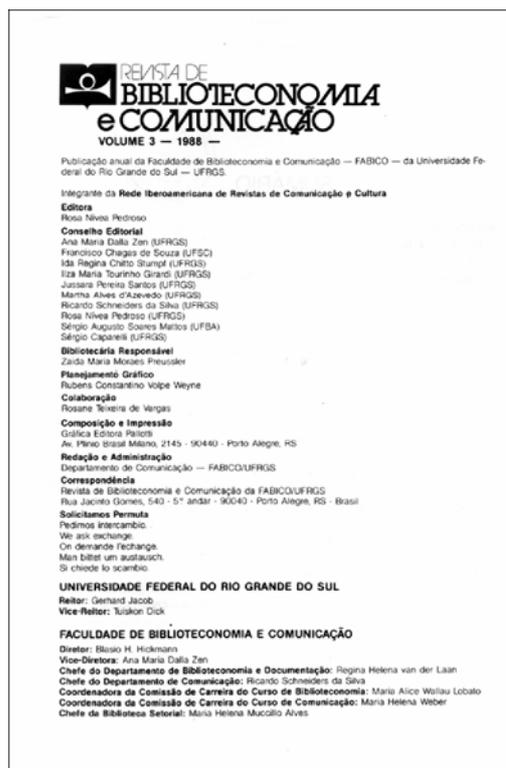


Figura 21 – Página 4 do volume 3

Os dados sobre a Universidade e a Faculdade apresentam-se na página de número quatro (figura 21), junto ao expediente²⁷. No topo da mancha, encontra-se o logotipo da revista. Abaixo, estão localizadas as informações sobre o expediente e na base os dados da UFRGS e da Faculdade, que apesar de se diferenciarem do estilo utilizado na edição anterior, mantiveram um corpo e entre linhas de tamanho semelhante àquele.

²⁷ Ocupando uma mancha de 12,6 centímetros de largura, por 19,5 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,3 centímetros, 1,6 centímetros, 1,5 centímetros, 1,9 centímetros, respectivamente.

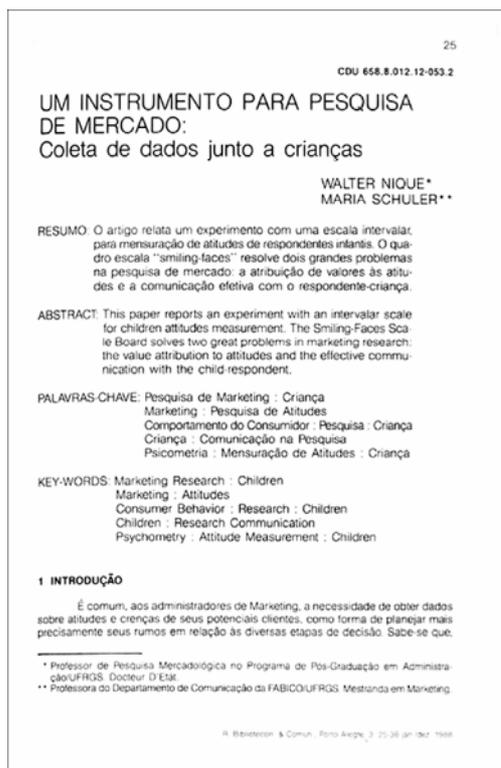


Figura 22 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos

O diagrama mantém-se composto de apenas uma coluna na página de abertura dos trabalhos (figura 22). Apesar disso, os tamanhos de mancha e margens são novamente alterados²⁸.

O título das pesquisas continua escrito no topo do diagrama, porém, nesta edição, aparece alinhado à esquerda da mancha, com tipo sem serifa em caixa alta. Logo abaixo, alinhado à direita, permanece o nome do autor escrito todo em caixa alta, mas em fonte sem serifa. O resumo e as palavras-chave dos artigos se mantêm logo abaixo do nome do autor, como no volume dois, mas com a fonte não serificada – a mesma do título, desta vez, com alternância entre caixas alta e baixa.

O nome dos capítulos de cada trabalho também é escrito em fonte sem serifa, todo em caixa alta. O tamanho do corpo de texto apresentado para os artigos é considerado de boa leitura.

²⁸ Com uma mancha de 12,7 centímetros de largura, por 21,2 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior aparecem com: 1,5 centímetros, 1,3 centímetros, 0,8 centímetros, 0,8 centímetros, respectivamente.

Apesar disso a falta de serifa da fonte, somada ao tamanho do entre linhas desse estilo dificulta a passagem do olhar de um tipo para o outro e de uma linha para a seguinte.

A numeração de páginas desta edição está localizada na parte superior direita da mancha, enquanto as demais informações sobre o volume encontram-se na parte inferior direita da mancha, abaixo das notas de rodapé, escritas em fonte semelhante à do corpo de texto, porém de corpo menor.

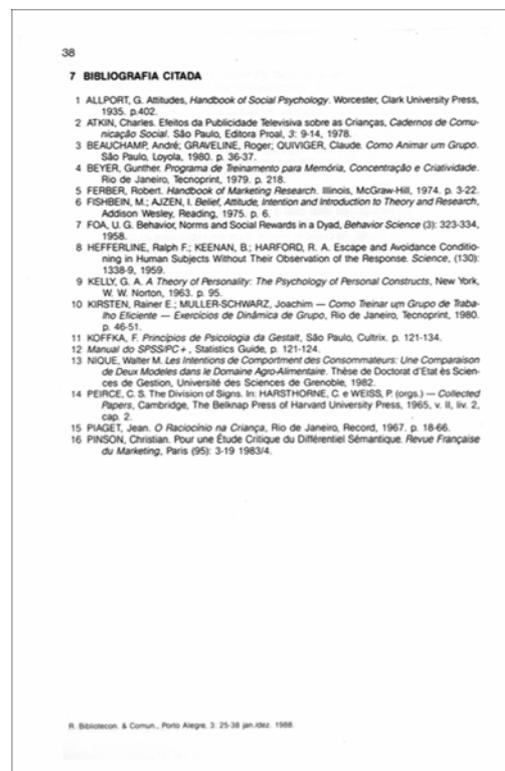


Figura 23 – Exemplo de página com referências no volume 3

As páginas de texto que se seguem possuem o mesmo padrão visual das anteriormente descritas, com diagrama e escolha tipográfica semelhantes, com exceção à escolha tipográfica encontrada para as referências, que aparecem escritas com a mesma fonte do texto, porém em corpo de tamanho menor (figura 23).

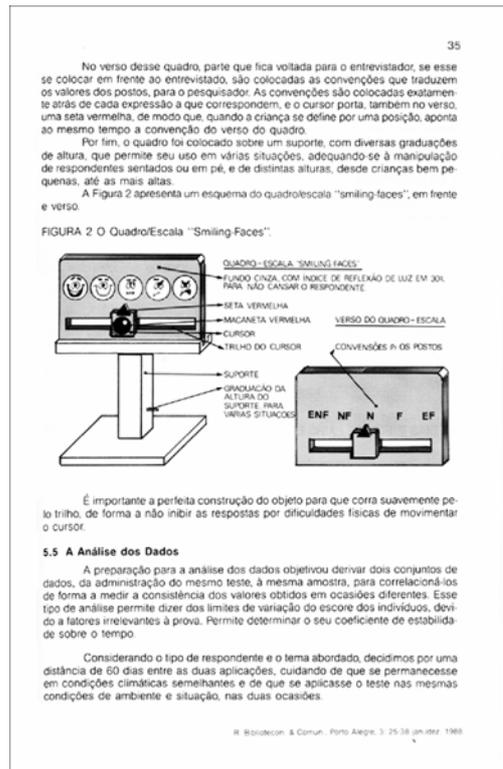


Figura 24 – Exemplo de página com ilustração no volume 3

Encontram-se tabelas, quadros e fotografias neste volume. Nas tabelas, a escolha tipográfica varia entre tipos de corpo ideal para a leitura e tipos de corpo muito pequenos. Os quadros utilizados possuem legendas escritas em tipo com corpo de difícil leitura, todo em caixa alta (figura 24). As fotografias nesta edição apresentam boa resolução para o tipo de impressão usado, resultando na nitidez de todas as imagens desse tipo.



Figura 25 – Contracapa, lombada e capa do volume 4

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 4, 1989.		
Volume 4	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	15,3 cm X 22,6 cm	15,3 cm X 22,6 cm (fechada) 31,5 cm X 22,6 cm (aberta)
Número de páginas	158 páginas	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 180g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X1
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos costurados e colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 4 – Especificações do projeto do volume 4

Nesta edição, lançada no ano de 1989, o projeto gráfico da capa (figura 25) passa a contar com ilustrações do professor Joaquim da Fonseca. Apesar disso, o planejamento gráfico da publicação, como um todo, continua assinado pelo professor Rubens Weyne.

Comparado ao projeto da revista do ano anterior, o formato diminuiu e o número de páginas aumentou. O acabamento volta a ganhar o reforço da costura, o que garante um melhor acabamento do periódico.

Além da nova mudança de formato, a capa volta a ter uma mancha sangrada, sendo impossível, deste modo, determinar o tamanho de suas margens. Na parte superior da mancha, encontra-se o logotipo da revista. Logo abaixo, ficam as informações sobre o volume, o ano e o ISSN, em fonte sem serifa diferente da utilizada no volume anterior. No restante do espaço da mancha, percebe-se uma grande área impressa na cor laranja ao fundo e sobre ela a ilustração de Fonseca com duas chamadas em preto. A fonte utilizada nas chamadas desta vez é sem serifa, com alternância entre caixas alta e baixa.

Neste volume, assim como no anterior, o nome da revista, o volume e o ano de sua publicação, são escritos na lombada. Entretanto, apesar de se repetir o uso de tipos todos em caixa alta, a fonte utilizada é sem serifa. A contracapa, até então não utilizada, neste ano, passa a apresentar o brasão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

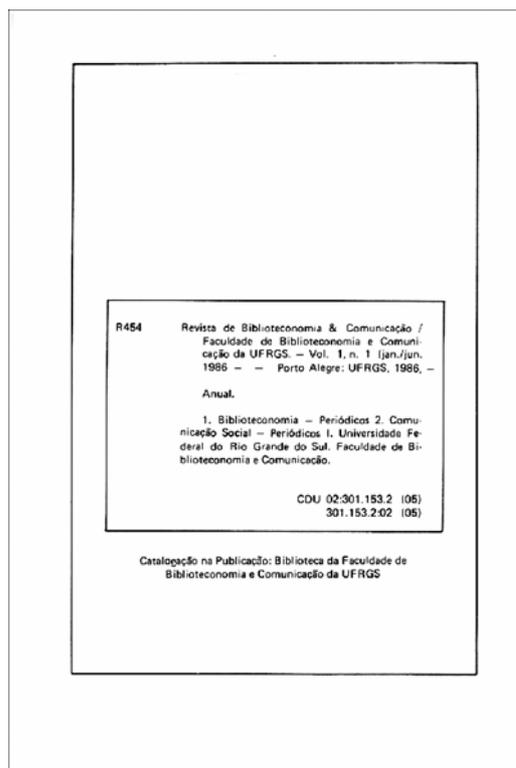


Figura 26 – Ficha catalográfica do volume 4

A ficha catalográfica desta edição (figura 26) permanece na mesma página que no volume três, mas com mancha²⁹ e escolha tipográficas diferentes. Aqui, a fonte utilizada para as informações da ficha permanecem escritas em fonte sem serifa, desta vez em um corpo menor e entre linhas maior.

²⁹ A mancha de 11,8 centímetros de largura por 18 centímetros de altura compõe o diagrama desta página, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,8 centímetros, 1,7 centímetros, 1,5 centímetros e 3,1 centímetros, respectivamente.

Sumário	
	ISSN: 0103-0361
Apresentação	5
A Novela como Narrativa sobre Opressão e Mudança	
Nico Vink	7
Canais, Fontes e Uso da Informação Científica: uma abordagem teórica	
Ana Maria Dalla Zen	29
Habermas e a Reconstrução da Problemática Teórica da Comunicação	
Francisco Ricardo Rüdiger	43
Reportagem a Descoberto	
Sérgio Caparelli	53
Paradigmas para a Teoria de Relações Públicas	
Ana Maria Eiró da Fonseca	67
Sistema KS de Avaliação: uma proposta criativa para avaliação do ensino de Comunicação	
Eduardo Kolaitis e Maria Schuler	75
Espaço Aberto para os Novos Leitores	
Fernando Bohrer Schmitt	87
A Eficácia da Hora do Conto como Mecanismo de Estímulo à Leitura	
Cleci Marlene Grandi	93
Análise da CDU: auxílios gerais e classes 0/504	
Evangélica Veiga e Maria Olívia B. Martha	103
O Problema do Estágio Extra-curricular de Biblioteconomia	
Clea Dubêux Pinto Fimintel	109
Panorama do Estágio Curricular de Biblioteconomia do Estado de São Paulo	
Sonia Maria Trombelli de Hanai	113
A Importância da Pesquisa na Vida Acadêmica	
Ana Maria Dalla Zen et alii	131
Aspectos da Semiólogia Barthesiana	
Adriano Silva	137
Bibliografía Básica sobre la Crisis de la UNESCO y la Retirada de los Estados Unidos de América	
Fernando Quirós Fernández	145
II Encontro Iberoamericano de Editores de Revistas de Comunicação e Cultura: documento final	153

R. Bibliotecon. & Comun., Porto Alegre, 4: jan./dez. 1989

Figura 27 – Sumário do volume 4

Como na edição anterior, na página ao lado desta, encontra-se o sumário³⁰ (figura 27). De modo semelhante a edição anterior, a palavra “sumário” aqui é escrita em fonte sem serifa, porém com uso de tipos em caixas alta e baixa, alinhado à esquerda da mancha. Os nomes dos trabalhos, bem como os números das páginas, estão escritos também em fonte sem serifa, mas em corpo menor e entre linhas mais aproximado.

³⁰ Tendo diagrama composto por mancha de 11,7 centímetros de largura, por 18,2 centímetros de altura, essa página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,7 centímetros, 1,9 centímetros, 2,5 centímetros e 1,9 centímetros, respectivamente.

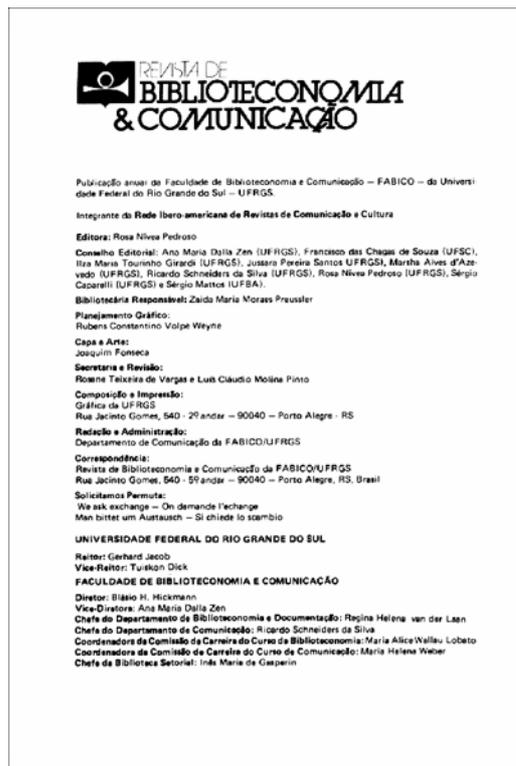


Figura 28 – Página 4 do volume 4

Na página de número quatro, assim como no volume três, encontram-se os dados sobre a Universidade e a Faculdade, bem como o expediente (figura 28). A escolha tipográfica mostra-se semelhante à do volume anterior pelo uso de fonte sem serifa, porém percebe-se que o tipo utilizado não possui o mesmo corpo de antes, nem pertence à mesma família. A mancha dessa página também não se mantém igual à equivalente na edição de 1988³¹. No topo da mancha se mantém o logotipo da revista. Abaixo, estão localizadas as informações sobre o expediente e na base os dados da UFRGS e da Faculdade.

³¹ Ocupando uma mancha de 11,7 centímetros de largura, por 17,8 centímetros de altura, seu diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,9 centímetros, 1,7 centímetros, 1,7 centímetros e 3,1 centímetros, respectivamente.

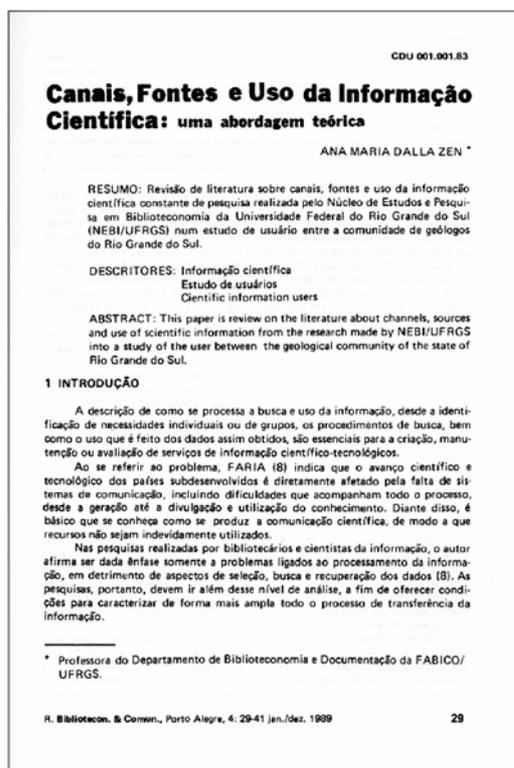


Figura 29 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 4

Na abertura dos trabalhos (figura 29), a *grid* mantém-se composta de apenas uma coluna. Apesar disso, os tamanhos de mancha e margens são novamente alterados³². O título dos artigos permanece no topo do diagrama, alinhado à esquerda da mancha. Apesar da permanência do uso de tipo sem serifa na escrita desse estilo, nessa edição aparecem com alternância entre caixas alta e baixa. É mantido, abaixo, o nome do autor todo escrito em caixa alta, em fonte sem serifa, alinhado à direita da mancha. O resumo e as palavras-chave dos artigos se mantêm logo abaixo do nome do autor, como no volume três, com fonte não-serifada, também de família diferente da utilizada na edição anterior. Como nos outros volumes, os nomes dos capítulos são escritos em fonte sem serifa e em caixa alta. O tamanho do corpo de texto apresentado para os artigos é considerado de difícil leitura, pela falta de serifa da fonte, aliada ao pequeno tamanho do corpo e o espaço entre linhas bastante apertado.

³² Composto por mancha de 11,9 centímetros de largura, por 18,8 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior aparecem com: 1,8 centímetros, 1,6 centímetros, 1,9 centímetros, 1,9 centímetros, respectivamente.

Localizada na parte inferior direita da mancha, a numeração de páginas, desta edição, apresenta-se de maneira diferente do volume de 1988. As demais informações sobre o volume permanecem na parte inferior direita da mancha, abaixo das notas de rodapé, escritas em fonte semelhante à do corpo de texto.

As páginas de texto que se seguem apresentam diagrama diferente da página de abertura, tendo sido acrescentada a informação sobre o título do artigo e nome do autor no topo da página, fora da mancha descrita anteriormente³³. Seguindo este mesmo diagrama, as páginas finais de cada trabalho trazem escolha tipográfica diferenciada, com uso da mesma fonte utilizada no corpo de texto, com corpo de tamanho menor, apenas para a escrita das referências do texto.

Panorama do estágio curricular... por S. Hanai

Informações	UNESP	EBDSG	PUOC	FESP	T. Martin	FATEALTO	FATEASA	ECA/USP
al critérios para seleção dos locais de área	condições para obtenção de notas	critérios de seleção	adequação do currículo dos alunos	por tipos de disciplinas, atividades e serviços	não tem critério	não tem critério	preenchido, sendo selecionado o melhor de programa universitário	per a matrícula do aluno, sendo selecionado o melhor de programa universitário
Se o estágio é obrigatório	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Se o valor pago pelo aluno é diferente de zero	boa da FUNDAP	1.172 SMR	não tem valor	sem resposta	não tem valor	não tem valor	sem resposta	sem resposta
Se o limite de horas sem. é diferente de zero	max. 20	max. 20	max. 30	não tem limite	não tem limite	max. 20 horas 40	sem resposta	sem resposta
Se o período de estágio é diferente de zero	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	sem resposta	NÃO
Se o critério de seleção é diferente de zero	critério de seleção	critério de seleção	adequação do currículo do aluno	não tem critério	não tem critério	estar no 3º período	não tem critério	não tem critério
Se o critério de seleção é diferente de zero	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

QUADRO 7 - Planejamento de estágio

R. Bibliotecon., 6. Comun., Porto Alegre, 4: 113-129 jan./dez. 1989

Figura 30 – Exemplo de página com ilustração no volume 4

³³ Assim, a *grid* destas páginas é composta por mancha de 11,9 centímetros de largura, por 19,4 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,5 centímetros, 1,9 centímetros, 1,2 centímetros e 2 centímetros, respectivamente.

Nesta edição, encontra-se o uso de tabelas, gráficos, quadros e fotografias. Nessas tabelas, assim como as utilizadas no volume anterior, a escolha tipográfica varia entre tipos de corpo ideal para a leitura e tipos de corpo muito pequenos (figura 30). As fotografias nesta edição também apresentam boa resolução para o tipo de impressão utilizado, resultando na nitidez das imagens.

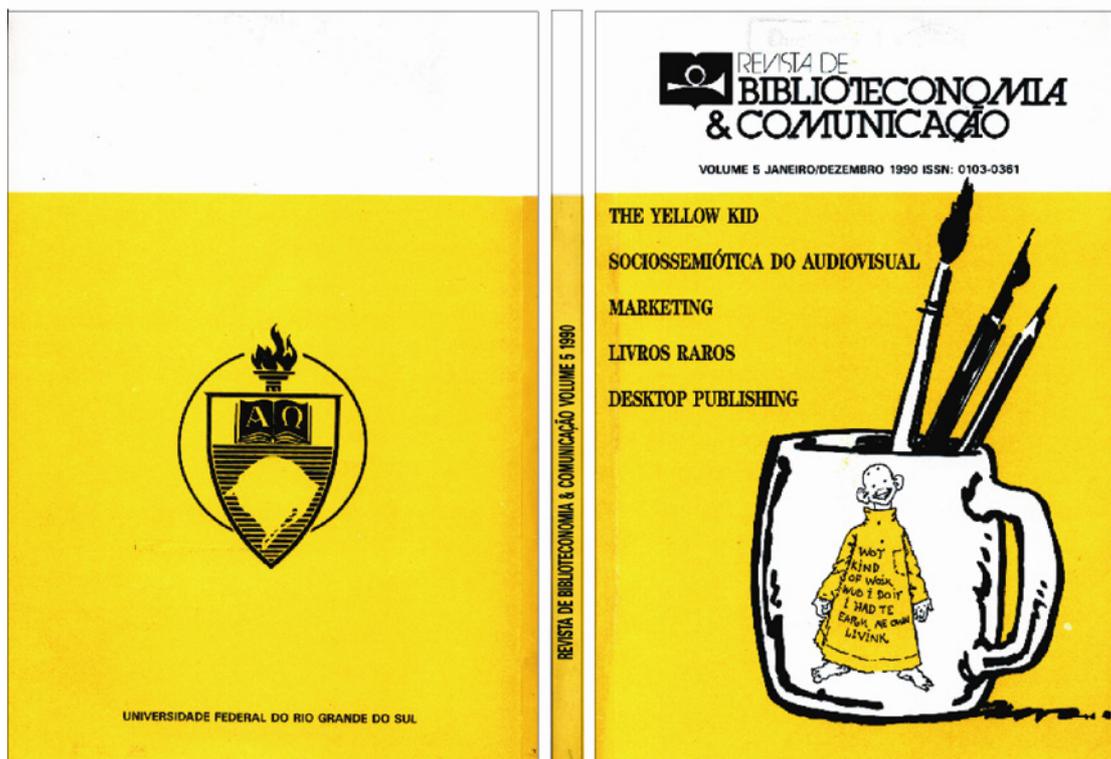


Figura 31 – Contracapa, lombada e capa do volume 5

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 5, 1990.		
Volume 5	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	15,9 cm X 22,8 cm	15,9 cm X 22,8 cm (fechada) 32,8 cm X 22,8 cm (aberta)
Número de páginas	200 páginas	—
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 180g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X1

Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos costurados e colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa
--------------------------------------	---	----------------------------------

Tabela 5 – Especificações do projeto do volume 5

No volume cinco, do ano de 1990, o projeto gráfico da capa continua contando com ilustrações do professor Joaquim da Fonseca (figura 35) e o planejamento gráfico da publicação sendo feito pelo professor Rubens Weyne.

Mais uma vez, comparado ao projeto da revista do ano anterior, o formato foi modificado e o número de páginas aumentou. Com a manutenção do uso de mancha sangrada na capa, não é possível determinar seu diagrama. Na parte superior da mancha, permanece o logotipo da revista, bem como as informações sobre o volume, o ano e o ISSN, em fonte semelhante à usada no volume de 1989. No restante do espaço da mancha, percebe-se também uma grande área impressa, desta vez, na cor amarela ao fundo e sobre ela uma nova ilustração de Fonseca com cinco chamadas em preto. A fonte utilizada nas chamadas desta vez é serifada, sem alternância entre caixas alta e baixa.

Também nesta edição, o nome da revista, o volume e o ano de sua publicação, são escritos na lombada. Apesar de se repetir o uso de tipos todos em caixa alta em fonte sem serifa, percebe-se que o tipo não pertence à mesma família do utilizado no ano anterior. A contracapa da revista continua apresentando o brasão da UFRGS.

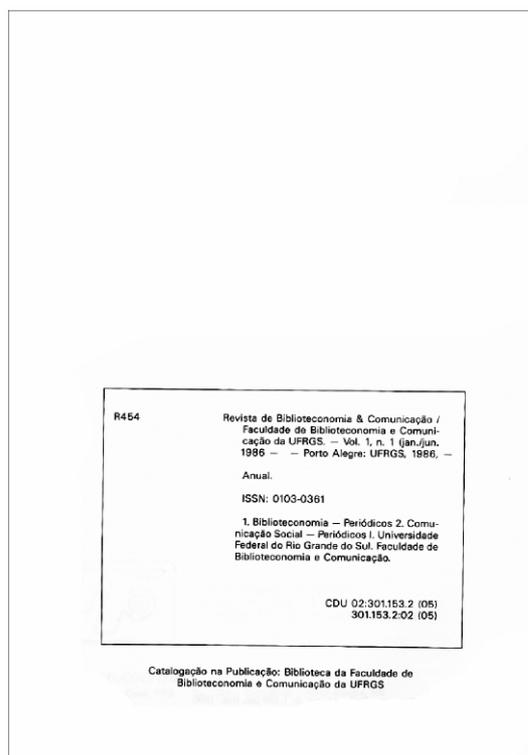


Figura 32 – Ficha catalográfica do volume 5

Na mesma página onde foi apresentada no volume quatro, a ficha catalográfica desta edição possui mancha diferenciada³⁴ (figura 32). Aqui, a fonte utilizada para as informações da ficha permanecem escritas com a mesma fonte sem serifa da edição anterior.

³⁴ Com 9,9 centímetros de largura por 8,2 centímetros de altura, a mancha compõe o diagrama desta página, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,9 centímetros, 3,1 centímetros, 12,3 centímetros e 2,3 centímetros, respectivamente.

SUMÁRIO	
ISSN. 0103-0361	
Apresentação	5
The yellow kid: o garoto da camisola amarela Joaquim da Fonseca	7
Os paradigmas econômicos na origem do marketing: o surgimento de uma tradição de pesquisa Sérgio Roberto Alves da Rosa	26
Da importância de um curso de cinema na universidade Flávio Mainieri	41
A biblioteconomia e livros raros no Brasil: necessidades, problemas e propostas Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro	45
O estágio curricular do Curso de Biblioteconomia da UFRGS Juliana Vianna Rosa	51
Panorama do estágio curricular nos Cursos de Biblioteconomia da Região Sul Marina Zeni Guedes e Patricia Z. Marchiori	58
A evasão dos alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo Isabel C. L. Carvalho e Maria Luiza L. Perota	88
Panorama do estágio nas escolas de Biblioteconomia do Norte e do Nordeste Cléa D. P. Pimentel e Fernanda Ivo Neves	98
Relações Públicas para bibliotecas Martha Alves D'Ázevedo	112
O nihilismo em cinco quadros Sabino Mena Barreto	120
Machado de Assis: cronista e editorialista Sérgio Arruda de Moura	126
O pós-moderno nas mãos de Saramago Sérgio Kleinsohn	136
Comunicação poética: esforço de síntese Fernando Fábio Fiorese Furtado	144
Por um conceito de jornalismo de oposição Rosa Nivea Pedrosa	151
Editoriais jornalísticos: discursos de representação do interesse coletivo Marta da Graça Krieger	158
Elementos para uma sociosemiótica do audiovisual Lícia Soares de Souza	165
Identidade visual e desktop publishing: o caso do Instituto de Informática da UFRGS Flávio Vinícius Cauduro	181
Comunicação: desafios à pesquisa latino-americana José Marques de Melo	194
<small>R. Bibliotecon. & Coman., Porto Alegre, 5: jan.-dez. 1990</small>	

Figura 33 – Sumário do volume 5

Como nos volumes passados, na página ao lado desta, encontra-se o sumário³⁵ (figura 33). De modo diferente da edição anterior, a palavra “sumário” aqui é escrita em fonte sem serifa, porém com uso de tipos somente em caixa alta, estando alinhada também à esquerda da mancha. Os títulos dos trabalhos, bem como os números das páginas, passam a ser escritos em fonte com serifa, em corpo maior e espaço entre linhas menor, o que dificulta a leitura do texto.

³⁵ Tendo diagrama composto por mancha de 12,6 centímetros de largura, por 19,9 centímetros de altura, essa página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,8 centímetros, 1,5 centímetros, 1,3 centímetros e 1,6 centímetros, respectivamente.



Figura 34 – Página 4 do volume 5

Encontram-se na página de número quatro, assim como no volume três, os dados sobre a Universidade e a Faculdade, bem como o expediente (figura 34). A escolha tipográfica aparece diferente àquela feita no volume do ano de 1989. Desta vez, utiliza-se uma fonte serifada, com espaçamento entre linhas mais apertado. A mancha dessa página também não se mantém igual à do ano anterior³⁶. No topo da mancha, também nesta edição, se mantém o logotipo da revista. Abaixo, os dados da UFRGS e da Faculdade passam para cima das informações sobre o expediente da edição.

³⁶ Passando a ocupar mancha de 12,7 centímetros de largura, por 15,2 centímetros de altura, seu diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,6 centímetros, 1,6 centímetros, 1,7 centímetros e 5,9 centímetros, respectivamente.

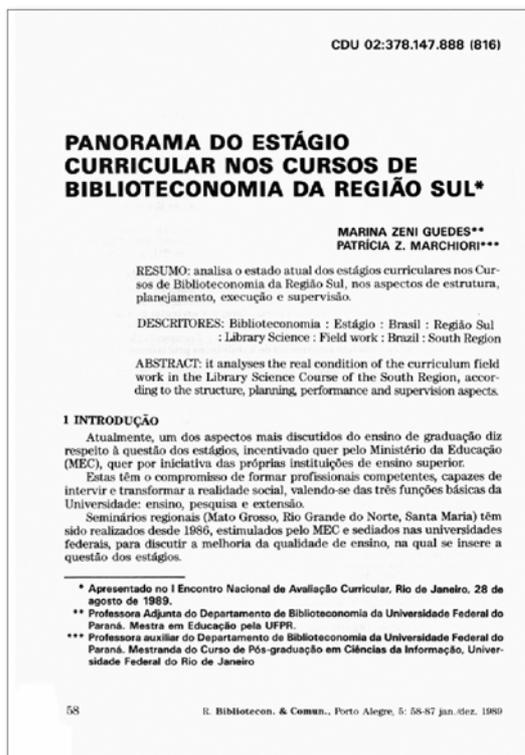


Figura 35 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 5

Mais uma vez, neste volume, o diagrama das páginas de abertura dos trabalhos mantém-se composto de uma coluna (figura 35). Apesar disso, os tamanhos de mancha e margens são novamente alterados³⁷. No topo do diagrama, alinhado à esquerda da mancha, permanece o título dos artigos. Apesar da permanência do uso de tipo sem serifa na escrita desse estilo, nessa edição eles aparecem com alternância entre caixas alta e baixa, sendo os títulos dos artigos todos em caixa alta e seus subtítulos em caixa baixa. Mais uma vez é mantido abaixo o nome do autor escrito todo em caixa alta, em fonte sem serifa, alinhado à direita da mancha. O resumo e as palavras-chave dos artigos se mantêm logo abaixo do nome do autor, como no volume de 1989, só que desta vez, com fonte serifada.

Nesta edição, mantém-se a escrita do nome dos capítulos em caixa alta, porém aqui utiliza-se a fonte com serifa, diferentemente da edição anterior. A fonte escolhida para o corpo

³⁷ Composto de mancha de 12,8 centímetros de largura, por 19,3 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior aparecem com: 1,6 centímetros, 1,5 centímetros, 1,9 centímetros, 1,6 centímetros, respectivamente.

do texto também possui serifa. O tamanho do corpo de texto apresentado para os artigos foi aumentado da edição passada para esta, porém o espaço entre linhas dificulta muito a passagem de uma linha para a seguinte, por ser muito apertado. As informações de página foram mantidas no mesmo espaço destinado para elas na edição anterior, apesar de passarem a ser escritas com a fonte serifada semelhante à do corpo de texto desta edição.

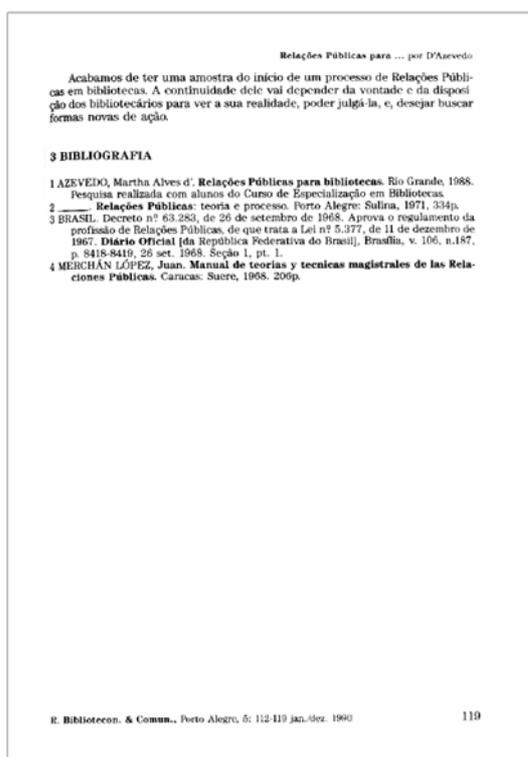


Figura 36 – Exemplo de página com referências dos trabalhos no volume 5

Do mesmo modo que no volume passado, as páginas de texto que se seguem apresentam diagrama diferente da página de abertura, por ser acrescentada a informação sobre o título do artigo e o nome do autor no topo da página, fora da mancha descrita para as páginas de abertura³⁸. Seguindo esta mesma grid, as páginas finais de cada trabalho trazem escolha

³⁸ Desta forma, o diagrama destas páginas é composto por mancha de 12,8 centímetros de largura, por 19,9 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,6 centímetros, 1,6 centímetros, 1,3 centímetros e 1,6 centímetros, respectivamente.

tipográfica diferenciada, com uso da mesma fonte utilizada no corpo de texto, com corpo de tamanho menor, apenas para a escrita das referências do texto (figura 36).

Neste volume, há tabelas, gráficos, quadros, esquemas, desenhos e fotografias. Nas tabelas e quadros, a escolha tipográfica apresenta o uso de tipos de corpo ideal para a leitura. As fotografias nesta edição também apresentam boa resolução para o tipo de impressão utilizado, resultando na nitidez das imagens.

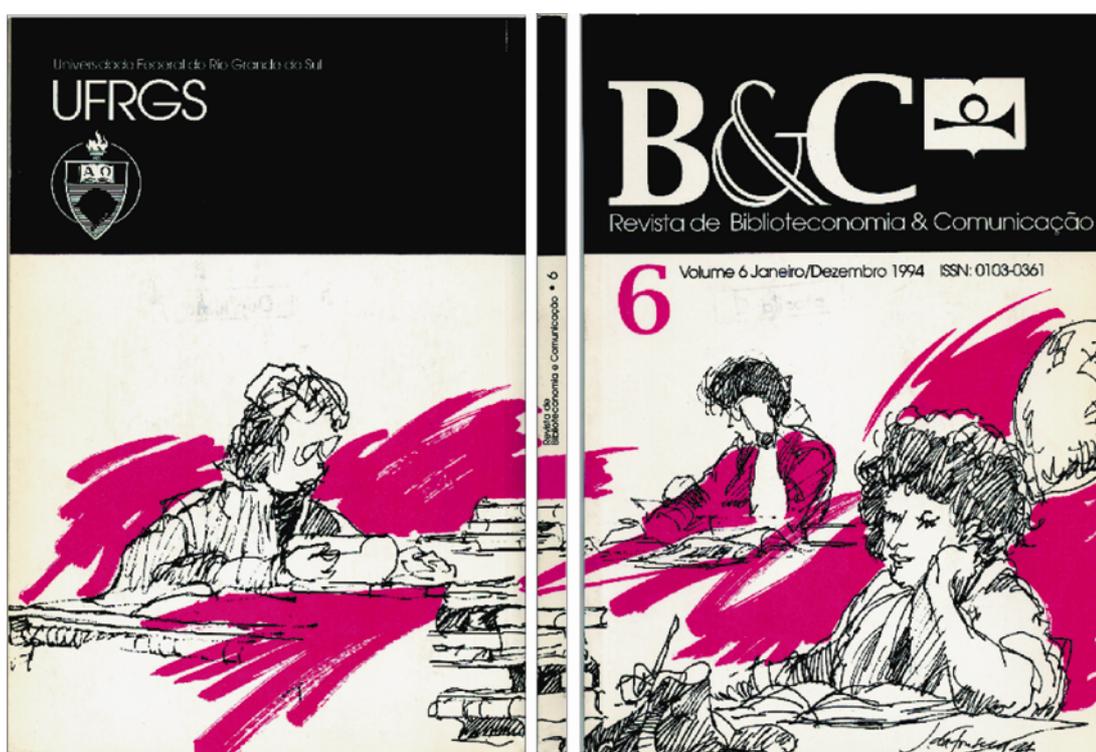


Figura 37 – Contracapa, lombada e capa do volume 6

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol.6, 1994.		
Volume 6	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	15,9 cm X 22,8 cm	15,9 cm X 22,8 cm (fechada) 32,7 cm X 22,8 cm (aberta)
Número de páginas	154 páginas	—

Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 180g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X1
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos costurados e colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 6 – Especificações do projeto do volume 6

Depois de quatro anos sem ser publicada, a revista tem seu volume seis lançado em 1994. Mais uma vez, o projeto gráfico da capa conta com ilustração do professor Joaquim da Fonseca (figura 37). A partir deste volume, o planejamento gráfico da revista deixa de ser assinado pelo professor Rubens. O aluno de jornalismo na época, Eduardo Sterzi, passa a se responsabilizar pelo projeto gráfico do periódico.

Pela primeira vez, o formato da revista foi mantido, se comparado ao do volume anterior. Também foi mantido o uso de mancha sangrada na capa, não sendo possível determinar seu diagrama. Na parte superior da mancha, permanecem as informações sobre o volume, o ano e o ISSN da revista, em fonte diferente da usada no volume de 1990. Neste ano, o nome da revista é alterado para “B&C – Revista de Biblioteconomia e Comunicação”. Com isso, o logotipo também muda. A nova logotipia é formada pelo novo nome, escrito em fonte serifada e corpo de tamanho bastante grande, junto ao símbolo da corneta com o livro aberto, já utilizado em outros anos. No restante do espaço da mancha, percebe-se também uma grande área de fundo branco e sobre ela uma nova ilustração de Fonseca.

Desta vez, apenas o nome e o volume são escritos na lombada da revista, sem que apareça o ano de sua publicação. Aqui, a fonte utilizada é sem serifa, com variações entre caixas alta e baixa, em corpo de tamanho pequeno e entre linhas apertado, dificultando a leitura. A contracapa da edição apresenta na parte superior de sua mancha o brasão da UFRGS, deslocado

em relação ao volume anterior, enquanto na parte inferior vê-se a continuação da ilustração de capa.



Figura 38 – Ficha catalográfica e expediente do volume 6

Na página de número dois, a ficha catalográfica desta edição aparece acompanhada dos dados do expediente³⁹ (figura 38). No topo da página, encontra-se o logotipo utilizado na revista de número cinco, o que dificulta a definição de uma identidade visual para o periódico. Abaixo, os dados da UFRGS, da FABICO e da revista aparecem escritos em fonte serifada, com uso de caixas alta e baixa. O espaço entre linhas utilizado é considerado normal. A ficha catalográfica aparece na parte inferior da página, escrita em fonte sem serifa, de corpo bastante pequeno e espaçamento entre linhas apertado.

³⁹ Com 12,9 centímetros de largura por 18,7 centímetros de altura, a mancha compõe o diagrama desta página, tendo margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,5 centímetros, 1,5 centímetros, 2,2 centímetros e 1,9 centímetros, respectivamente.

S U M Á R I O	Editorial 5
	BIBLIOTECONOMIA
	Marketing em Bibliotecas: por que relutar? Silas Marques de Oliveira 9
	Conceitos de marketing e a gerência de bibliotecas universitárias Edna Lúcia da Silva 17
	FOTOGRAFIA
	Texturas vegetabilis: Musa paradisiaca Mario Bitt-Monteiro 29
	JORNALISMO
	Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista Rosa Nivea Pedroso 37
	A construção da cidadania na comunicação política Elias Machado Gonçalves 51
	RELAÇÕES PÚBLICAS
Visão contingencial das relações públicas: paradigma funcionalista Martha Alves D'Azevedo 67	
As relações públicas segundo o paradigma humanista radical Ana Maria Eirôa da Fonseca 80	
Projeto de vida para a Ilha Grande dos Marinheiros: a função social das relações públicas Eugênia da Silva Wendhausen 93	
SEMIÓTICA	
On Peirce's Fallibilism Flávio Vinícius Cauduro 121	
COMUNICAÇÃO	
Estética e comunicação de massa: uma introdução Fernando Fábio Fiorese Furtado 131	
OPINIÃO	
McLuhan vive! Eduardo Sterzi 145	

Figura 39 – Sumário do volume 6

Ao lado desta página, encontra-se o sumário⁴⁰ (figura 39). De modo diferente da edição anterior, a palavra “sumário” é escrita na vertical, com todos os tipos neste sentido, à esquerda da *grid*. Os títulos dos trabalhos, bem como os números das páginas, mantém o uso da fonte com serifa, em corpo maior que o da edição anterior e espaço entre linhas também maior, proporcionando melhor *readability*.

⁴⁰ Com diagrama composto por mancha de 12,9 centímetros de largura, por 19,5 centímetros de altura, a página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,3 centímetros, 1,7 centímetros, 1,4 centímetros e 1,9 centímetros, respectivamente.

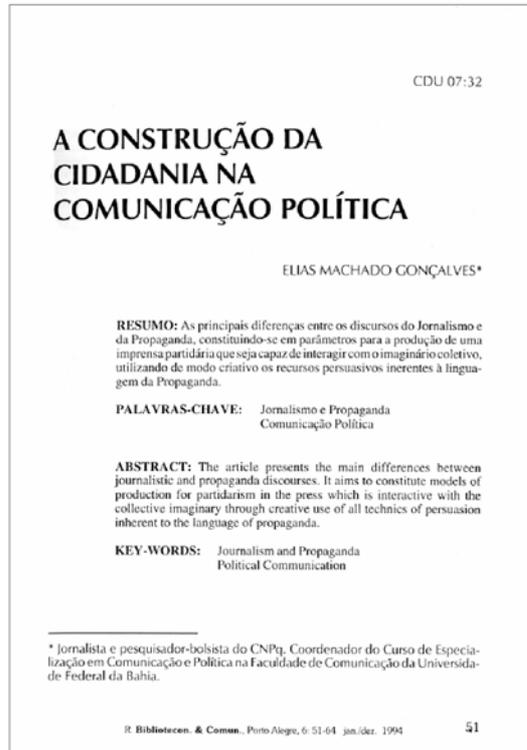


Figura 40 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 6

Nesta edição, bem como nas anteriores, o diagrama das páginas de abertura dos trabalhos é composto de uma coluna⁴¹ (figura 40). No topo da *grid*, alinhado à esquerda da mancha, permanece o título dos artigos. Assim como na edição anterior, utiliza-se tipo sem serifa na escrita desse estilo, com alternância entre caixas alta e baixa, sendo os títulos dos artigos todos em caixa alta e seus subtítulos em caixa baixa. Também neste volume, logo abaixo, mantém-se o nome do autor escrito todo em caixa alta, em fonte sem serifa, alinhado à direita da mancha. O resumo e as palavras-chave dos artigos permanecem logo abaixo do nome do autor, escritos em fonte com serifa, como na edição anterior, porém, desta vez, possuem parágrafos justificados, localizados à direita da mancha.

⁴¹ Apresentando mancha de 12,9 centímetros, por 19,8 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior com: 1,6 centímetros, 1,4 centímetros, 2 centímetros, 1 centímetro, respectivamente.

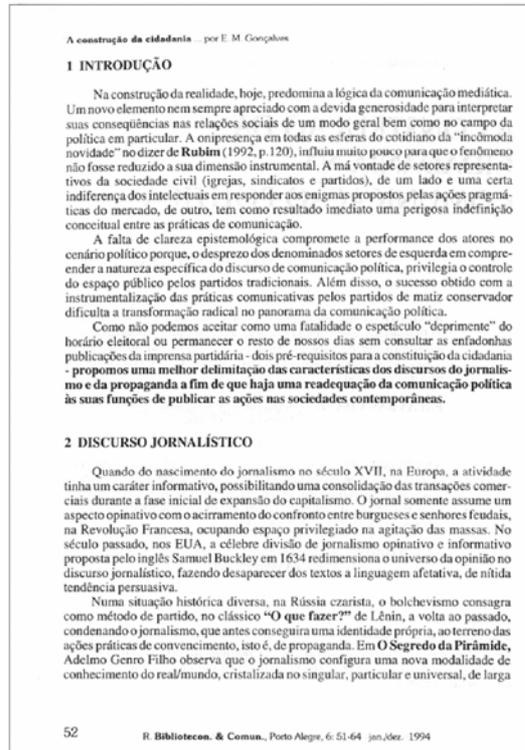


Figura 41 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 6

Como nos outros volumes, a escrita do nome dos capítulos apresenta-se em caixa alta (figura 41). A fonte com serifa escolhida para esse estilo, é semelhante à utilizada no corpo do texto, porém é de família diferente da utilizada no ano de 1990. O tamanho do corpo de texto apresentado para os artigos manteve-se o mesmo da edição passada. Entretanto, o espaço entre linhas foi aumentado, facilitando a passagem de uma linha para a seguinte. As informações de página permaneceram escritas em fonte serifada, porém, com exceção da numeração de página, passam a ocupar o centro da base da mancha.

Da mesma maneira que em volumes anteriores, as páginas de texto que se seguem apresentam diagrama diferente da página de abertura, por ser acrescentada a informação sobre o título do artigo e seu autor no topo da página, fora da mancha descrita para as páginas de

abertura⁴². Este mesmo diagrama e escolha tipográfica são utilizados aqui para as páginas finais de cada trabalho, onde estão inseridas suas referências.

Há a utilização de imagens na forma de esquemas e fotografias nesta edição. A escolha tipográfica para os esquemas apresenta o uso de fonte com serifa de corpo ideal para a leitura. Mais uma vez, as fotografias possuem boa resolução para o tipo de impressão utilizado, resultando na nitidez das imagens.

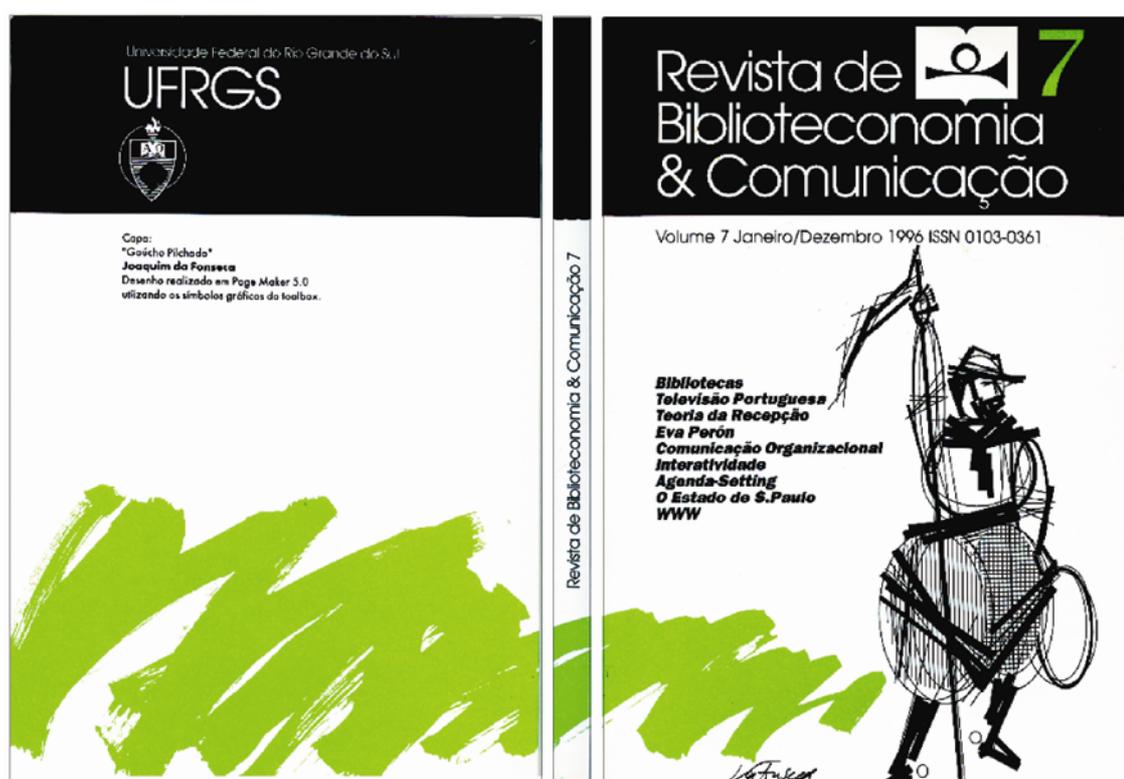


Figura 42 – Contracapa, lombada e capa do volume 7

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 7, 1996.		
Volume 7	Miolo	Capa
Tiragem	1.000 exemplares	Idem miolo

⁴² Deste modo, a *grid* destas páginas é composta por mancha de 12,9 centímetros de largura, por 20,5 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,5 centímetros, 1,5 centímetros, 1,3 centímetros e 1 centímetro, respectivamente.

Formato (largura X altura)	16 cm X 23,2 cm	16 cm X 23,2 cm (fechada) 33,2 cm X 23,2 cm (aberta)
Número de páginas	224 páginas	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 180g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X1
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos costurados e colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 7 – Especificações do projeto do volume 7

Dois anos depois da publicação do volume seis, a sétima edição da revista é lançada. Em 1996, o projeto gráfico da publicação conta novamente com ilustração para a capa de Joaquim da Fonseca e planejamento visual do miolo do estudante Eduardo Sterzi (figura 42). Percebe-se que o projeto gráfico desta edição de modo geral, quando comparado ao anterior apresenta praticamente a mesma apresentação visual. Mesmo com diversas semelhanças, são considerados projetos gráficos diferentes, por terem sido feitas mudanças no diagrama e na escolha tipográfica da revista.

O formato da revista foi novamente alterado. Apesar disso, o uso de mancha sangrada na capa se repete, não sendo possível determinar seu diagrama. Na parte superior da mancha, permanecem as informações sobre o volume, o ano e o ISSN da revista, em fonte diferente da usada no volume de 1994. Aqui, o nome da revista volta a ser “Revista de Biblioteconomia e Comunicação”. Com isso, o logotipo também sofre nova alteração. A volta do antigo nome apresenta-se escrito em fonte sem serifa, com diferenciação entre uso de caixas alta e baixa. Deste modo, o logotipo passa a ser composto desse arranjo tipográfico, aliado ao uso do símbolo da corneta sobre o livro. No restante do espaço da mancha, percebe-se também uma grande área de fundo branco e sobre ela uma nova ilustração de Fonseca.

Como no volume anterior, apenas o nome e o volume são escritos na lombada da revista. A fonte utilizada é semelhante à do ano anterior, porém, aparece em corpo maior, facilitando a leitura. A contracapa desta edição apresenta na parte superior de sua mancha o brasão da UFRGS, localizado de modo semelhante na edição de 1994, enquanto na parte inferior, vê-se a continuação da ilustração de capa.

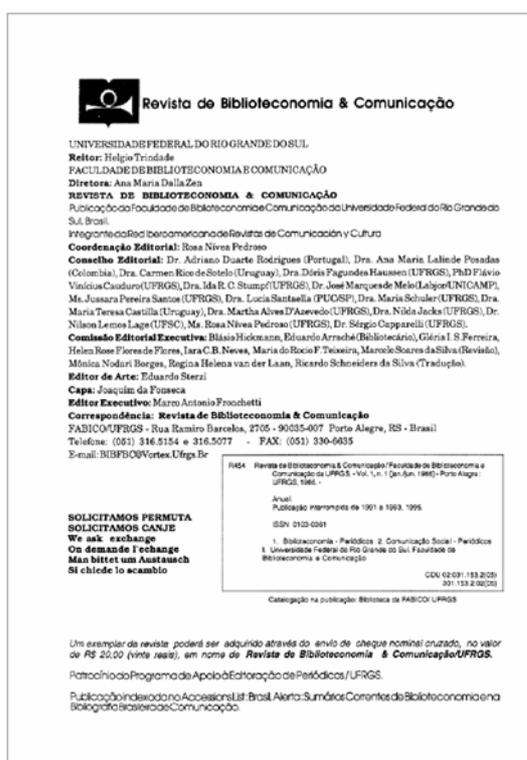


Figura 43 – Ficha catalográfica e expediente do volume 7

Bem como no projeto anterior, a ficha catalográfica de esta edição aparece acompanhada dos dados do expediente na página de número dois⁴³ (figura 43). No topo da página, encontra-se um novo arranjo do nome da revista com o símbolo da corneta sobre o livro, diferente do utilizado na capa, o que aumenta a dificuldade de definição de uma identidade visual para o periódico. Abaixo, os dados da UFRGS, da FÁBICO e da revista aparecem novamente escritos

⁴³ Com 13,1 centímetros de largura por 18,9 centímetros de altura, a mancha compõe o diagrama desta página, tendo margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,6 centímetros, 1,3 centímetros, 2,2 centímetros e 2,1 centímetros, respectivamente.

em fonte serifada, com uso de caixas alta e baixa. O espaço entre linhas utilizado, desta vez, é considerado apertado. A ficha catalográfica aparece na parte inferior da página, escrita novamente em fonte sem serifa, porém pertencente à família diferente do tipo usado no volume anterior, de corpo bastante pequeno e espaçamento entre linhas apertado.

	ISSN 0103-0361
S	Apresentação..... 5
	BIBLIOTECONOMIA
	Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar
	Itália Maria Falceta da Silveira 9
U	Criatividade em bibliotecas e serviços de informação
	Eloisa Maria Peiruke Hexsel 31
	Bibliografia básica das disciplinas dos currículos das
	escolas agrotécnicas
	Mitsi Westphal Taylore
	Maria Margarete Sell da Mata..... 38
M	COMUNICAÇÃO
	Teoria da convergência e análise da programação
	televisiva portuguesa
	Nelson Traquina 53
	Escenarios y desafíos de la educación para la
	recepción a fin de milenio
	Guillermo Orozco Gomez 81
Á	Comunicação de classe e de gênero: o caso Eva Perón
	Sérgio Capparelli 94
	A administração da comunicação empresarial
	Maria Schuler..... 108
	Comunicação interna em organizações em mudança
	Ana Maria Eiroa da Fonseca..... 126
R	Interatividade na comunicação: a história do futuro
	Cintia Matte Ruschel..... 142
	Produtos digitais multimídia para base de dados WWW da
	FABICO/UFRGS
	Lenara I. Verle e
	Flávio Vinicius Cauduro..... 163
I	Anotícia internacional no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>
	Martha Alves D'Azevedo..... 177
	A cobertura jornalística do plebiscito de 1993
	segundo as teorias de agenda-setting
	André Soares Grassi e
	Luciana Mielniczuk..... 194
O	Metodologia do ensino da redação jornalística
	Rosa Nívea Pedrosa..... 208

Figura 44 – Sumário do volume 7

Ao lado desta página, assim como na edição de 1994, encontra-se o sumário⁴⁴ (figura 44). Aqui, a palavra “sumário” é novamente escrita na vertical, com todos os tipos neste sentido, à esquerda da *grid*, com fonte serifada diferente da apresentada dois anos antes. Os títulos dos trabalhos, bem como os números das páginas, mantêm o uso da fonte com serifa, de outra família, em corpo e espaço entre linhas semelhante ao da edição anterior.

⁴⁴ Tendo diagrama composto por mancha de 12,8 centímetros de largura, por 19,2 centímetros de altura, essa página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,3 centímetros, 1,9 centímetros, 2 centímetros e 2 centímetros, respectivamente.

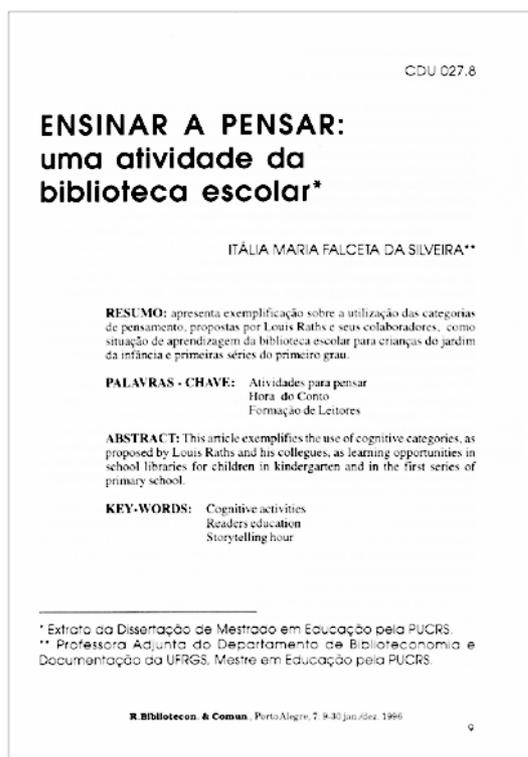


Figura 45 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 7

O diagrama das páginas de abertura dos trabalhos (figura 45) mantém-se composto de uma coluna⁴⁵. O título dos artigos permanece no topo do diagrama, alinhado à esquerda da mancha. Assim como nas edições anteriores, utiliza-se tipo sem serifa na escrita desse estilo, com alternância entre caixas alta e baixa, sendo os títulos dos artigos todos em caixa alta e seus subtítulos em caixa baixa. Novamente, logo abaixo do título, mantém-se o nome do autor todo escrito em caixa alta, em fonte sem serifa, alinhado à direita da mancha. O resumo e as palavras-chave dos artigos permanecem logo abaixo do nome do autor escritos em fonte com serifa, como na edição anterior, mantendo parágrafos justificados, localizados à direita da mancha.

Como em todos os outros volumes, a escrita do nome dos capítulos apresenta-se em caixa alta. A fonte com serifa escolhida para esse estilo, é semelhante à utilizada no corpo do texto, sendo da mesma família da utilizada no ano de 1994. O tamanho do corpo de texto

⁴⁵ Com mancha de 13 centímetros, por 20 centímetros de altura, o diagrama possui margens esquerda, direita, superior e inferior aparecem com: 1,5 centímetros, 1,5 centímetros, 1,9 centímetros, 1,3 centímetros, respectivamente.

apresentado para os artigos manteve-se o mesmo da edição passada. Entretanto, o espaço entre linhas foi mais uma vez aumentado, facilitando ainda mais a passagem do olhar de uma linha para a seguinte. As informações de página permaneceram escritas em fonte serifada, com exceção da numeração em fonte sem serifa, com localização semelhante à do volume anterior.

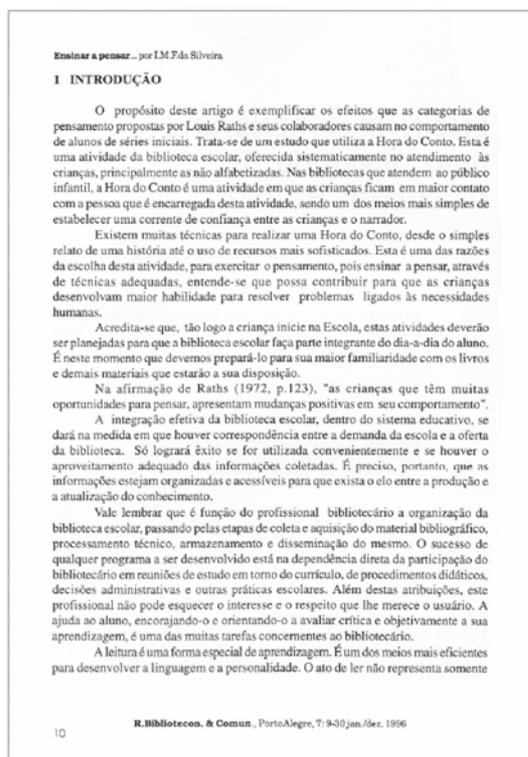


Figura 46 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 7

As páginas de texto que se seguem apresentam diagrama diferente da página de abertura, por ter sido acrescentada a informação sobre o título do artigo e seu autor no topo da página (figura 46), fora da mancha descrita para as páginas de abertura⁴⁶. Nesta edição, os mesmos diagrama e escolha tipográfica são utilizados para as páginas finais de cada trabalho, onde estão inseridas suas referências.

⁴⁶ Assim, a *grid* destas páginas é composta por mancha de 13 centímetros de largura, por 20,6 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,5 centímetros, 1,5 centímetros, 1,5 centímetros e 1,1 centímetros, respectivamente.

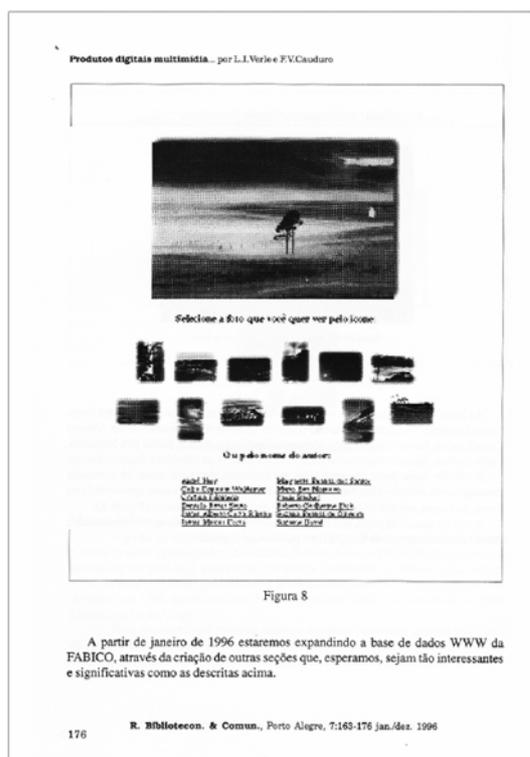


Figura 47 – Exemplo de página com imagem no volume 7

Apresenta-se a utilização de imagens na forma de gráficos, tabelas, esquemas, quadros e fotografias nesta edição. Também neste volume, a escolha tipográfica para os esquemas apresenta o uso de fonte com serifa de corpo ideal para a leitura. Entretanto, percebem-se problemas na apresentação de fotografias de sites. Neste caso, as imagens aparecem em baixa resolução para o tipo de impressão utilizado, o que torna difícil a identificação dos signos visuais (figura 47).

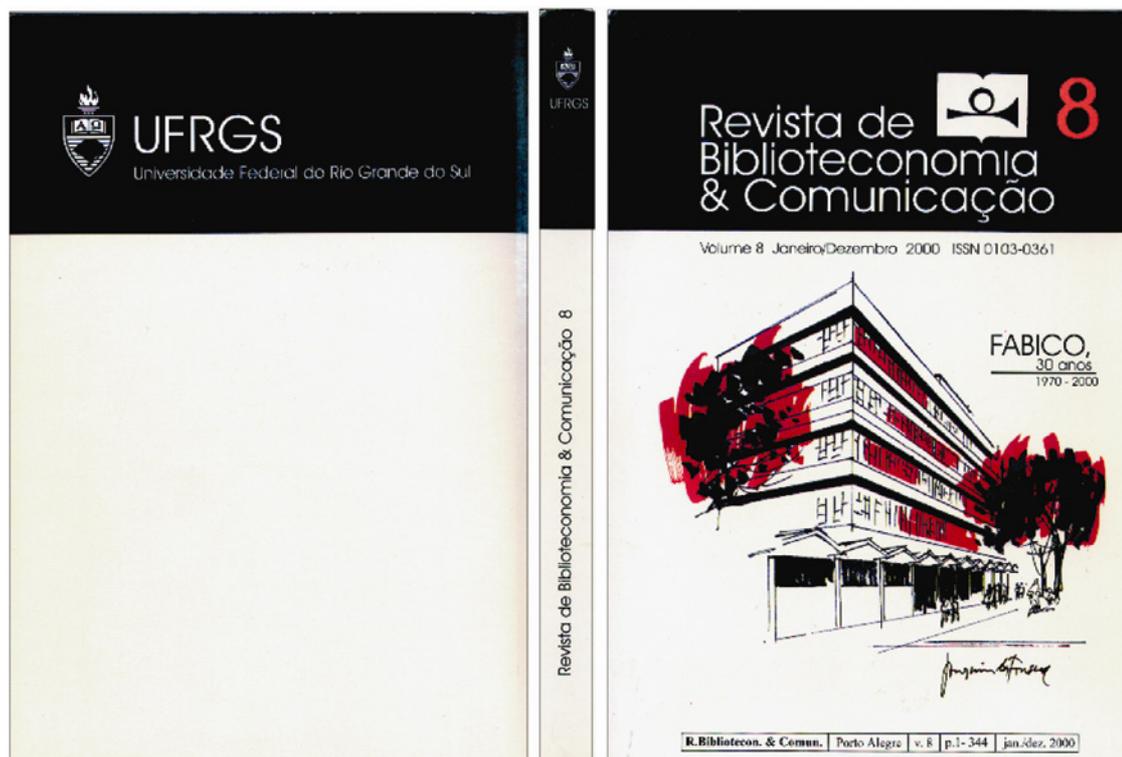


Figura 48 – Contracapa, lombada e capa do volume 8

Revista de Biblioteconomia & Comunicação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 8, 2000.		
Volume 8	Miolo	Capa
Tiragem	500 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	14,8 cm X 21 cm	14,8 cm X 21 cm (fechada) 43,7 cm X 21 cm (aberta)
Número de páginas	344 páginas	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 240g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X0
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 8 – Especificações do projeto do volume 8

Depois do lançamento do volume sete, o volume oito só veio a ser publicado quatro anos mais tarde, em 2000, com a professora Jussara Pereira Santos como editora. Nesse ano, segundo informações que constam no expediente da revista, a ilustração da capa e folha de rosto é de autoria de Joaquim da Fonseca, a arte final da capa ficou por conta de Mário Bitt-Monteiro e a editoração eletrônica foi de Simone Portella Fernandes, da Gráfica da UFRGS. Apesar do formato da revista ter sido mais uma vez alterado, percebe-se que a capa permaneceu com quase os mesmos elementos apresentados na edição anterior (figura 48).

Contando com uma nova ilustração de Fonseca, desta vez, uma imagem do prédio da FABICO no ano de seu trigésimo aniversário, a capa manteve a mancha sangrada. O logotipo da revista manteve a fonte utilizada em 1996. Porém, o recuo entre o topo da página e seu local de impressão foi alargado. Abaixo, encontra-se o volume, ano e ISSN, também com mesma escolha tipográfica utilizada quatro anos antes. Na base da página, passam a constar informações com a abreviação do nome do periódico, cidade onde foi publicado, volume, numeração de páginas da qual é composto, e período ao qual corresponde sua produção. Em relação ao volume anterior, mantém-se no topo da contracapa o uso do brasão da Universidade, que é incluído também na lombada, onde o nome e o volume da edição permanecem escritos na fonte usada em 1996, porém em corpo maior.



Figura 49 – Ficha catalográfica e expediente do volume 8

Com sistema de numeração diferenciado dos volumes anteriores (a capa foi contada na numeração de páginas), a ficha catalográfica desta edição encontra-se na página de número quatro⁴⁷ (figura 49). No topo da página, em comparação com o volume anterior, deixa de ser utilizado o logotipo, e passam a ser inseridos os dados sobre a Universidade, a Faculdade e a revista, escritos em fonte com serifa, em corpo de tamanho razoável para a leitura. Além disso, o espaçamento entre linhas colabora no encadeamento entre uma linha e a seguinte. A ficha catalográfica aparece na parte inferior da página, desta vez escrita em fonte com serifa de corpo com tamanho também razoável.

⁴⁷ Com diagrama composto por mancha de 10,8 centímetros de largura por 16,9 centímetros de altura, possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,1 centímetros, 1,9 centímetros, 2,3 centímetros e 1,8 centímetros, respectivamente.

SUMÁRIO	
	P.
CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO	
Bases de Conhecimento como Instrumentos de Gestão do Conhecimento <i>Maria do Rocio Fontoura Trócola</i>	11
Intranets em Unidades de Informação: impacto ou desafio? <i>Helena Beatriz Faria Rosador</i>	25
O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede <i>Sônia Elisa Corrêa</i>	47
A Prática Pedagógica do Professor de Biblioteconomia: transposição didática <i>Glória Isabel Santami Pereira</i>	57
Avaliação da Aprendizagem: um conflito de paradigmas <i>Rogana Helena van der Laan</i>	75
Pesquisa Escolar nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental em Porto Alegre, RS: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar <i>Iara Gontijo Altmeppen Alves</i>	91
Educação a Distância, Novas Ferramentas e a Biblioteconomia <i>Elaine L. da Silva Moos e Lizandra Rosal Estabel</i>	117
Mercado de Trabalho do Bibliotecário em Porto Alegre <i>Isis Rosito Pinto Kruef et al.</i>	125
Variedades Possíveis de Evasão no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Identificadas pelos Alunos Matriculados em 1995 <i>Isis Rosito Pinto Kruef et al.</i>	139
Laços de Família, entre outros Laços: cavalos e éguas, festas e jantares, comunicação e informação <i>Valdir José Moura</i>	143
Respa Nova para Chapuzinho Vermelho <i>Marta E. K. Kling Bonotto</i>	155
COMUNICAÇÃO	
Um Conceito para jornalistas: conhecimento singular ou senso comum? <i>Vigário Pinheiro da Silveira Fonseca</i>	171
Subjetividade e Novas Tecnologias de Comunicação: elementos para a crítica do pensamento contemporâneo <i>Francisco Rüdiger</i>	183
	7

Figura 50 – Sumário do volume 8

Neste volume, diferentemente da edição anterior, há duas páginas que separam a ficha catalográfica do sumário⁴⁸. Desta vez, a palavra “sumário” volta a ser escrita na horizontal (figura 50), estando localizada no topo centralizada à mancha. Além da mudança na orientação da leitura, percebe-se que houve mudança de escolha tipográfica por tipo sem serifa, e uso dos caracteres apenas em caixa alta. Os títulos dos trabalhos, bem como os números das páginas, mantêm o uso da fonte com serifa, de outra família, em corpo e espaço entre linhas bem menores que os utilizados na edição anterior.

⁴⁸ Tendo mancha de 10,8 centímetros de largura, por 18 centímetros de altura, o diagrama dessa página possui margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,8 centímetros, 2,2 centímetros, 2 centímetros e 1 centímetro, respectivamente.

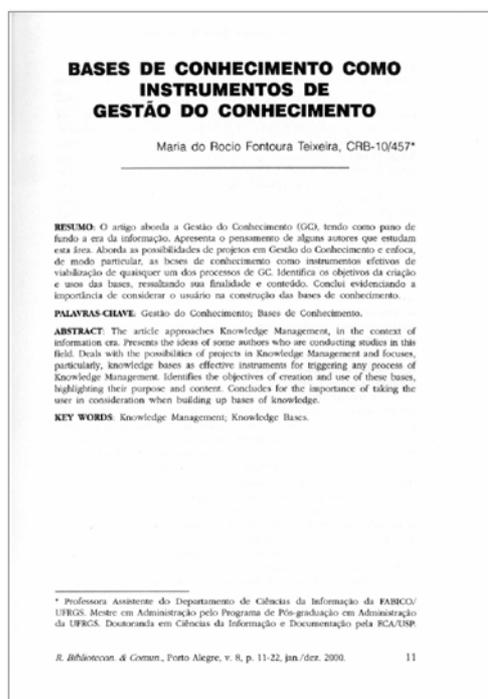


Figura 51 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 8

A *grid* das páginas de abertura dos trabalhos (figura 51) mantém-se composta de uma coluna. Aqui, mancha e margens mantêm-se as mesmas da página onde se localiza o sumário desta edição. O título dos artigos permanece no topo do diagrama, em relação ao volume passado, porém, desta vez, está centralizado na mancha. O tipo utilizado é sem serifa, apenas em caixa alta. Abaixo do título, percebe-se modificação na escrita do nome do autor que passa a ser em fonte sem serifa com variação na utilização de caixas alta e baixa. Resumo e palavras-chave passam a ser escritos em tipo serifado, de corpo bastante pequeno e pouco espaço entre linhas, o que dificulta a leitura.

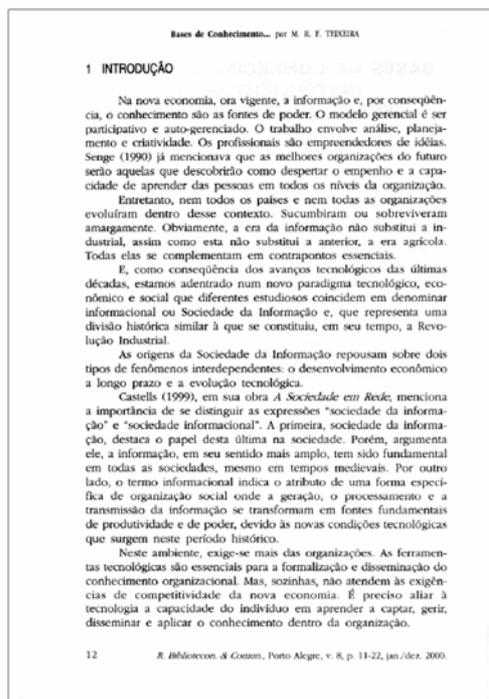


Figura 52 – Exemplo de página com entrada de capítulo no volume 8

Diferentemente das outras edições, os capítulos não iniciam na página de abertura, mas, na página subsequente (figura 52). Como nas outras edições, a escrita do nome dos capítulos apresenta-se em caixa alta. A fonte utilizada nesse estilo é sem serifa. Já o estilo utilizado no corpo de texto, possui fonte serifada, de corpo menor que a escolhida em 1996, tendo sido mantido o mesmo espaçamento entre linhas. As informações de página permaneceram escritas em fonte serifada, com localização semelhante à dos volumes anteriores.

Na edição de 2000, bem como ocorrido em edições anteriores, as páginas de texto que se seguem apresentam diagrama diferente da página de abertura, por ser acrescentada a informação sobre o título do artigo e seu autor no topo da página, fora da mancha descrita para as páginas de abertura⁴⁹. Nesta edição, os mesmos diagrama e escolha tipográfica são utilizados para as páginas finais de cada trabalho, onde estão inseridas suas referências.

⁴⁹ Deste modo, o diagrama destas páginas é composto por mancha de 10,8 centímetros de largura, por 18,9 centímetros de altura, e margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,1 centímetros, 1,9 centímetros, 1,2 centímetros e 0,9 centímetros, respectivamente.

Ocorre a utilização de imagens na forma de gráficos, tabelas, quadros e fotografias. A escolha tipográfica para as tabelas e gráficos apresenta fonte sem serifa de corpo pequeno. Percebem-se problemas na reprodução de algumas imagens no miolo, atribuídos ao tipo de impressão digital utilizada.

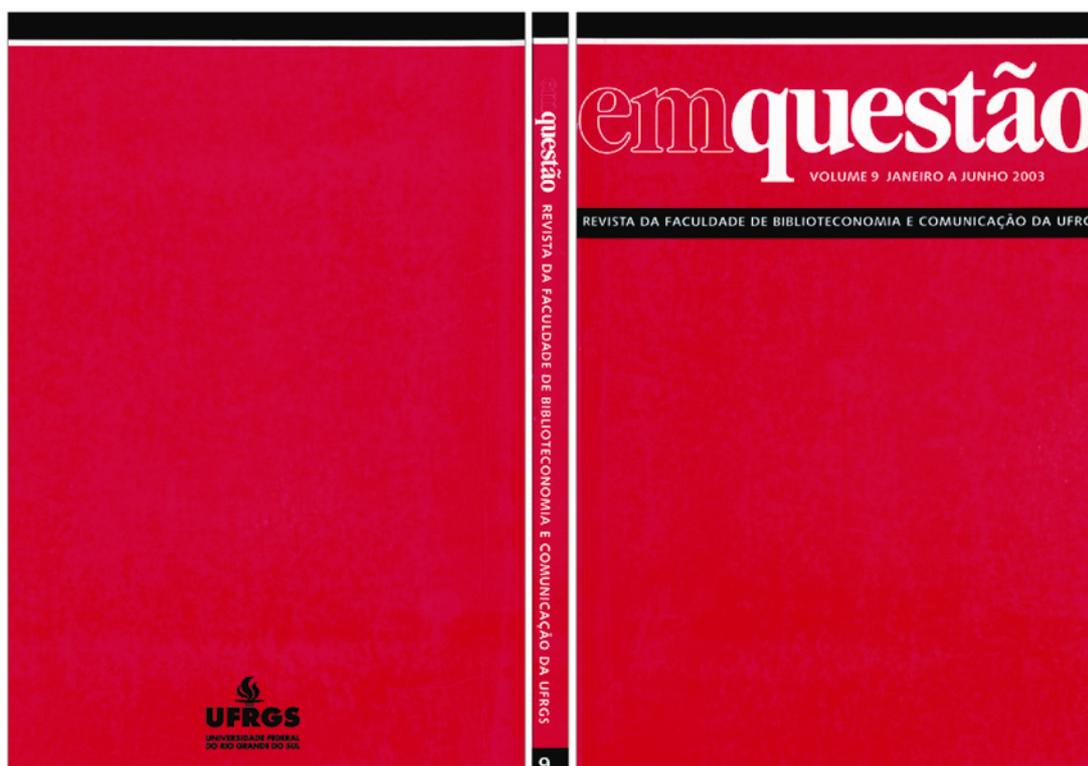


Figura 53 – Contracapa, lombada e capa do volume 9 número 1

Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 9, n. 1, jan./jun. 2003.		
Volume 9 - Número 1	Miolo	Capa
Tiragem	500 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	14,4 cm X 20,9 cm	14,4 cm X 20,9 cm (fechada) 30 cm X 20,9 cm (aberta)
Número de páginas	246	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 240g (branco)

Número de cores de impressão	1X1	2X0
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 9 – Especificações do projeto do volume 9 número 1

Em 2003, é publicado o volume nove, número um, correspondente à edição de janeiro a junho desse ano. Com projeto gráfico da professora Ana Cláudia Gruszynski, e características bastante diferente dos anos anteriores, este é o volume de lançamento do novo nome da revista – Em Questão.

Na capa, a mancha aparece sangrada, com fundo na cor vermelha e listas nas cores preta e branca, que cortam a página de um lado ao outro. O novo logotipo da revista com uso de fonte serifada, todo em caixa baixa, aparece no topo dessa mancha, seguido pelo volume e período no qual a publicação foi editada (figura 53). Apesar do uso do novo nome, as palavras “Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação” permanecem na capa, porém, em menor destaque, toda em caixa alta, em tipo sem serifa. Não há uso de imagem na capa. Na lombada, encontra-se a repetição do logotipo da revista, o volume, bem como seu nome antigo, com a mesma escolha tipográfica descrita anteriormente. Na base da contracapa, o brasão da UFRGS deixa de ser utilizado, dando lugar ao novo logotipo da Universidade.

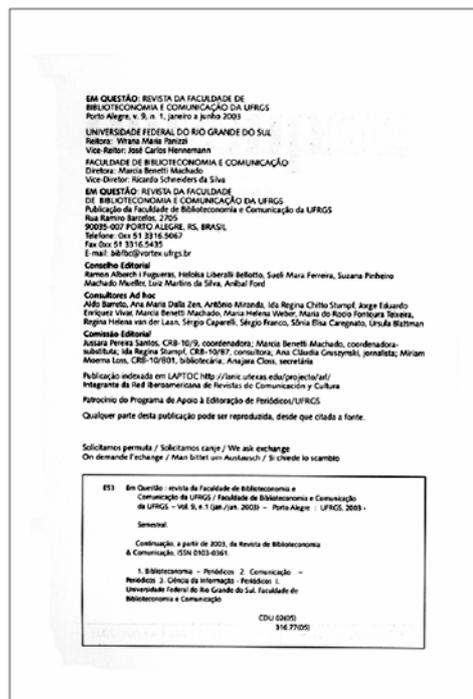
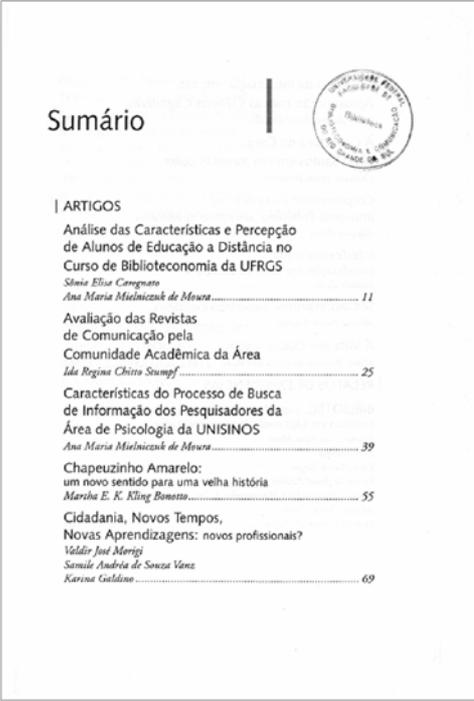


Figura 54 – Ficha catalográfica e expediente do volume 9 número 1

Nesta edição, a ficha catalográfica volta para a página de número dois⁵⁰ (figura 54). No topo da página, mantêm-se os dados sobre a Universidade, a Faculdade e a revista, escritos em fonte sem serifa, em corpo de tamanho bastante pequeno. Além disso, o espaçamento entre linhas dificulta o encadeamento entre uma linha e a seguinte, por ser bem estreito. A ficha catalográfica aparece na parte inferior da página, em fonte também sem serifa de corpo menor ainda.

⁵⁰ O diagrama da página apresenta mancha de 10,3 centímetros de largura por 16,5 centímetros de altura, tendo margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,7 centímetros, 1,4 centímetros, 2,5 centímetros e 1,9 centímetros, respectivamente.



Sumário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
BIBLIOTECA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

| ARTIGOS

Análise das Características e Percepção de Alunos de Educação a Distância no Curso de Biblioteconomia da UFRGS
Sônia Elise Corrêa
Ana Maria Melniczuk de Moura..... 11

Avaliação das Revistas de Comunicação pela Comunidade Acadêmica da Área
Ida Regina Chitra Stumpf..... 25

Características do Processo de Busca de Informação dos Pesquisadores da Área de Psicologia da UNISINOS
Ana Maria Melniczuk de Moura..... 39

Chapeuzinho Amarelo: um novo sentido para uma velha história
Marcia E. K. Kling Bonetto..... 55

Cidadania, Novos Tempos, Novas Aprendizagens: novos profissionais?
Valdir José Merigi
Samile Andréa de Souza Viana
Karlene Galdino..... 69

Figura 55 – Sumário do volume 9 número 1

Nesta edição, como na anterior, há duas páginas que separam a ficha catalográfica do sumário⁵¹ (figura 55). Na primeira página dessa seção, a palavra “sumário” aparece escrita no topo da página e à esquerda da mancha, em tipo sem serifa, com uso de caixas alta e baixa. Os títulos dos trabalhos aparecem em tipo também sem serifa, de corpo com tamanho que facilita a leitura. Logo abaixo dos títulos, encontram-se os nomes dos autores, em fonte italizada e com serifa, bem como o número para localização dos artigos, em corpo de tamanho que dificulta a leitura.

⁵¹ Com mancha de 9,3 centímetros de largura, por 15,1 centímetros de altura, o diagrama dessas páginas possuem margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2 centímetros, 3,1 centímetros, 2,4 centímetros e 3,4 centímetro, respectivamente.

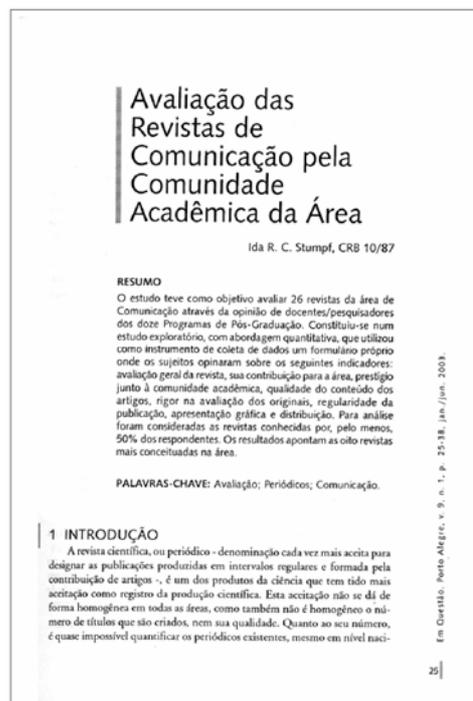


Figura 56 – Exemplo de página de abertura dos trabalhos no volume 9 número 1

O diagrama das páginas de abertura dos trabalhos, mais uma vez, mantém-se composto de uma coluna⁵² (figura 56). No topo da *grid*, encontram-se os títulos dos trabalhos, em fonte sem serifa, com diferenciação entre caixas alta e baixa. Logo abaixo, vêm-se os nomes dos autores, também em fonte sem serifa com alternância em caixas alta e baixa. Os resumo e as palavras-chave permanecem abaixo dos nomes dos autores, com a mesma escolha tipográfica do estilo descrito acima, porém, em corpo de tamanho menor. As informações de página, pela primeira vez, apresentam-se escritas na vertical, de baixo para cima, estando localizadas sempre nas margens externas das páginas, em fonte sem serifa, da mesma família do tipo usado para os resumos.

O diagrama das páginas que se seguem mantém mancha e margens das páginas de abertura. Como nas outras edições, a escrita dos nomes dos capítulos apresenta-se em caixa alta,

⁵² Tendo mancha de 11,9 centímetros de largura, por 17,7 centímetros de altura, essas páginas possuem margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,4 centímetros, 1,1 centímetros, 2,3 centímetros e 0,9 centímetros, respectivamente.

alinhados à esquerda do diagrama. A fonte utilizada nesse estilo é sem serifa. Seguindo esta escolha tipográfica, apenas a palavra “referências”, nas referências dos trabalhos, fica centralizada na mancha. Já o estilo utilizado no corpo de texto, tem fonte serifada, de corpo menor que a escolhida em 2000, o que torna a leitura mais difícil. Aliado ao espaçamento entre linhas reduzido, a troca do olhar de uma linha para a seguinte se apresenta também dificultada.

No intuito de demonstrar a articulação da distribuição por ano das Leis de criação dos arquivos públicos municipais no Estado da Bahia, opozemos em apresentar a Quadro 2, a seguir.

Nos anos 80 registra-se o início do processo de institucionalização dos arquivos públicos municipais na Bahia. Já na década de 90, a institucionalização foi marcada pela crescente inserção dos arquivos municipais. De fato, Quadro 2 revela a base legal de criação (Lei) de vinte e nove arquivos municipais.

Quadro 2 – Distribuição por Ano das Leis de Criação dos Arquivos Públicos Municipais no Estado da Bahia

Ano	Base Legal de Criação (Lei)	Município
1967	1027/67	Itabuna
1969	892/69	Ita de Gramma
1982	448/82	Cachoeira
1983	550/83	Boquira
	242/83	Jacinto
	591/83	Maracá
	498/83	Itapicuru
	527/83	Itapicuru
1984	1142/83	Santa Helena
	475/83	Santa Helena de Ituaçu
1984	121/84	Itabuna
	522/84	São Félix
1985	312/85	Castro
	2542/85	Itapicuru
	1089/85	Itapicuru
1986	483/86	Agreste
1986	273/86	Mucambo
	367/86	Juazeiro
1986	390/86	Santa Inês
1987	382/87	Itapicuru
	672/87	Itapicuru
	323/87	Mundo Novo
1988	181/88	Pimenta
	551/88	Casa Verde
1988	429/88	Casa Verde
	180/88	Castro
	348/88	Comendador Nogueira
	349/88	Muro do Chapão

Em questão, Paulo Sérgio, v. 9, n. 1, p. 103-176, jan./jun. 2005.

105

Figura 57 – Exemplo de página apresentação de tabela no volume 9 número 1

Encontra-se a utilização de imagens na forma de tabelas e quadros nesta edição. A escolha tipográfica para essas ilustrações apresenta o uso de fonte sem serifa de corpo bastante reduzido, o que resulta em legibilidade e *readability* bastante prejudicadas (figura 57).

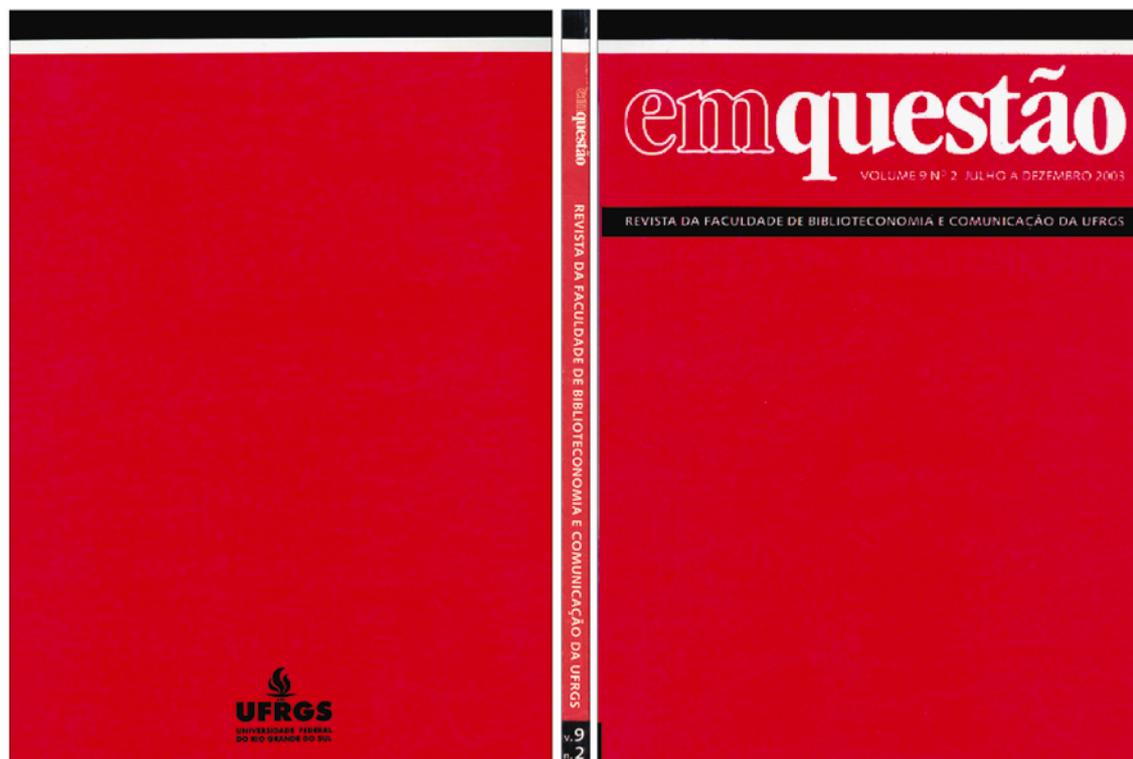


Figura 58 – Contracapa, lombada e capa do volume 9 número 2

Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, vol. 9, n. 2, jul./dez. 2003.		
Volume 9 - Número 2	Miolo	Capa
Tiragem	300 exemplares	Idem miolo
Formato (largura X altura)	14,8 cm X 20,9 cm	14,8 cm X 20,9 cm (fechada) 30,3 cm X 20,9 cm (aberta)
Número de páginas	121	–
Tipo de papel	Offset 90g (branco)	Offset 240g (branco)
Número de cores de impressão	1X1	2X0
Acabamentos especiais e encadernação	Cadernos colados, lombada quadrada	Laminação fosca na parte externa

Tabela 10 – Especificações do projeto do volume 9 número 2

Ainda em relação ao ano de 2003, é publicado o volume nove, número dois, correspondente à edição de julho a dezembro desse ano. Mantendo o projeto da professora Ana Cláudia Gruszynski, apesar de se tratar do mesmo volume, este exemplar de número dois traz algumas diferenças em seu formato, o que resulta em uma medida alterada da mancha de todas as páginas do periódico.

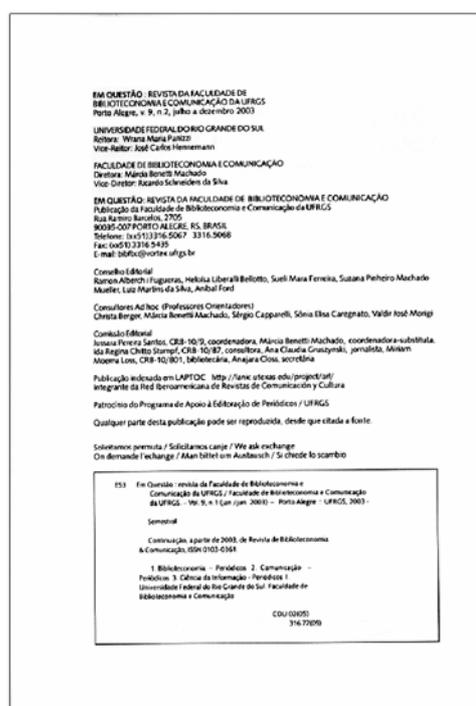


Figura 59 – Ficha catalográfica e expediente do volume 9 número 2

Capa e lombada (figura 58) recebem a informação sobre o número da edição, enquanto a contracapa permanece a mesma da edição anterior. A página que contém a ficha catalográfica e as informações sobre Universidade, Faculdade e a revista (figura 59) sofre alteração no seu diagrama, em relação ao número anterior⁵³. Os alinhamentos dos textos na página, bem como a escolha tipográfica feita para o número um, não sofrem alteração.

⁵³ Aqui, a *grid* da página apresenta mancha de 10,4 centímetros de largura por 16,6 centímetros de altura, tendo margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,8 centímetros, 1,6 centímetros, 2,4 centímetros e 2 centímetros, respectivamente.

Houve também alteração no diagrama da página do sumário desta edição. Tendo a *grid* da página com mancha de 9,3 centímetros de largura por 16,6 centímetros de altura, tendo margens esquerda, direita, superior e inferior de: 2,1 centímetros, 3,4 centímetros, 2,3 centímetros e 2,1 centímetros, respectivamente.

Mais uma mudança evidencia-se na página de abertura dos trabalhos. A *grid*, tendo sido modificada em relação ao número anterior, passa a ter 11,9 centímetros de largura, por 17,8 centímetros de altura, com margens esquerda, direita, superior e inferior de: 1,5 centímetros, 1,4 centímetros, 2,2 centímetros e 1 centímetro, respectivamente. Encontramos também uma sutil diferença entre a escolha tipográfica dos nomes de capítulos dos trabalhos. Nesta edição, utiliza-se a mesma fonte do número anterior, porém este estilo passa a ser escrito em negrito.

Nas páginas que se seguem, percebe-se o mesmo diagrama descrito acima, com os mesmos estilos encontrados no número anterior.

Apresentação: esta é a fase conclusiva, que fecha o processo. Nesta parte do JSP são comuns sentimentos como: alívio, satisfação ou descontentamento. As ações realizadas vão envolver o resumo da pesquisa onde são verificados o aumento da redundância e a diminuição da relevância nas informações encontradas. Nesta fase é produzido o resultado de todo o processo de busca, o produto final, que poderá ser um texto, uma apresentação oral, um artigo ou uma monografia.

QUADRO 1 – Processo de Busca da Informação - JSP

Estágio no JSP	Sentimentos comuns a cada estágio	Pensamentos comuns a cada estágio	Ações comuns a cada estágio	Tarefa específica de acordo com o modelo de Kuhlthau
1. Início	Incerteza	Curiosidade	Buscando informações gerais	Reconhecer
2. Seleção	Optimismo	---	---	Identificar
3. Exploração	Confusão/ Frustração/ Dúvida	---	Buscando informações relevantes	Investigar
4. Formulação	Clareza	Esperanças/ Ilusão	---	Formular
5. Coleta	Senso de direção/ confiança	Anúncios de interesse	Buscando informações factuais/ relevantes	Coletar
6. Apresentação	Alívio/ satisfação/ realização	Fecundo/ realização	---	Completar

Fonte: KULTHAU, 1991, p. 307.

O Quadro acima mostra um panorama do JSP, apresentando os estágios que o compõem e os elementos que são ligados a estes, que são os sentimentos, os pensamentos, as ações e por fim, a tarefa identificada por Kuhlthau (1991) como adequada a cada etapa.

O modelo de Kuhlthau já foi analisado em outros estudos que verificaram a possibilidade da sua aplicação em vários ambientes, independente da estrutura física, como por exemplo, em ambientes de ensino virtual aplicado a educação a distância (BYRON; YOUNG, 2000) e ambientes de trabalho de profissionais liberais, como advogados (KULHATHAU; TAMURA, 2001) e profissionais da informação (KULHATHAU, 1999). Não se observa, no entanto, alguma aplicação que tenha ocorrido no contexto da atividade científica de pesquisadores *seniores*.

Em Questão, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003.

276

Figura 60 – Exemplo de ilustração usada no volume 9 número 2

Em relação ao uso de ilustrações, encontram-se aqui quadros e esquemas. A escolha tipográfica, para essas imagens, apresenta o uso de fonte com serifa – diferentemente da edição anterior – de corpo bastante reduzido, o que resulta novamente em legibilidade e *readability* bastante prejudicadas (figura 60).

3.3 A coleção de revistas

Uma vez analisados os elementos principais dos projetos gráficos de todas as edições da revista da FABICO, tem-se uma visão do quanto os mesmos se modificaram através dos anos. Percebem-se, então, dois problemas principais: (1) falta de unidade na apresentação gráfica do periódico, prejudicando a constituição de um visual de coleção e (2) falhas na escolha tipográfica da publicação, ocasionando principalmente a dificuldade de leitura dos textos.

A falta de unidade do projeto gráfico da revista, fruto da ausência de definição de um projeto base para todos os volumes, desfavorece a imagem do periódico perante seus leitores. Uma vez que o primeiro contato de uma publicação com seus leitores é visual, a apresentação gráfica da revista deveria transmitir um sentido de coleção às edições. A negação dessa premissa revela-se quando posicionadas lado a lado as edições da revista da FABICO, pois, já nas lombadas, percebe-se que não há duas de formato semelhante.

Ao receber os exemplares de uma revista, o leitor não supõe todo o percurso de edição de cada volume. Buscar o entendimento das causas de apresentarem-se tão diferentes umas das outras e atribuir isso à falta de recursos humanos para diagramação, ou a qualquer outro motivo, é importante para os organizadores da revista a fim de identificar onde estão os problemas no processo. Porém, como o leitor não está inserido nele, não encontrará justificativa para uma

coleção sem unidade visual. A tradição de uma publicação, bem como seu reconhecimento, podem não ser definidos estritamente por sua apresentação gráfica, mas são construídos com ela.

Por outro lado, a mudança do projeto gráfico da revista durante os anos não foi necessariamente para melhorar uma edição em relação à anterior. Como visto nas análises, não houve um padrão nas mudanças ocorridas no projeto gráfico da revista. Parece que a busca por legibilidade e *readability*, nem sempre foi o que orientou seu planejamento. Mais do que isso, percebe-se a falta do intuito de constituir uma organização de modo a ajudar o usuário do canal de informação proporcionado pela impressão em papel. Nesse sentido, segundo Meadows (1999), o projeto gráfico de periódicos científicos reconhece que a apreensão das informações depende de uma solução de compromisso entre as propriedades do suporte e os requisitos perceptivos dos leitores. Nessa coleção, por diversas vezes, faltou esse compromisso.

É válido salientar que parte dos problemas de falta de unidade nos estilos aplicados nos textos da coleção e a dificuldade de leitura, deve-se aos critérios de normalização propostos pela ABNT. Com alterações de tempos em tempos, a revista, para manter-se dentro das normas técnicas definidas, precisou passar por modificações em sua escolha tipográfica e arranjo de seus elementos gráficos. Por outro lado, constata-se que o estilo para a indicação dos capítulos, por exemplo, na maioria das edições, manteve-se com todos os caracteres escritos em caixa alta, por indicação da Associação.

No livro “Livros, Editoras e Projetos”, Plínio Martins Filho, atual diretor-presidente da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), diz: “Não podemos seguir, de forma estrita, as normas da ABNT, pois todos os livros seriam padronizados de modo idêntico” (MARTINS FILHO, 1997, p.60). Citando Emanuel Araújo, o autor completa: “...a editoração deve segui-la de modo mais flexível e atendo-se à feitura de uma boa diagramação, que facilite a leitura” (ARAÚJO apud MARTINS FILHO, 1997, p.60). Aqui, percebe-se que na publicação de livros acadêmicos os editores têm mais liberdade em seguir ou não à normalização proposta pela

ABNT, a ponto de decidirem não seguir suas indicações na busca da melhor legibilidade. Entretanto, isso não é possível na edição de periódicos científicos, uma vez que faz parte dos requisitos para uma boa pontuação na avaliação de publicações desse tipo estar dentro da normalização indicada pela Associação. Assim, permite-se dizer que a melhoria da legibilidade e *readability* dos periódicos científicos, em especial, da revista da FABICO, está ligada à possibilidade de certas normas técnicas serem repensadas pelas instituições competentes, ou aplicadas de maneira correta, mas não tão estrita.

Destacam-se, por fim, problemas de produção gráfica relacionados à qualidade de impressão, montagem e acabamento dos exemplares. Estes comprometem os projetos nas etapas de finalização alterando, por exemplo, o formato previsto a partir de um refile incorreto.

CONCLUSÃO

Com o intuito de melhor compreender a relação entre os projetos editorial e gráfico de periódicos científicos com vistas à sua qualificação, este trabalho dedicou-se a compreender as particularidades do periódico científico impresso. Refletiu-se sobre a sua história, função e os critérios utilizados na sua avaliação; sistematizaram-se as etapas do processo de design, avaliando sua relação com a produção de periódicos. Resgataram-se dados sobre a trajetória da revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, analisando a coleção publicada até o momento de realização deste trabalho, destacando a perspectiva do planejamento gráfico.

Por ser uma publicação editada em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico, é essencial que seu projeto gráfico esteja afinado ao seu projeto editorial, a fim de que se pense na apresentação visual dos volumes no sentido de se ter uma coleção com unidade gráfica. Com a conceituação dos elementos do design editorial que podem qualificar a comunicação por este tipo de publicação, entre eles, a definição de um diagrama que guie a editoração eletrônica de todas as edições e escolha tipográfica que facilite a leitura, eliminando ao máximo as barreiras entre autor e leitor, estabeleceram-se premissas para um design eficiente de periódicos científicos.

Os dados levantados em relação à Faculdade e à própria revista resgatam parte importante da história institucional, permitindo ampliar o entendimento sobre o objeto de estudo

escolhido. Com a análise do projeto gráfico dessa coleção, percebeu-se que ela apresenta dois problemas principais: (1) falta de unidade na apresentação visual do periódico, à qual deveria ter sido dado um sentido de coleção e (2) falhas na escolha tipográfica da publicação, ocasionando principalmente a dificuldade de leitura dos textos. Deste modo, a falta de unidade do projeto gráfico da revista, fruto da ausência de definição de um projeto base para todos os volumes, prejudica a imagem do periódico perante seus leitores.

Cada meio utilizado para a comunicação científica possui características peculiares, em função do suporte para o qual é composto, as quais determinam requisitos perceptivos para seus receptores. No caso de periódicos científicos impressos, é fundamental que o projeto gráfico dessas publicações facilite ao máximo a legibilidade dos trabalhos, assegurando sua eficácia comunicacional. Para isso, como visto nesse estudo, é importante que os envolvidos no processo de edição da revista da FABICO repensem a maneira como seu projeto gráfico vem sendo apresentado, integrando-o a uma política editorial mais clara e organizada. Com isso, se poderia minimizar o impacto das dificuldades financeiras e operacionais por vezes difíceis de serem evitadas no contexto da Universidade.

Salientou-se ainda que parte dos problemas de falta de unidade nos estilos aplicados nos textos da coleção e a dificuldade de leitura deve-se aos critérios de normalização propostos pela ABNT. Com alterações de tempos em tempos, a revista, a fim de manter-se dentro das normas técnicas definidas, precisou passar por modificações em sua escolha tipográfica e arranjo de seus elementos gráficos. Como visto no terceiro capítulo, alguns estilos utilizados na publicação, com todos os caracteres escritos em maiúsculas, aparecem dispostos desse modo por indicação da Associação. Assim, permite-se dizer que a melhoria da legibilidade dos periódicos científicos, em especial da revista da FABICO, está ligada também à possibilidade de certas normas técnicas serem repensadas pelas instituições competentes.

Por fim, esperamos que o presente trabalho possa servir como referência para a elaboração de propostas que possam qualificar a revista da Faculdade de Biblioteconomia e

Comunicação, dando conta de atender suas funções de ser arquivo da ciência, veículo de comunicação do saber, e também meio de conferir prestígio e reconhecimento aos pesquisadores. Como esta monografia procurou demonstrar, tais funções passam pela atividade de planejamento gráfico.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT. NBR 6023: Informação e Documentação**: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT. NBR 14724: Informação e Documentação**: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS. **Abc da ADG**: Glossário de termos e verbetes utilizados em desing gráfico. São Paulo: Associação dos Designers Gráficos, s.d.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1995.

GLOSSÁRIO DE DTP E TERMOS USADOS NA PRODUÇÃO GRÁFICA. Disponível em: <http://www.lightseed.com.br/glossario/>. Acesso em: 18 jun. 2005.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design Gráfico**: do invisível ao inlegível. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

HOELTZ, Mirela. **Design Gráfico** - dos espelhos às janelas de papel. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/hoeltz-mirela-design-grafico.html>>. Acesso em: 5 jun. 2005.

HOUGHTON, Bernard. **Scientific Periodicals**: their historical development, characteristics and control. Londres: The Central Press, 1975.

HURLBURT, Allen. **Layout**: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 1986.

KRZYZANOWSKI, Rosali Favero; FERREIRA, Maria Cecília Gonzaga. Avaliação de Periódicos Científicos e Técnicos Brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.27, n.2, p.165-175, maio/ago. 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAMBERT, Jill. **Scientific and Technical Journals**. Londres: Clive Bingley Limited. Grã-Bretanha: Redwood Burn Limited, 1985.

MARTINS FILHO, Plínio. et al. **Livros, Editoras e Projetos**. São Paulo: Ateliê Editorial: Com-Arte: São Bernardo do Campo, SP: Bartira, 1997.

MARTINS FILHO, Plínio. **Edusp: um projeto editorial**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MEADOWS, Arthur Jack. **A Comunicação Científica**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MELO, Chico Homem de (org). **Design Gráfico Caso a Caso: como o designer faz design**. São Paulo, ADG Brasil, 2000.

MELO, Francisco Homem de. **O Processo do Projeto**. In: O valor do design: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. São Paulo: Editora Senac São Paulo; ADG Brasil – Associação dos Designers Gráficos, p.91-105, 2003.

OLIVEIRA, Marina. **Produção Gráfica para Designers**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

PORTAL DAS ARTES GRÁFICAS. Disponível em:
<<http://portaldasartesgraficas.com/glossario.htm#G>>. Acesso em: 18 jun. 2005.

PEDROSO, Rosa Nívea. Um Projeto Pedagógico se Transforma em Projeto Científico Internacional: uma pequena história da Revista de Biblioteconomia e Comunicação. In: **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**. Porto Alegre, vol.8, p.291-292, jan./dez. 2000.

QUALIS – CLASSIFICAÇÃO DE PERIÓDICOS, ANAIS, JORNAIS E REVISTAS (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 19 jun. 2005.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. 8ª ed. Brasília: LGE Editora, 2003.

SANTOS, Jussara Pereira; SILVEIRA, Itália Maria Falceta. FABICO, Fragmentos de Uma Trajetória. In: **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**. Porto Alegre, vol.8, p.275-290, jan./dez. 2000.

SANTOS, Jussara Pereira. Apresentação. In: **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**. Porto Alegre, vol.8, p.5, jan./dez. 2000.

SANTOS, Jussara Pereira. Apresentação. In: **Em Questão**. Porto Alegre, vol.9, n.1, p.3, jan./jul. 2003.

SIGNORINI, Márcia. **Produção Gráfica**. In: O valor do design: guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. São Paulo: Editora Senac São Paulo; ADG Brasil – Associação dos Designers Gráficos, 2003, p.135-147.

SOUZA, Denise Helena Farias de. **Publicações Periódicas: processos técnicos, circulação e disseminação seletiva da informação**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1992.

STUMPF, Ida Regina Chitto. **Revistas Universitárias, projetos inacabados**. São Paulo: USP, 1994. (Tese de doutorado)

_____. Periódicos científicos. **Documentos ABEED**, 8. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ensino em Biblioteconomia e Documentação, 1998.

_____. Avaliação das revistas de comunicação pela comunidade acadêmica da área. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.25-38, jan./jun. 2003.

TARGINO, Maria das Graças. **Comunicação Científica na Sociedade Tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão**. Brasília, 1998. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de Brasília, 1998. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt11/11t10.PDF>>. Acesso em: 10 mar. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/a_ufrgs/index.asp. Acesso em: 3 jun. 2005.

ANEXOS

ANEXO 1

ANEXO 4
Modelo para avaliação de periódicos científicos – Áreas de Humanas

Título _____		Instituição _____		Estado _____		Agência Financiadora _____	
Volume(s) _____		N.º _____		Ano _____			
1	Normalização						
1.1	Periódico no todo						02
1.1.1	Legenda bibliográfica						01
							02
							01
1.1.2	ISSN						02
1.1.3	Endereço						01
1.1.4	Periodicidade						01
1.1.5	Instruções aos autores						01
							02
1.2	Fascículo						01
1.2.1	Sumário						02
1.2.2	Referências bibliográficas						01
							02
							01
							02
1.3	Artigos						01
1.3.1	Filiação autor						03
1.3.2	Resumos só no idioma do texto						02
1.3.3	Resumos só em outro idioma que não o do texto						02
1.3.4	Resumos bilíngues						04
1.3.5	Descritores						02
							01
1.3.6	Data de recebimento e/ou publicação dos artigos						01
							01
2	Duração						
2.1	Tempo ininterrupto de existência						01
							01
3	Periodicidade						
3.1	Intervalo regular de aparição						00
							01
							02
							03
							04
							05
							01
							01
							01
							01
4	Indexação						
4.1	Inclusão em bibliografias, abstracts, sumários correntes impressos ou em CD-ROM						05
							05
5	Difusão						
5.1	Formas de distribuição						03
							01
5.2	Existência em coleções razoavelmente completas em bibliotecas do sistema						01
							01

6 Colaboração e divisão conteúdo

6							
6.1	Autoria						03
							05
6.2	Divisão conteúdo						05
6.2.1	Artigos/Ensaio						05
6.2.2	Comunicação						03
6.2.3	Cartas, documentos, registros, relatos						02
6.2.4	Resenhas bibliográficas						02
6.2.5	Entrevistas, depoimentos etc.						01
6.2.6	Outros						01

Escala de valorização

Nº de pontos	Desempenho
até 30	Fraco
de 31 a 55	Mediano
de 56 a 80	Bom
acima de 80	Muito Bom

Obs.:
Data:
Desempenho:
Total:
Avaliador:

ANEXO 2

REVISTA DE

V. 1 N.º 1 JAN./JUN. 86

BIBLIOTECONOMIA & COMUNICAÇÃO

REVISTA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UFRGS

PORTO ALEGRE

Comunicação:
o exercício da utopia página 3

Publicidade: relação
agência e cliente página 7

Moda: código de
de (in)comunicação página 10

O lugar e a vez
da bunda nos MCM página 12

Ensaio
fotográfico página central

Biblioteconomia e
mudança de imagem página 16

Bibliotecários
para quê? página 20

O bibliotecário e o
atual contexto social página 23

Duplicata

EX-6





REVISTA DE
**BIBLIOTECONOMIA
e COMUNICAÇÃO**

VOLUME 2 - 1987

MERCADO DE TRABALHO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

MERCADO DE TRABALHO PARA BIBLIOTECÁRIOS NO RGS

NOTAS SOBRE AS CONDIÇÕES DE LEGITIMAÇÃO DA IMPRENSA

UMA CONCEPÇÃO CURRICULAR DE FORMAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS
PARA A MUDANÇA

AVALIAÇÃO: PROVOCAÇÃO DA APRENDIZAGEM

BIBLIOTECA COMO LABORATÓRIO DO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM

IMPRENSA E PODER

FOTORREPORTAGEM

O LIVRO E A LEITURA NO BRASIL

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS VEÍCULOS DE INFORMAÇÃO IMPRESSOS
NO MOVIMENTO SINDICAL/OPERÁRIO

A FEIRA DO LIVRO COMO MECANISMO DE INTEGRAÇÃO CURRICULAR
DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFRGS

REFLEXÕES SOBRE ATUAÇÕES DO RELAÇÕES PÚBLICAS

BIBLIOTECA COMO AGENTE DE DOMINAÇÃO

FANTÁSTICO: VÍDEO-CLIP DO READER'S (IN) DIGEST

VERSÃO, REVERSÃO E CONVERSÃO

A CRÍTICA DE ARTES CONTRA A LIBERDADE DE SENTIR

ESTÉTICA E CONTEÚDO DA VIOLÊNCIA



REVISTA DE
**BIBLIOTECONOMIA
e COMUNICAÇÃO**

VOLUME 3 — 1988 —



Foto de Leopoldo Plentz.

 REVISTA DE
**BIBLIOTECONOMIA
& COMUNICAÇÃO**

VOLUME 4 JANEIRO/DEZEMBRO 1989 ISSN: 0103 - 0361

**A Novela
como Narrativa
sobre Opressão
e Mudança**

**Canais, Fontes
e Uso da
Informação Científica**



REVISTA DE
**BIBLIOTECONOMIA
& COMUNICAÇÃO**

VOLUME 5 JANEIRO/DEZEMBRO 1990 ISSN: 0103-0361

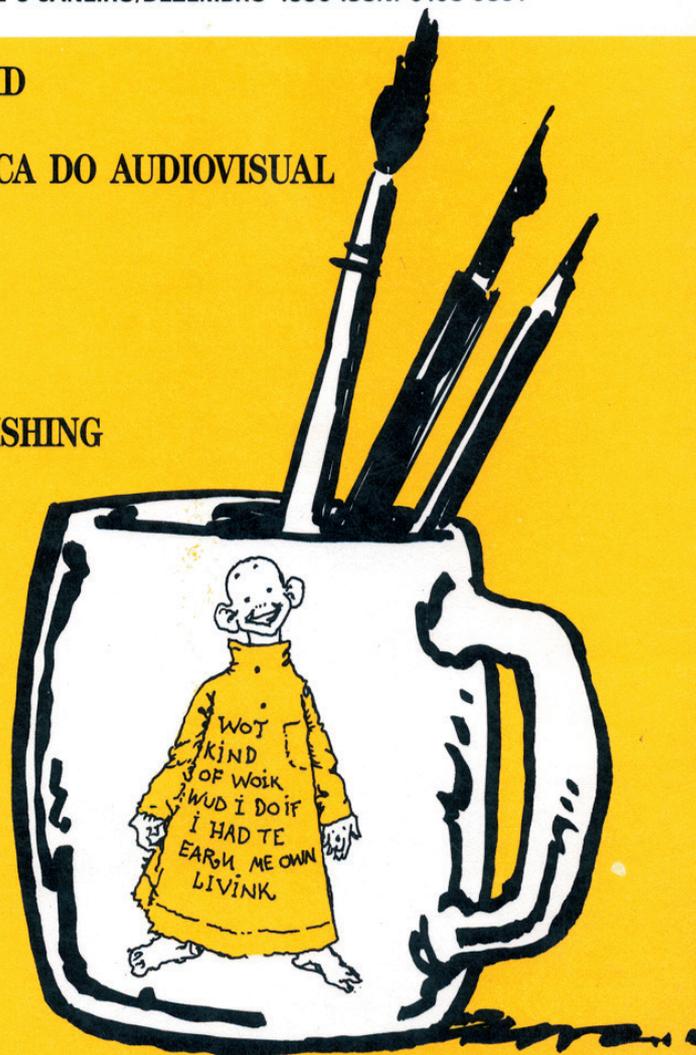
THE YELLOW KID

SOCIOSEMIÓTICA DO AUDIOVISUAL

MARKETING

LIVROS RAROS

DESKTOP PUBLISHING



B&C

Revista de Biblioteconomia & Comunicação

6

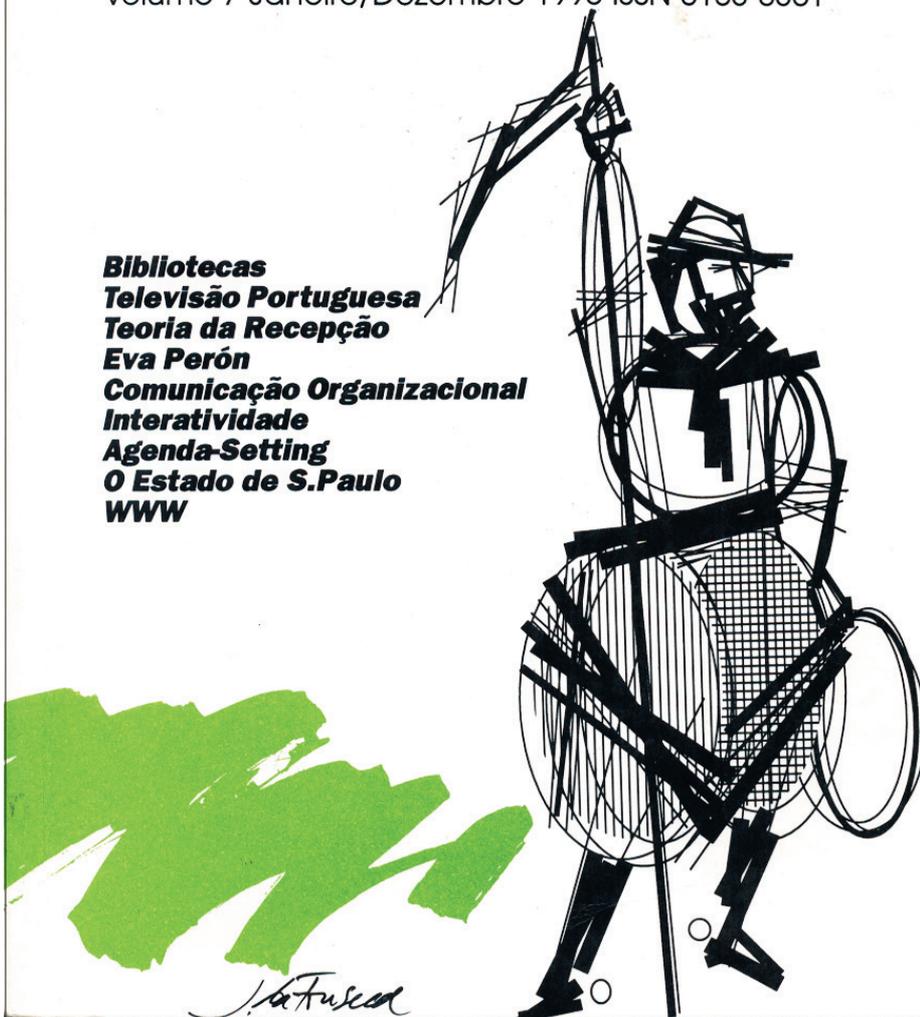
Volume 6 Janeiro/Dezembro 1994 ISSN: 0103-0361



Revista de 7 Biblioteconomia & Comunicação

Volume 7 Janeiro/Dezembro 1996 ISSN 0103-0361

Bibliotecas
Televisão Portuguesa
Teoria da Recepção
Eva Perón
Comunicação Organizacional
Interatividade
Agenda-Setting
O Estado de S.Paulo
WWW



Revista de Biblioteconomia & Comunicação



8

Volume 8 Janeiro/Dezembro 2000 ISSN 0103-0361



FABICO,
30 anos
1970 - 2000

R.Bibliotecon. & Comun. | Porto Alegre | v. 8 | p.1- 344 | jan./dez. 2000

em questão

VOLUME 9 JANEIRO A JUNHO 2003

REVISTA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UFRGS

em questão

VOLUME 9 Nº 2 JULHO A DEZEMBRO 2003

REVISTA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UFRGS

GLOSSÁRIO

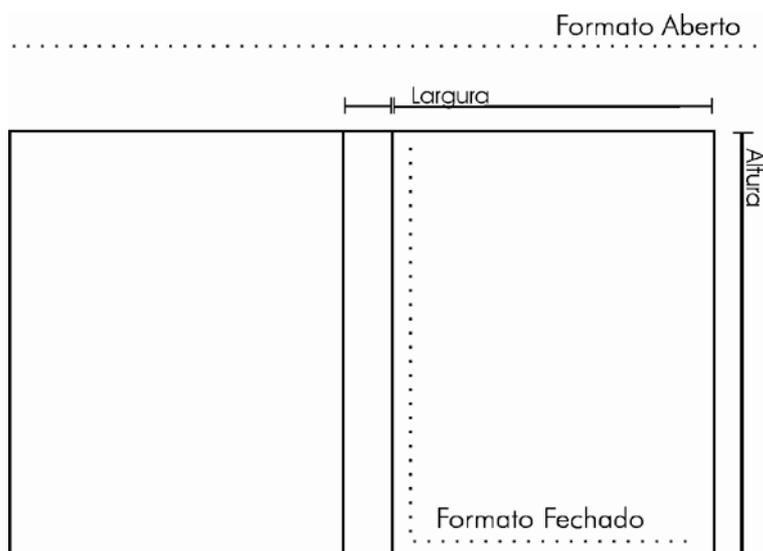
Briefing: Originalmente, na língua inglesa, significa resumo. No Brasil, o termo é utilizado por profissionais da área de criação gráfica para designar as informações e séries de referências fornecidas sobre o produto ou objeto a ser trabalhado, seu mercado e objetivos. O *briefing* sintetiza os objetivos a serem levados em conta para o desenvolvimento do trabalho.

Capa brochura: Feita com o mesmo papel do miolo ou com um tipo de papel um pouco mais encorpado. É comum nesse caso a encadernação canoa (dobra-e-grampo), de lombada quadrada e livros com costura e cola. A gramatura do papel utilizado é em torno de 250.

Croquis: Nos trabalhos gráficos, é o mesmo que esboço.

Edição: Conjunto de exemplares de uma só tiragem.

Formato: Conjunto das dimensões características de qualquer obra. O formato fechado de uma publicação é a medida da altura pela largura da edição fechada, enquanto o formato aberto inclui, além da medida da capa, as medidas da lombada, contracapa e orelhas (se houverem).



Fotocomposição: Processo de reproduzir a composição de textos por meios fotográficos.

Fotolitografia: Processo de impressão litográfico segundo o qual a imagem ou texto é transferido para a chapa (zinco) com o auxílio da fotografia.

Gramatura: Valor que exprime o peso, em gramas, de uma folha com um metro quadrado de área de um determinado papel.

Itálico: Tipo inclinado que se emprega em várias circunstâncias. “Italizar” um caractere significa incliná-lo.

Laminar: Processo de reforçar papel frágil usualmente através da colagem de folhas transparentes, translúcidas e finas.

Logotipo: Forma gráfica específica para uma palavra, de modo a caracteriza-la com uma personalidade própria. Elemento de identidade visual comumente denominado, abreviadamente, de logo.

Lombada Quadrada: Maneira de encadernação, em geral aplicado com equipamento que faz pequenas incisões no dorso da publicação, nas quais penetra cola derretida.

Mancha: A parte impressa da página

Margem: Espaço deixado livre na cabeça, ao pé ou nos lados da composição gráfica.

Miolo: Conjunto de folhas que constituem o interior de um [livro](#) ou publicação.

Número de Cores de Impressão: Em geral, está indicado com a informação do número de cores de um lado do papel X número de cores do verso. Exemplos: 1X0 cores – significa que há uma cor de impressão em um dos lados e não há nada impresso do outro lado do papel. 2X1 cores – indica que há impressão em duas cores de um lado do papel e de uma cor em seu verso.

Offset: Também chamado litografia. Forma comercial da impressão litográfica. O offset é um método de impressão planográfico, sendo o único método importante de impressão no qual a área da imagem e o da não-imagem na chapa de impressão estão no mesmo plano. Elas são separadas por meios químicos, dentro do princípio de que gordura (tinta) e a água não se misturam. A tinta é transferida da chapa para um suporte de borracha e daí para o papel. Portanto, pelo fato de a imagem não ser transferida diretamente da chapa para o papel, o sistema é classificado como de impressão indireta.

Offset Plana: Impressoras que trabalham sobre papel em folhas.

Offset Rotativa: Impressoras que trabalham com alimentação de papel em bobinas. Esse tipo de impressora é indicado para rodar revistas, tablóides e jornais em função da sua alta produtividade e rapidez, além da facilidade de ter cadernos em sua saída.

Papel Offset: Fabricado essencialmente com pasta química branqueada, bem colado internamente, com elevada resistência superficial, com aplicação de revestimento superficial na prensa de cola, e um conteúdo de carga mineral entre 10% e 15% de cinzas. Alguns fabricantes produzem um papel diferenciado (geralmente mais branco) dando nome comercial específico. É utilizado principalmente na impressão de revista, livros, selos, folhetos, cartazes etc. pelo processo off set.

Refile: Cortes no papel necessários a finalização do impresso. Pode ser realizado em diversas etapas da produção.

Resolução ou DPI: Refere-se ao número de pontos por polegada (dpi, dots per inch). Quanto maior for o número de dpi, ou resolução, mais fiel e melhor será a qualidade da impressão. O

nível de resolução pode dizer a respeito do que se vê também na tela. Um monitor com alta resolução exibe imagens de maior acuidade visual.

Sangria: Um excesso de área impressa que ultrapassa o limite da área de corte. Páginas com essa característica, normalmente, são chamadas “sangradas”.

Tiragem: Número de exemplares de uma edição impressos de uma só vez.

Verniz: Pode ser usado para efeito gráfico, valorização do impresso ou maior resistência ao calor, manuseio, etc.